



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MARIA DOS SANTOS DE JESUS SILVA

**OS SEM RELIGIÃO:
Motivações e causas junto aos jovens do Ensino Médio das
escolas públicas e privadas de Boa Vista/RR**

Recife 2015

MARIA DOS SANTOS DE JESUS SILVA

OS SEM RELIGIÃO:

**Motivações e causas junto aos jovens do Ensino Médio das
escolas públicas e privadas de Boa Vista/RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco como parte dos requisitos à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião, elaborada sob a orientação do prof. Dr. Gilbraz de Sousa Aragão.

Recife 2015

MARIA DOS SANTOS DE JESUS SILVA

**OS SEM RELIGIÃO:
Motivações e causas junto aos jovens do Ensino Médio das escolas públicas e
particulares de Boa Vista/RR**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial
à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Recife (PE), ____ de _____ 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Sérgio Sezino Douets Vasconcelos
(Avaliador Interno)

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão
(Orientador)

Maria Betânia do Nascimento Santiago
(Avaliadora externa)

Dedico a Deus pelo dom da vida e a Energia do Espírito Santo que me deu saúde e sabedoria para realizar este trabalho; a meus pais Anunciada Aurora de Jesus e Isaías Salustiano da Silva (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para esta pesquisa. À equipe das Escolas Estaduais Airton Senna da Silva, Ana Libória, Gonçalves Dias, Colmeia, Instituto Batista de Roraima e alunos participantes da pesquisa, através dos questionários, pela aceitação e colaboração para a realização deste trabalho.

Às coordenações lideradas por Gilbraz de Souza Aragão e Newton Darwin de Andrade Cabral, e aos professores do programa de mestrado em Ciências da Religião, Sérgio Sezino Douets, Drance Elias da Silva Vasconcelos, Luís Alencar Libório, Luiz Carlos Luz Marques, João Luiz Correia Júnior, Zuleica Dantas Pereira Campos.

Ao Professor Dr. Gilbraz de Souza Aragão, pelo apoio, paciência e compreensão, não somente no decorrer da orientação, durante todo o processo.

Ao professor Drance Elias da Silva, pelo apoio e orientação no início do processo.

À Professora Dra. Maria Betânia do Nascimento Santiago, pelas colaborações que nortearam a finalização da pesquisa.

À Professora Lenir Rodrigues dos Santos, por ter oportunizado aos professores do Ensino Religioso a realização deste mestrado.

Ao Professor Dr. Antonio Tolrino de Rezende Veras, coordenador do curso de Geografia e do Instituto Geopolítico da UFRR - IGEO e a sua equipe, pelo trabalho do processamento dos dados, que muito contribuiu na realização desta pesquisa.

Ao amigo Manoel e Jacilda Rabelo, pelo apoio e incentivo no início da caminhada.

RESUMO

Esta Dissertação tem como objetivo analisar as causas, o conceito e apresentar as motivações que levam os indivíduos a se declararem “sem religião” em Roraima, considerando o resultado das pesquisas do Censo/ IBGE no período de 2000 a 2010. Para tornar viável esta pesquisa, a metodologia utilizada centralizou-se na pesquisa bibliográfica, de Marià Corbí e de vários autores do campo religioso brasileiro, e na Pesquisa de Campo com a aplicação de um Questionário Misto de 10 questões a uma amostra de 756 estudantes na faixa etária de (15 a 20 anos) declarados “sem religião”, nas escolas da Rede Pública Estadual e Rede Particular de Ensino de Boa Vista. Em Roraima, constata-se que o fenômeno dos “sem religião” já ocupa o terceiro lugar na classificação das religiões no Estado e que a maioria dos declarados “sem religião” não tem vínculo com a Igreja, instituição religiosa, mas acredita em Deus. É um grupo composto de diversos credos religiosos e, em número pequeno, identificou-se a presença de indivíduos ateus e agnósticos. Intui-se que os jovens “sem religião” de Roraima, seguindo as mesmas características dos “sem religião” dos demais estados brasileiros, podem estar buscando a experiência de uma espiritualidade fora da instituição religiosa, mas não no modelo sem crença, sem mito, sem símbolos, teorizado em Marià Corbí (2010), que acredita em uma espiritualidade sem religião, cultivada pela via do conhecimento silencioso.

Palavras-chave: Espiritualidade não religiosa. Marià Corbí. Conhecimento silencioso. Sem religião

ABSTRACT

This Dissertation has as objective to analyze the causes, the concept and to present the motivations to verify the number of the individuals declared “without religion” in Roraima, considering the result of the Census / IBGE, from 2000 to 2010. To turn viable this research, it was used a methodology that consists of the bibliographical research of Marià Corbí and several authors of the Brazilian religious field and in the research of field with the application of a mixed questionnaire of 10 subjects to a sample chosen of 756 students at the age group of 15 to 20 years, declared " without religion ", in the Public State Schools and the Peculiar ones of Boa Vista. In Roraima it is verified that the phenomenon of the "without religion" already occupies the third place in the classification of the religions in the State and that most of the declared " without religion " don't have entail with the Church, religious institution, but they believe in God. It is a group composed of several religious credos and, in small number, they identified the atheistic and ‘agnostic individuals’ presence. It is sensed, that the youths "without religion" of Roraima following the same characteristics of the ‘without religion’ of the other Brazilian states. They are looking for the experience of a spirituality out of the religious institution, but not in the model without faith, without myth speculated in Marià Corbí 2010, that it believes in a spirituality without religion, cultivated by the road of the silent knowledge.

Key words: Religion. Spirituality non religious person. Marià Corbí. ‘Without religion’.

LISTA DE GRÁFICOS DA REALIDADE DAS ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES

Gráfico 1	Escola Pública – Gráfico 1 – Faixa etária	62
Gráfico 2	Escola Particular – Gráfico 2 – Faixa etária	62
Gráfico 3	Escola Pública – Gráfico 3 – Estado civil	63
Gráfico 4	Escola Particular – Gráfico 4 – Estado civil	63
Gráfico 5	Escola Pública – Gráfico 5 - População das escolas públicas por gênero	64
Gráfico 6	Escola Particular – Gráfico 6 - População das escolas particulares por gênero	64
Gráfico 7	Escola Pública – Gráfico 7 - Crença em Deus	65
Gráfico 8	Escola Particular – Gráfico 8 - Crença em Deus	65
Gráfico 7.1	Escola Pública – Definição de Deus	66
Gráfico 8.1	Escola Particular – Definição de Deus	66
Gráfico 9	Escola Pública – Sobre religião	67
Gráfico 10	Escola Particular – Sobre religião	67
Gráfico 9.1	Escola Pública – A Religião de cada questionado	68
Gráfico 10.1	Escola Particular – A Religião de cada questionado	68
Gráfico 11	Escola Pública – A Igreja que participa	69
Gráfico 12	Escola Particular – A Igreja que participa	69
Gráfico 13	Escola Pública – Igreja que já frequentou	70
Gráfico 14	Escola Particular – Igreja que já frequentou	70
Gráfico 13.1	Escola Pública – Motivo pelo qual deixou de frequentar?	71
Gráfico 14.1	Escola Particular – Motivo pelo qual deixou de frequentar?	71
Gráfico 15	Escola Pública – Frequência na igreja	72
Gráfico 16	Escola Particular – Frequência na igreja	72
Gráfico 17	Escola Pública – Atos religiosos de outras igrejas	73
Gráfico 18	Escola Particular – Atos religiosos de outras igrejas	73
Gráfico 19	Escola Pública – Religião do pai	74
Gráfico 19.1	Escola Pública – Igreja que o pai frequenta	74
Gráfico 20	Escola Particular – Religião do pai	75
Gráfico 20.1	Escola Particular – Igreja que o pai frequenta	75
Gráfico 21	Escola Pública – Religião da mãe	76
Gráfico 21.1	Escola Pública – Igreja que a mãe frequenta	76
Gráfico 22	Escola Particular – A religião da mãe	77
Gráfico 22.1	Escola Particular – Igreja que a mãe frequenta	77

LISTA DE GRÁFICOS DO RESULTADO GERAL DOS DADOS TABULADOS

Gráfico 1	Gráfico 1 – Faixa etária	80
Gráfico 2	Gráfico 2 – Estado Civil	81
Gráfico 3	Gráfico 3 – Sexo	81
Gráfico 4	Gráfico 4 – Crença em Deus	82
Gráfico 4.1	Gráfico 4.1 – Questionamento sobre a definição de Deus	83
Gráfico 5	Gráfico 5 – Religião dos entrevistados	83
Gráfico 5.1	Gráfico 5.1 – Pertença religiosa dos entrevistados	84
Gráfico 6	Gráfico 6 – Igreja de que participa	85
Gráfico 7	Gráfico 7 – Igreja e religião que frequentou	85
Gráfico 7.1	Gráfico 7.1 – Motivo pelo qual deixou igreja	86
Gráfico 8	Gráfico 8 – Frequência à igreja/templo	86
Gráfico 9	Gráfico 9 – Frequência a atos religiosos de outras religiões	87
Gráfico 9.1	Gráfico 9.1 – Pertença religiosa do pai	87
Gráfico 9.2	Gráfico 9.2 – Igreja que o pai frequenta	88
Gráfico 9.3	Gráfico 9.3 – Pertença religiosa da mãe	88
Gráfico 9.4	Gráfico 9.4 – Igreja que a mãe frequenta	89
Gráfico 10	Gráfico 10 – Definição de religião dos entrevistados	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Religião.....	26
Quadro 2	Censo (dados de 1872 – 1991).....	46
Quadro 3	Censo (dados de 1950 – 2010).....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 OS “SEM RELIGIÃO”: DE ONDE VEM E PARA ONDE VÃO.....	18
1.1 Secularizações e dessecularização.....	19
1.1.1 Problematização do conceito “sem religião”	24
1.1.2 Ateísmo filosófico moderno	29
1.1.3 Ateísmo científico Pós-moderno	33
1.1.4 Teoria da secularização e a hipótese “Pós-religional” de Corbí.....	35
1.2 Reflexão sobre os Dados Atuais.....	46
1.2.1 Os “sem religião” na história dos censos brasileiros.....	48
1.2.2 Os “sem religião” no Brasil: números e análises.....	51
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS DADOS PESQUISADOS: QUEM SÃO OS ESTUDANTES PESQUISADOS, SEUS CONTEXTOS E TRAJETÓRIAS DE VIDA	60
2.1 Realidades das Escolas Públicas e Particulares.....	62
2.1.1 Apresentação dos dados tabulados	80
2.1.2 Discussão Metodológica da Pesquisa de Campo: resultado da coleta dos dados.....	90
3 OS “SEM RELIGIÃO” EM RORAIMA	94
3.1 Os “Sem Religião” em Roraima: números e comentários.....	98
3.2 Os Jovens “Sem religião” de Roraima e a espiritualidade não religiosa de Corbí.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	117

INTRODUÇÃO

Na perspectiva de entender o fenômeno dos “sem religião” em Roraima, propomo-nos pesquisar esse tema novo e polêmico que intriga os cientistas sociais e da religião no Brasil. A escolha do tema partiu da curiosidade em compreender o que leva um indivíduo a se autodeclarar “sem religião” e constatar se, realmente, os números apontados pelo IBGE eram verdadeiros, considerando, o alto índice de pessoas declaradas “sem religião” para o número da população do Estado, se comparado aos grandes centros urbanos do país.

Nosso objeto de estudo foram os alunos das 3^{as} séries do Ensino Médio Regular de três escolas da Rede Pública Estadual e duas da Rede Particular de Ensino, elementos fundamentais para a realização dos nossos objetivos, na análise das causas, do conceito e na apresentação das motivações que nos possibilitaram compreender os diversos fatores sociais que contribuem para o indivíduo se autodeclarar “sem religião”.

Os dados foram fundamentados no levantamento dos resultados das pesquisas sobre religião desenvolvidas pelo IBGE, no período de 2000 a 2010, e analisados pelos pesquisadores do campo religioso brasileiro. Para alcançar nossos objetivos, utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, aplicação de um Questionário Misto de 10 questões a uma amostra de 756 estudantes, jovens e adolescentes (entre 15 e 20 anos). 756 é o total dos alunos das séries finais do Ensino Médio Regular das escolas selecionadas. Nas análises estatísticas, foram utilizadas técnicas de Estatística Descritiva: Moda, Média, Desvio Padrão, Percentuais, Distribuição de frequência e gráficos. Para as entrevistas com 10 estudantes escolhidos aleatoriamente entre os que responderam ao questionário, (cujo objetivo é constatar o resultado dos dados provenientes dos questionários e enriquecer a pesquisa), utilizou-se a técnica da história oral, “método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” Freitas (2002, p. 5). As escolas envolvidas no processo foram selecionadas pelo fato de estarem geograficamente localizadas no centro, e em torno do centro de Boa Vista, fato que favorece acolherem em seu quadro estudantil, uma grande diversidade de alunos das diferentes classes sociais, raça, cor e credo religioso.

Na pesquisa bibliográfica, foram utilizados vários trabalhos de pesquisadores do Campo Religioso brasileiro, entre eles: Teixeira, Faustino (2013); Camurça, Marcelo (2003); (Novaes, Renata) Altmann, Walter (2012); Rodrigues, Denise (2012), entre

outros que já falaram sobre os “sem religião”, os secularizados e o autor espanhol Marià Corbí, Doutor em Epistemologia e análise de configurações axiológicas humanas. O autor espanhol hoje coordena o Centro para o Estudo das Tradições de Sabedoria, CETR/ Barcelona. Nesta pesquisa, utiliza-se sua obra: para uma espiritualidade leiga sem crenças, sem religiões, sem deuses, como fonte norteadora para contribuir na compressão do fenômeno dos “sem religião” em Roraima.

Para Corbí, (2010), o desaparecimento do estilo de vida pré-industrial favoreceu o surgimento e a implantação das sociedades de conhecimentos e com elas a transformação das sociedades, provocadas pela generalização da industrialização, trazendo mudanças nas maneiras de pensar e de sentir, a ponto de o sistema de crenças, de preceitos e de valores coletivos compartilhados pelas sociedades durante séculos e com prestígio religioso, perder seu atrativo, sua credibilidade, porque seus ultrapassados axiomas tornaram-se incapazes de motivar e unir os indivíduos e as comunidades das novas sociedades industriais, o que provocou impactos nas grandes tradições religiosas. Dessa forma, a experiência espiritual do homem tende a ser cultivada por uma espiritualidade sem religião (2010, p.163).

Nesse sentido, o debate de Corbí torna-se essencial na compreensão de uma macrocontextualização história sobre os impactos que a industrialização causou às grandes tradições religiosas, identificando as causas do aparecimento do fenômeno dos “sem religião”. Portanto, verifica-se que esses fatores corroboram para a análise do fenômeno em Roraima.

No primeiro capítulo, abordamos a problematização da pesquisa, as questões do Ateísmo Moderno e Pós-moderno que nos ajudaram na compreensão do tema; a Reflexão sobre os Dados atuais que fomentou uma série de questionamentos sobre a evolução e consolidação da categoria dos “sem religião” no recenseamento brasileiro; a História dos Censos brasileiros, de suma importância para a situação do fenômeno dos “sem religião” na História socioeconômica, política, cultural e religiosa do Brasil, desde o ano de 1872, até os dias atuais e, por fim, Os “sem religião” no Brasil, números e análises que nos deram conhecimento sobre as várias pesquisas já realizadas com jovens sobre religião, contribuindo para identificar as diversas características dos jovens “sem religião”. Todas essas informações foram fundamentadas nos dados do IBGE, analisados pelos pesquisadores do campo religioso brasileiro que revelam ser o grupo dos “sem religião” formado por um número reduzido de ateus, agnósticos e por uma grande parte de indivíduos nomeados pelo IBGE de sem religião, procedentes de uma

ou de várias tradições religiosas, mas que não perderam sua fé, ou seja, acreditam em Deus. Para (ALTMANN, 2012) “Não se trata necessariamente de pessoas arreligiosas, contudo elas não mantêm vínculo de adesão a nenhuma instituição religiosa”.

“A religião uma vez superada sua missão de programar coletividades surge livre dos limites estabelecidos pelas crenças e pela ortodoxia exclusiva, e assume a forma de uma espiritualidade criativa e, por sua vez, herdeira da rica e diversificada tradição espiritual de toda humanidade” (CORBÍ, 2010, p. 201). Nessa perspectiva, a teorização de Marià Corbí leva a crer que as condições culturais da sociedade roraimense, envolvida no processo de secularização, contribuirão para o crescimento dos “sem religião” e para o germinar de uma espiritualidade autônoma da religião, cultivada pelo conhecimento silencioso, forma de conhecimento que habilita o homem a entender a existência sob uma nova perspectiva e a elaborar projetos congruentes aos desafios da vida contemporânea (2010, p. 201).

No segundo capítulo, cujo objetivo é analisar as causas e motivações que levaram os jovens a se declararem “sem religião”, as abordagens da temática são relacionadas à construção e à análise dos dados extraídos de um questionário Misto de 10 questões a uma amostra aleatória de 756 indivíduos estudantes somente das 3^a séries do Ensino Médio Regular (entre 15 e 20 anos), das Escolas Estaduais: Airton Senna da Silva, Ana Libória e Gonçalves Dias, e na Rede Particular as Escolas Colmeia e Instituto Batista de Roraima. Essas escolas foram selecionadas para a realização da Pesquisa de Campo por oferecerem à sociedade local apenas a modalidade de Ensino Médio e por se localizarem geograficamente no centro e em torno do centro de Boa Vista/RR, fato que proporciona às referidas escolas acolherem, em seu universo estudantil, alunos dos diversos e mais distantes bairros da cidade, o que caracteriza uma clientela estudantil bem diversificada com relação às variáveis, classe social, raça, cor e credo religioso. A referida pesquisa foi realizada no período de 11 a 29 de agosto de 2013. Após coletados, os dados foram levados ao laboratório de Geociências da Universidade Federal de Roraima – IGEO/UFRR, onde se deu o processamento e a elaboração dos gráficos. A Pesquisa de Campo foi prevalecte para o alcance dos objetivos e nos levou a compreender que, embora os “sem religião” assim se declarem, eles permanecem com a crença em Deus e buscam experimentar sua religiosidade fora dos limites da instituição religiosa. Daí a importância desta pesquisa e sua contribuição para a história do fenômeno dos “sem religião” em Roraima.

Neste segundo capítulo ainda foram trabalhadas 10 entrevistas, transcritas na íntegra com a finalidade de enriquecer a pesquisa.

No terceiro capítulo, trabalharam-se os “sem religião” em Roraima com espiritualidade, contextualizando o fenômeno no cenário religioso nacional, para sua melhor compreensão. A categoria dos “sem religião” ocupa a 3ª posição na classificação das religiões no Estado. A pesquisa de campo revelou ainda que, a maioria dos entrevistados acredita em Deus e o têm como uma Força superior inesgotável que se manifesta independente da pessoa ser ou não religiosa, de frequentar ou não um templo religioso. Renata Novaes justifica que o fato de o indivíduo não ter uma religião, “[...] abre tanto um espaço potencial para (re) iniciar adesões institucionais quanto para “interagir” sem vigilância eclesiástica ou familiar com pessoas de outras religiões” (2013, p. 115).

Ainda no 3º capítulo, apresenta-se uma análise panorâmica sobre os dados do fenômeno dos “sem religião” em Roraima, nas décadas de 2000 e 2010, quando o Estado aparece no topo das pesquisas, destacando-se no cenário religioso nacional com o alto índice de 13% de pessoas declaradas “sem religião”. Segundo Ribeiro (2013, p. 8), “O estado de Roraima é o que apresenta mais pessoas sem religião mais que o dobro da média nacional”.

Na análise sobre os “sem religião” de Roraima e a espiritualidade não religiosa de Corbí, abordou-se a desconstrução do sistema axiológico religioso produzido nas sociedades pré-industriais que Mariá Corbí caracteriza como “uma construção agrária, cujo modelo religioso se encontra em colapso nas sociedades atuais”. (2010, p.16). Segundo o autor, o desaparecimento do estilo de vida pré-industrial favoreceu o nascimento e a implantação das sociedades de conhecimento e com elas, a transformação das sociedades, propiciada pelo crescimento da industrialização, que provocou mudanças nas maneiras de pensar e de sentir, a ponto de o sistema de crenças, de preceitos e de valores coletivos, compartilhados pelas sociedades durante séculos e com prestígio religioso, perder seu atrativo, sua credibilidade, porque seus ultrapassados axiomas tornaram-se incapazes de motivar e unir os indivíduos e as comunidades das novas sociedades industriais, o que provocou impactos nas grandes tradições religiosas. Dessa forma, Corbí assegura que a “experiência espiritual do homem tende a ser cultivada por uma espiritualidade sem religião” (2010, p. 163). Também nesse item, pontuam-se algumas características da pesquisa de campo que se relaciona e se contrapõe às ideias de Marià Corbí. São concepções bem distintas, mas se deve

considerar que o conceito e a crença em Deus, nas sociedades atuais, estão, cada vez mais, tornando-se ambíguos.

1 OS “SEM RELIGIÃO”: DE ONDE VEM E PARA ONDE VÃO

Neste capítulo, trataremos do conceito dos “sem religião,” que geralmente tem uma religiosidade própria, porém sem vínculo institucional, surgido dos resultados da pesquisa do Censo IBGE sobre religião, no período de 2000 a 2010 e que norteará, nos próximos capítulos, a compreensão das causas e as motivações que levam muita gente hoje a se autodeclararem “sem religião”. Esse tema complexo e polêmico, que compõe e ocupa o terceiro lugar no cenário religioso brasileiro, questiona-nos e incentiva-nos a pesquisar sobre os jovens declarados “sem religião” junto aos alunos das 3^{as} séries do Ensino Médio Regular nas escolas da Rede Pública Estadual e Rede Particular de Ensino, na capital de Boa Vista/RR. A pesquisa bibliográfica será aprofundada nos pesquisadores do campo religioso brasileiro, entre eles: Teixeira, Faustino (2013); Camurça, Marcelo (2013); Novaes, Renata (2013) Altmann, Walter (2012); Rodrigues, Denise (2012), e outros que já falaram sobre os “sem religião” secularizados e o autor espanhol Marià Corbí. O objetivo desta pesquisa é analisar as causas, o conceito e apresentar as motivações que levam muita gente hoje a se autodeclarar “sem religião”, para compreender por que Roraima, com o menor número de habitantes e geograficamente distante dos grandes centros urbanos do país, é apontado como o Estado brasileiro com maior índice de pessoas “sem religião”, segundo os Censos de 2000/2010.

Em 2000, Roraima tinha 324.397 habitantes, desses, 28.487 declararam-se, na pesquisa, “sem religião”; em 2010, o número de habitantes no Estado passou para 450.479 e o número dos “sem religião” aumentou para 58.480 pessoas. Na capital Boa Vista, em 2000, havia 200.568 habitantes dos quais, 15.607 se declararam “sem religião”; em 2010, sua população passou para 284.313 habitantes e o número dos “sem religião” quase triplicou, chegando a 43.182 pessoas (SIDRA IBGE, 2013). Segundo Ribeiro (2013, p. 8), “o Estado de Roraima é o que apresenta mais pessoas sem religião (mais que o dobro da média nacional)”. Na visão de Ribeiro, a maioria desses indivíduos é formada de jovens, solteiros, desempregados, quando não, trabalham na construção civil sem carteira assinada; não casaram no religioso, têm idade entre 20 e 24 anos, migraram a menos de um ano, ocupam os extremos na escala social e “são os mais numerosos tanto na classe E como na classe AB”. Chama à atenção a alta presença de agnósticos com nível de mestrado e doutorado (RIBEIRO, 2013, p. 7).

1.1 Secularizações e dessecularização

Nas décadas finais do século XIX e primeiras do século XX, durante a expansão do capitalismo e as radicais transformações políticas e socioculturais que findaram no processo de modernização das sociedades europeias, os fundadores da sociologia como disciplina científica, Auguste Comte, Émile Durkheim e Max Weber juntamente com Karl Marx, deram seu contributo para que a religião se mantivesse no centro das investigações históricas e religiosas na formação da sociologia.

Segundo Mariano (2013, p. 233), na sua intelectualidade ideológica socialista, Marx descreveu a religião como “uma ideologia alienante, um instrumento de legitimação do Estado e das classes dominantes, uma fonte de dominação política e econômica, ópio e felicidade ilusória de sustentação das misérias materiais” Para Marx, a religião seria suplantada pela luta revolucionária de um novo modo de produção econômico e de uma sociedade sem classes.

Comte relegou a religião a uma fase pré-moderna da humanidade quando, com sua concepção teórica evolucionista e teológica, solicitou a substituição das superstições religiosas pelas crenças metafísicas e sua superação pelas ciências positivistas. Diante da perda das doutrinas religiosas, razão científica e ordem, passaram a ser, para Comte, elementos primordiais de incentivo na luta pelo progresso sociocultural e econômico de seu tempo. Mariano (2013, p. 233-234) atesta que, para Marx e Comte, a secularização constituía tanto um ideal societário quanto um projeto político, “ambos compartilhavam um imaginário secular comum manifesto, igualmente, em ideias, crenças e valores defendidos pelo movimento do livre pensamento e pelas sociedades secularistas da época, herdeiros da senha anticlerical e antirreligiosa do iluminismo”.

De acordo com (MARIANO, 2013), o individualismo, fortalecido pelo protestantismo, era visto para Durkheim a principal força secularizante a deteriorar o tradicional papel normativo e comunitário da religião. Foi Durkheim quem enfatizou a perda da importância da religião cristã como prática social e base normativa de coesão e solidariedade social na era moderna. Weber e Durkheim foram os fundadores da sociologia que mais dispensaram atenção à investigação dos fenômenos religiosos e seu impacto sociocultural e econômico. “Ambos estabeleceram uma forte associação entre modernidade e declínio da religião no Ocidente europeu; declínio tanto da autoridade e influencia dos poderes hierocráticos sobre os indivíduos e, especialmente, as

instituições públicas, jurídicas e econômicas etc.” Houve grande influência da referida associação na narrativa sociológica do desenvolvimento do mundo moderno. Assim, o então processo de modernização vigente na época reproduziria, mais tarde, os mesmos efeitos da modernização europeia, dentre os quais a secularização do estado e da política do ensino público e da cultura (MARIANO, 2013).

A escalada da especialização na sociologia e a expectativa de decadência da religião findaram elegendo a pesquisa teórico-empírica da religião a uma marginal posição por longo período do século XX, confiando-a, quase que exclusivamente, à responsabilidade dos especialistas sociólogos da religião. Contudo, “nas últimas duas décadas desabrocha um novo interesse da sociologia pela pesquisa do religioso e por sua influência sobre as relações de gênero, as identidades étnicas, a política, a democracia, a luta por reconhecimento e por direitos de cidadania, e daí por diante.” Muitos fatores contribuíram para esses avanços, entre eles,

[...] a emergência da pluralização e da polarização das identidades religiosas, o recrudescimento do ativismo político e eleitoral de agentes religiosos, a acelerada expansão de grupos fundamentalista em várias partes do mundo, a irrupção dos novos movimentos religiosos, a publicização controversa tese de Samuel Huntington sobre o “choque de civilizações” radicado numa oposição religiosa entre Islã e outras grandes religiões, bem como as contundentes críticas à teoria da modernização efetuadas pelos estudos pós-colonialistas e pela noção de múltiplas modernidades elaboradas por Schamuel Eisenstadr (MARIANO, 2013, p. 234-235).

Entretanto, antes da ocorrência desses fatos, as evidências empíricas de enfraquecimento das instituições, das crenças e das práticas religiosas, especialmente na Europa, com a expectativa de que o processo de modernização se estendesse pelo mundo, apreenderam por longo tempo a imaginação sociológica dos sociólogos da religião. Somente após a II Guerra é que a sociologia da Religião como subárea disciplinar especializada se desenvolveu e propagou-se nas universidades e centros de pesquisa, porém em alguns países como a França, esse fato ocorreu

em detrimento das sociologias religiosas a serviço de grupos religiosos e de suas pastorais, preocupados fundamentalmente com a rápida corrosão de suas bases locais e paroquiais ou, noutros termos, com os efeitos da secularização sobre a religião. (MARIANO, 2013, p. 235).

Depois dos clássicos, o primeiro grande movimento de estudos sobre religião, ocorrido nas décadas de 1960 e 1970 e liderado pelos pesquisadores europeus, Talcott Parsons, Robert Bellah, Peter Berger, Thomas Luckmann, Bryan Wilson, David Martin, Niklas Luhmann, que trataram justamente da teoria da secularização e que, segundo Mariano (2013, p. 235), José Casanova sintetizou-a e caracterizou-a em três, composições não integradas: (1) “secularização como diferenciação de esferas seculares das instituições religiosas”; (2) “secularização como declínio das crenças e práticas religiosas”; (3) “secularização como marginalização da religião para a esfera privada”. Os Estados Unidos têm apresentado contradições empíricas evidentes contra a segunda e a terceira proposições, mostrando a possibilidade de convivência entre o que há de mais moderno “na ciência, na Economia, na tecnologia etc, com a presença de elevados índices de crenças e práticas religiosas na população, com um pluralismo religioso vigoroso e com um forte ativismo político e midiático grupos religiosos, entre eles a Direita Cristã”. Mariano (2013, p. 235). O autor acrescenta ainda que a secularização como diferenciação funcional das instituições constitui a proposição mais sustentável dessa teoria e serve para explicar a secularização na Europa. Contudo, em outros países, deve-se considerar o papel exercido pela disseminação das categorias normativas e ideológicas, como público e privado, secular e religioso (MARIANO, 2013).

De acordo com Mariano, 2013, a teoria da secularização de Peter Berger é considerada a mais popular e mais influente, inclusive aqui no Brasil. Publicada em O Dossel Sagrado, por várias décadas foi considerada referência paradigmática na Sociologia da Religião, na qual Berger afirma “a separação entre Igreja e Estado, ao pôr fim ao monopólio religioso e abrir espaço para o avanço do pluralismo, destruiu o “dossel” religioso que englobava e integrava o conjunto da sociedade e, assim, dominava homogeneamente as consciências individuais”, consoante Mariano (2013, p. 236). Contudo, o pluralismo religioso enfraqueceu a religião, ao dissolvê-la como dever e herança tradicional, e tornar a pertença religiosas uma questão de livre escolha individual, ao multiplicar as estruturas de plausibilidade religiosas concorrentes e ao promover a revitalização, a privatização e a subjetivação do conteúdo dos discursos religiosos, tornando-os objeto de ceticismo e indiferença.

Porém, no ano de 1999, quando os debates sobre a teoria da secularização estavam em plena discussão, Berger publicou artigo em que rejeitou sua perspectiva pregressa de que a modernidade acarreta secularização, “defendeu ser “falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado”, registrou fenômenos de dessecularização

e pontificou que ‘toda a literatura escrita por historiadores e cientistas sociais vagamente chamada de “teoria da secularização” está essencialmente equivocada’ (MARIANO, 2013, p. 236).

Os expoentes da teoria da Economia religiosa de Rodney Stark, também chamada de teoria da escolha racional da religião, apresentaram na metade da década de 1980, uma inversão radical do núcleo da teoria da secularização de Berger que, segundo Mariano (2013, p. 237), “Laurence Iannaccone, Roger Finke e Rodney Stark sustentam que a desregulação estatal da religião, a liberdade, o pluralismo e a competição religiosos estimulam o ativismo, a militância, a eficiência e o vigor do trabalho realizado das organizações religiosas”. Esses fatos demandariam uma maior oferta de qualidade e diversidade dos bens e serviços religiosos, no atendimento de maior amplitude de busca e preferências religiosas, bem como na elevação do engajamento de adeptos, da mobilização e da participação religiosa da população. Essa perspectiva já postulada como adversária de teorias lineares da secularização, e considerada por Stephen Warner, um novo paradigma da sociologia da Religião, no início da década de 1990, tornou-se objeto de intensos debates. Contudo, (MARIANO, 2013), atesta que, conforme as evidências históricas, as pesquisas empíricas e as infundáveis controvérsias metodológicas e, pela falta de relação causal entre pluralismo religioso e participação da população, a posição de Berger foi refutada tanto quanto a teoria da Economia religiosa.

Para Mariano (2013), outra fonte de críticas às teorias da secularização e renovação da reflexão sociológica sobre o religioso e, conseqüentemente, o secular, foram os novos movimentos religiosos (NMR) da segunda metade do século XX, cujo progresso foi simultâneo ao afloramento da contracultura e dos novos movimentos sociais (feministas, ecológicos, étnicos, em defesa dos direitos civis etc.), (grifo do autor). O autor atesta ainda que o crescimento desses Novos Movimentos Religiosos gerou, em diversos países “acirradas controvérsias públicas, suspeitas e receios generalizados, sanções legais, ações políticas e administrativas, fortes reações de oposição da imprensa e de outras mídias, além da formação de entidades antisseitas por parte de dissidentes religiosos e familiares de adeptos”. (MARIANO, 2013, p. 238). Buscando compreender a razão da expansão desses movimentos, vários estudos monográficos foram realizados com o objetivo de interpretar e classificar os NMR. Nesses estudos, diversas hipóteses surgiram e, entre tantas, destacaram-se a anomia, a incerteza moral e, com relação ao futuro, Mariano (2013, p. 238) argumenta “a busca de verdade, espirituais em lideranças carismáticas e associações comunitárias, fenômenos

tidos como decorrentes das rápidas e turbulentas mudanças socioculturais, da cisão com as e emancipação das tradições, da globalização capitalista, da racionalização, entre outras”. O autor adere à emergência e à difusão dos NMR, destacando a *New Age*, os esoterismos e, do mesmo modo, as tendências de orientação de substituição de conceito de transcendência por imanência e das religiões e religiosidade pela espiritualidade, interpretadas igualmente como um dos fatores resultante do declínio das instituições religiosas, ou seja, os próprios efeitos do processo de secularização sobre as religiões tradicionais seriam, em parte, responsável pelo fragor dos NMR (MARIANO, 2013).

Segundo Mariano (2013), quando a religião secularizada no ocidente para de oferecer aos grupos e indivíduos o conjunto de normas, valores, símbolos e referências que lhes permitam facultar um sentido para a vida e suas experiências, ela perde, também, a credibilidade, a capacidade de prover socialização religiosa, bem como de regular a conduta dos indivíduos. A pretensão das religiões monoteístas de salvar, de reger e governar a vida inteira de cada indivíduo e da sociedade perde legitimidade e, como consequência, aumentam a crise de transmissão das tradições religiosas, a tendência de individualizações e subjetivação das crenças, a fragilização das pertencas e identidades religiosas (que se tornam escolha pessoal), a mobilidade religiosa e a irrupção sincrética, idiossincrática e privatizante de novas crenças, práticas e experiências religiosas (MARIANO, 2013). Contudo, enquanto as velhas bases tradicionais e conformistas da participação religiosa são corroídas, novos espaços de conversões e engajamentos religiosos de tendências fundamentalistas são abertos com a secularização (MARIANO, 2013).

1.1.1 *Problematização do conceito “sem religião”*

Segundo Andrade e Meneses (2013), o aumento do número dos “sem religião” não significa necessariamente o aumento da descrença religiosa. O Censo de 2010 indica que boa parte das pessoas declaradas “sem religião” acredita no transcendente ou não o negam completamente, no caso, os agnósticos. “As pessoas participam ou participavam de religiões institucionais sem poder de regulação, frequentadas por indivíduos/grupos que a partir delas fazem parte da tradição” (ANDRADE; MENESES, 2013, p. 12). Conforme apontam os autores, está ficando cada vez mais comum o consumo de bens simbólicos, a prática de bricolagem¹ de várias religiões, sem pertencimento a qualquer instituição religiosa. Hoje é comum o encontro de altares familiares com imagens de santos católicos, Buda, duendes, orixás, figas, entre outros bens simbólicos.

De acordo com Rodrigues (2012), a categoria dos “sem religião” é um grupo heterogêneo, composto por tipos diferenciados de indivíduos e atitudes, daqueles aparentemente secularizados, que misturam diferentes modelos de religiosidade, reproduzindo algumas das principais tendências dos tempos atuais, como os representantes desinstitucionalizados que têm uma compreensão diferenciada de religião,

[...] ateus, agnósticos, indivíduos que simplesmente diziam não ter religião, judeus laicos e, na pesquisa quantitativa, um seguidor do Budismo. Tanto os judeus laicos quanto os budistas podem ser interpretados pelo viés das religiões étnicas; contudo, mesmo esses indivíduos, neste estudo, definiram-se como sem religião. O primeiro só vê o Judaísmo como uma referência cultural, mas sem caráter religioso, enquanto o segundo, budista, encara o Budismo como uma filosofia de vida e não uma religião. Convém ressaltar que a identificação como judeu poderia enquadrá-lo, dentro dos

¹**Bricolagem** é um termo com origem no francês “bricolage” cujo significado se refere à execução de **pequenos trabalhos domésticos**, sem necessidade de recorrer aos serviços de um profissional. Em antropologia, bricolagem é a união de vários elementos para formação de um único e individualizado. Um exemplo são as culturas do novo mundo, bricolagem de várias culturas (norte-americana, europeia, asiática...) para a formação de uma própria e identitária. Nas modernas teorias da literatura, o termo passa a ser sinônimo de colagem de textos ou extratextos numa dada obra literária, o que nos aproxima da ideia de hipertexto. Também serve para traduzir uma prática dita pós-modernista de transformação ou estilização de materiais preexistentes em novos (não necessariamente originais) trabalhos. Nesta acepção, tanto podemos falar de *bricolage* de vários elementos textuais em romances de vanguarda como *Tristram Shandy* (1759-67), de Laurence Sterne, como em romances pós-modernos, por exemplo, *Cem Anos de Solidão* (1967), de Gabriel García Marquez. O poeta futurista português Almada Negreiros utilizou o *bricolage* no poema de vanguarda «Mima-Fatáxa - Sinfonia Cosmopolita e Apologia do Triângulo Feminino», que é apoiado por um grafismo variado.

recenseamentos oficiais, no espaço reservado à religião Judaico/Israelita. No entanto, os judeus aqui localizados se classificavam como ateus, agnósticos ou, no máximo, sem religião, o que os exclui dessa referência e reduz sua representatividade. Eram judeus laicos, portanto, sem vínculo com a religião de sua cultura (RODRIGUES, 2012, p. 137).

Entre os “sem religião”, com religiosidade, Rodrigues (2012, p. 1137) afirma ter encontrado variantes esclarecedoras de sua situação, que contribuem para a compreensão do conceito dos “sem religião”: a) aqueles que já experimentaram muitos trânsitos, experiências religiosas variadas, sem filiar-se a nenhuma delas; b) os que creem em alguma força sobrenatural, mas não têm vínculo a nenhuma instituição religiosa; c) integrantes de ordens místicas ou filosóficas que não consideram grupos religiosos; d) consumidores esporádicos de bens religiosos como se fossem produtos terapêuticos. Esse é o tipo predominante entre os “sem religião”.

Entretanto, o que se percebe é que não ser vinculado a uma comunidade confessional (RODRIGUES, 2012) não significa que toda pessoa “sem religião” seja descrente, ou que não tenha desenvolvido uma religiosidade peculiar, o que mostra uma secularização inerente da consciência seguida por uma crise da credibilidade nas instituições religiosas.

Para Altmann, as pessoas que se consideram “sem religião” são oriundas, particularmente, de áreas urbanas e das classes sociais mais pobres.

Houve também aumento no número de pessoas que se consideram sem religião, particularmente em áreas urbanas e nos estratos sociais inferiores. Em 2000 eram quase 12,5 milhões (7,3%), ultrapassando os 15 milhões em 2010 (8,0%). A rigor, trata-se de um aumento apenas moderado. Observe-se, também, que não se trata necessariamente de pessoas arreligiosas, contudo elas não mantêm vínculos de adesão a nenhuma religião instituída. Mesmo que em números absolutos ainda baixos, também essa tendência de aumento, já registrada no censo de 2000, provavelmente seguirá, considerado o processo de urbanização e de secularização da vida moderna (ALTMANN, 2012, p. 1124-1125).

Segundo Mariano (2012), os 9,2 milhões de evangélicos não determinados, ou seja, não filiados a nenhuma igreja, identificados no Censo 2010, podem estar inseridos em experimentações e bricolagens que individualizam cada vez mais a religião.

Avança a privatização da religião. Com isso não se quer dizer que a religião se circunscreva cada vez mais à vida privada (decididamente

não é isso que está ocorrendo), mas, sim, que se têm multiplicado as bricolagens, as experimentações idiossincráticas e privatizantes da religião. Aumenta também o contingente de pessoas que mantém a identidade religiosa e a crença, mas preferem fazê-lo fora de instituições (MARIANO, 2012, p. 08).

De acordo com Rodrigues (2012), a origem e o crescimento contínuo dos “sem religião” constituem dois movimentos básicos nos recenseamentos: o reconhecimento de uma categoria de indivíduos que por diversos motivos se definiram, ou foram classificados pelos recenseadores como “sem religião” e sua evolução contínua em diferentes unidades da Federação. Entretanto, constata-se que a origem e a evolução dessa categoria vêm ocupando lugar nas pesquisas não somente com a autodeclaração de indivíduos que se assumem “sem religião”, mas também com a aplicação e compilação dos questionários elaborados pela instituição responsável pelo trabalho do recenseamento no país e aplicados pelos recenseadores.

Após constatação de vestígios de erros de interpretação, associado equivocadamente ao crescimento de um suposto ateísmo no Brasil, incompatível com as tendências do quadro diversificado do atual cenário religioso brasileiro, Rodrigues (2012, p. 1135) realizou, em 2005-2008, uma pesquisa com 102 pessoas declaradas “sem religião”, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, já registrada no Censo de 2000 como a de maior representatividade. Na ocasião, a autora identificou como heterogêneo o grupo dos “sem religião”, composto por dois tipos distintos. 1) “ateus ou agnósticos totalmente descrentes ou duvidosos da crença no transcendente, os quais classificou como indivíduos “sem religião” “sem religiosidade”; 2) aqueles que mantinham sua fé em Deus ou algum outro tipo de força transcendente, classificados na pesquisa, como sem religião “com religiosidade”, cuja distribuição numérica é apresentada no quadro 1 abaixo:

Condição de religiosidade	Sem religião		Total
	Sem religiosidade	Com religiosidade	
Sem religião	48	54	102

Quadro 1 – Religião

Fonte: Rodrigues 2012.

No Censo de 2000, os “sem religião” já se mantinham como a terceira maior declaração de crença no Brasil e, embora em ritmo menor, o Censo de 2010 registrou a continuidade de seu crescimento.

Confirmando os dados do Censo, Teixeira (2012) escreve que, em 2000, eles eram 7,28%, subiu para 8% em 2010 (um índice que comporta mais de 15 milhões de pessoas). O maior contingente de pessoas contidas nessa categoria permanece na região Sudeste, cujo crescimento contínuo não revela necessariamente um aumento do ateísmo. Para Teixeira (2012, p.13), é “mas uma desfiliação religiosa, certo desencanto das pessoas com as instituições religiosas tradicionais de afirmação do sentido. Reflete certo “desencaixe” dos antigos laços, como bem mostrou Pierucci em suas pesquisas”.

Analisando a religiosidade da ascendente classe média brasileira, Ribeiro (2012) lembra que o conceito de classe média não deve ser resumido apenas ao nível de renda. As classes sociais também são definidas por outros critérios qualitativos como, sua cosmovisão, sua maneira de ver o mundo, suas memórias, sua atitude perante a vida, sua história, são fatores que não foram pesquisados. Embora tenham mais renda, continuam “espiritualmente” a “mesma”, pois ainda não aconteceu uma ruptura pronunciada.

As pessoas que ascenderam para a classe média manterão uma referência religiosa, mas se tornarão pessoas “sem religião”, entrando no rol dos que são crentes, mas fora do catecismo religioso que aprenderam. São possuidoras de um mundo ainda pequeno, dão valor às realidades mais próximas de si, às preocupações mais imediatas, como a família e o bairro. Para Ribeiro (2012, p. 89), “é uma classe politicamente conservadora e não aspira a muitas rupturas, espera que a sociedade e o Estado lhe deem mais daquilo que já tem; propostas e possibilidades diferentes”. É uma realidade que já vem de alguns séculos e que agora se impõe graças ao desenvolvimento da ciência e a globalização da economia. Os laços anteriores, – sua rede de sustentação – mantêm-se representados através dos hábitos da cultura, da religião e dos relacionamentos comunitários do seu bairro. Certamente, esse processo de mudança de estado de vida, de situação, de maior confiança nas próprias possibilidades pode gerar uma nova atitude religiosa. “Quando a pessoa muda de estado de vida ela “desencana” do tema religião” (RIBEIRO, 2012, p. 88).

Os cinco tipos de pessoas “sem religião”, identificados por Fernandes (2012), nos ajudará na compreensão do conceito aqui trabalhado: “as pessoas de “religiosidade própria”, que já foram ligadas a uma religião tradicional e hoje afastadas, “mantêm suas crenças originais, muitas vezes rearranjando essas crenças com elementos do universo *new age* e práticas milenares, tais como pedras da sorte, cromoterapia” etc. (FERNANDES, 2012, p. 24); “os sem-religião” não possuem vínculo com qualquer

religião, mas mantêm a crença em Deus. Nesse tipo, estão incluídos os agnósticos; os “sem-religião” críticos das religiões, que as consideram como um modo de alienação do homem; os “sem-religião” ateus, que dizem não crer em nada e, por fim, os “sem-religião” tradicionalizados, que dizem não ter tempo para frequentar qualquer igreja, afirmam não se enquadrar em nenhuma religião por não frequentá-la. Creem em dada religião e em seus valores, mas, como não a praticam, não se denominam em nenhuma religião determinada. “Assim, o aumento dos “sem-religião” menor do que o esperado representa a existência de pessoas em redefinição de identidade”. (FERNANDES, 2012, p. 24). Provavelmente, muitos dos declarados “sem religião” no censo de 2010, hoje, já tenham mudado sua identidade religiosa, portanto, não é uma condição definitiva.

Segundo Novaes (2013), para se compreender o que significa declarar-se “sem religião”, entre os jovens de hoje, é preciso levar em conta a condição juvenil que remete ao conceito de geração e ao contexto histórico em que cada indivíduo se socializa.

Cada geração incorpora novos códigos e sentidos, e pertencer a uma ou outra geração traz diferenças em termos de estratégias de apresentação social e autodeclaração religiosa. Neste sentido, para compreender o que significa declarar-se “sem religião” entre os jovens de hoje, é preciso levar em conta um conjunto de mudanças inter-relacionadas. Assim sendo, é preciso considerar o quanto o acelerado processo de globalização econômica e cultural, impulsionado por novas tecnologias de comunicação e informação, interfere nos padrões de passagem da juventude para a vida adulta introduzindo novas incertezas, vulnerabilidades e potencialidades entre jovens de diferentes países e classes sociais (NOVAES, 2013, p. 181).

Para Silva (2013, p. 69), “a experiência geracional e singular do jovem contemporâneo constitui o ponto de partida para seus trajetos de transcendência”. O autor argumenta que somente através do perfil da religiosidade juvenil se pode penetrar em seus roteiros de construção de sentido articulado à totalidade existencial.

Segundo Giumbelli (2012), o contingente de pessoas sem filiação religiosa entre as décadas de 2000 e 2010 é, além de significativo, heterogêneo. A soma entre agnósticos e ateus chega aproximadamente a (740) mil pessoas, o que corresponde a 5% do total das pessoas declaradas “sem religião”. Contudo, faz-se necessária uma pesquisa profunda, precisa, para esclarecer todas as situações de incertezas contidas no cenário religioso nacional, pois as pesquisas têm mostrado que “nem toda pessoa que se declara “sem religião” é totalmente descrente” (GIUMBELLI, 2012, p. 102). A principal

novidade do Censo de 2010 está “relacionada com a categoria dos evangélicos “genéricos” (sem denominação indicada, quase 5% do universo total)”. A maioria dessas pessoas pode estar passando por situações de trânsito entre denominações e provavelmente não mantém vínculo com nenhuma igreja específica.

1.1.2 Ateísmo filosófico moderno

Na metade do século XIX, com o ateísmo declarado e militante, o alemão Ludwig Feuerbach (2013) subverteu a dialética hegeliana, concedendo primazia à sensação frente à razão e inverteu a relação Deus-homem, afirmando: “Não foi Deus que criou o homem a sua imagem e semelhança; foi o homem que projetou suas melhores qualidades sobre a tela do conceito de Deus”. Em Feuerbach (2013, p. 88), a “religião é o ato pelo qual o homem se separa de si mesmo e no qual, contempla a sua natureza latente”.

Em Feuerbach (2013), toda palavra sobre Deus nada mais é do que uma palavra que o homem diz sobre si mesmo. Se a religião é um espelho, Deus é a imagem que o homem, neste ato de transcender-se, projeta de si mesmo. Ao dizer que a "religião é um sonho da mente humana", Feuerbach (2013, p.24) diz sabiamente que os conteúdos da imaginação não existem independentemente, ou seja, quando sonhamos, nos sonhos nos encontramos na terra, na esfera da realidade mesma.

A crítica fundamental de Feuerbach é de que a teologia atribui uma realidade separada e autônoma a Deus, como se Ele fosse um objeto em si. Não percebe, que por detrás do que chamamos "Deus" *está um mecanismo de projeção* (grifo do autor) do homem, não de revelação de um mundo além. “Deus é para o homem a coletânea dos seus mais elevados sentimentos e pensamentos, a árvore genealógica na qual ele registra os nomes das coisas para ele mais caras e mais sagradas” (FEUERBACH, 2013, p. 89). Feuerbach reduz a religião a um fenômeno antropológico, à expressão da natureza humana.

Para Marx, a religião não é uma espécie de “essência humana”, é um produto deste mundo, é criação do homem. O ânimo religioso é um produto social que o indivíduo abstrato (Feuerbach) como um ser desligado da política e da história, pertence a uma forma social determinada: “Este estado, esta sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque ela é um mundo invertido” (REALE, 2006, p.

176). Nesse sentido, por ser a religião uma “consciência invertida”, ela é basicamente uma realidade falsa. Marx afirma que, na religião, só encontramos ilusão, ela é uma produção real e repressora.

Existe o mundo fantástico dos deuses porque existe o mundo irracional e injusto dos homens. “A miséria religiosa é a expressão da miséria real em um sentido e, em outro, é o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o sentimento de um mundo sem coração, o espírito de situações em que o espírito está ausente. Ela é o ópio do povo” (REALE, 2006, p. 176).

O estudo da história levou Marx à conclusão de que as estruturas sociais vão sendo construídas como muros protetores para evitar a mudança das relações de produção: a religião é o ópio, o consolo adormecedor do povo.

Segundo Reale (2006), ao afastar-se de seus dois “mestres” (grifo do autor), Schopenhauer e Wagner, Nietzsche afasta-se paralelamente do idealismo, do Positivismo, dos redentores socialistas e do Evolucionismo cuja pretensão era dominar o mundo com suas falsas justificações e camuflagens metafísicas do homem e de sua história.

A desconfiança em relação às metafísicas, a abertura a respeito das possíveis interpretações “infinitas” do mundo e da história e, portanto, a eliminação da atitude dogmática, o reconhecimento do limite e da finitude humana e a crítica à religião são elementos que fazem Nietzsche dizer em *Humano, muito humano*: “Podemos levar novamente adiante a bandeira do Iluminismo” (REALE, 2006, p. 9).

Para Nietzsche apud REALE (2006, p. 10), essas teorias não passam de criações humanas que se apresentam como verdades absolutas e eternas, que precisam ser desmascaradas. É com esse fundamento que Nietzsche anuncia a morte de Deus e lança um ataque contra o cristianismo.

Deus está morto: “Nós o matamos; eu e vós. Somos seus assassinos”! “Eliminamos Deus de nossa vida; e, ao mesmo tempo, eliminamos aqueles valores que eram o fundamento de nossa vida; perdemos os pontos de referência” (REALE, 2006, p. 4).

Segundo Reale (2006, p. 5), o cristianismo para Nietzsche não era Cristo, mas uma conspiração contra “a saúde, a beleza, a constituição bem sucedida, a vontade do espírito, a bondade da alma, contra a própria vida”. A morte de Deus e o

desmascaramento da metafísica e dos valores, puseram fim à esperança que sustentava e mantinha a utopia vida.

Segundo Nietzsche apud Reale (2006, p. 11), a morte de Deus é um fato cósmico, que liberta os homens das cadeias do sobrenatural criadas por eles mesmos. “Em Deus está divinizado o nada, está consagrada a vontade do nada” Embora, na perspectiva de Nietzsche, não se possa conceber uma religião que não moralize e, conseqüentemente, não encerre uma tábua ou uma hierarquia de valores, convém ressaltar que as religiões e o cristianismo em particular não são sinônimos de niilismo².

Freud anuncia que dois princípios estão em guerra permanente: o princípio do prazer, que diz respeito aos nossos comportamentos eróticos e libidinais, aos valores, às aspirações, no amor, no desejo humano de felicidade e prazer. O princípio da realidade se refere aos fatos da realidade, as leis da natureza, aos arranjos institucionais da civilização que determinam como as coisas são. “O prolongamento da existência terrena numa vida futura fornece a estrutura local e temporal em que essas realizações de desejo se efetuarão” (FREUD, 1996, p. 40).

A origem psíquica das ideias religiosas, anunciadas como ensinamentos, não constituem “precipitados de experiências ou resultados finais de pensamentos: são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos” (FREUD, 1996, p. 40). Para Freud (1996), a tensão entre esses dois princípios dá-se por conta de nossa busca por realizarmos os nossos desejos. Diz Freud (1996, p.41) que o princípio do prazer é que decide o propósito da vida. Já a imaginação tem a função de preservar os desejos, dando-lhes forma e conteúdo.

Para Freud (1996, p. 41), “As ilusões funcionam como um tóxico que produz prazer na proporção direta em que apaga da consciência o senso real”. É da crença na onipotência do desejo, na troca do real pelo ilusório, de onde brotam atitudes mágicas, o brinquedo, a arte, os valores... “que emerge a religião, a mais pretensiosa de todas as ilusões, o tipo mais universal de neurose, a neurose obsessiva da humanidade” (FREUD, 1996, p.40). Teoricamente o ateísmo filosófico moderno defende que não existem bons argumentos para acreditar na existência de uma divindade pessoal,

² O termo Niilismo surge na literatura russa, na obra “Pais e Filhos” de Ivan Turgueniev, posteriormente utilizado por Dostoiévski, e é utilizado para definir o homem como um negador de valores. Porém, na filosofia, Friedrich Wilhelm Nietzsche o leva além dessa interpretação tornando-o talvez uma das correntes de pensamento mais intrigantes do mundo contemporâneo.

principalmente se essa divindade for concebida antropomorficamente, metafisicamente ou, que a declaração de que Deus existe é incoerente ou sem sentido. A crítica lógica do teísmo é característica do Positivismo lógico e da filosofia analítica e linguística. O ateísmo é alimentado, sobretudo, pela modernidade e pelo descrédito em relação às instituições religiosas. Atualmente, há uma tendência de se desvalorizar tudo em que tradicionalmente se acreditava (AVELING, 2013).

Portugal (2008) descreve o ateísmo moderno da atualidade a partir do seu adjetivo: “moderno” não indica somente um conjunto de ideias do tempo atual, embora tenha raízes em teses desenvolvidas a partir do século XVIII. Caracteriza-se, principalmente, por ser algo raro na história do pensamento ocidental. Anterior ao século XVIII, o ateísmo era a negação de certa concepção de Deus ou de determinada prática religiosa, em nome de outra. A exemplo, os cristãos eram acusados de ateísmo pelas autoridades romanas, que os perseguiram. As críticas filosóficas à religião no século XIX e início do século XX, além das suspeitas de irracionalidade quanto à crença religiosa e sua alegada inconsistência com o método científico, foram aos poucos configurando um novo tipo de ateísmo que não se voltava apenas contra uma concepção de Deus ou uma prática religiosa, mas contra todas as crenças religiosas e qualquer noção de divindade.

Fundado nesses diferentes fatores, o ateísmo moderno assumiu duas variantes fundamentais: 1) a crítica à religião dos pontos de vista antropológico, ético e político. Nessa linha, situa-se a célebre crítica de Marx de que a religião seria uma forma de ópio, que impede a percepção de que somos reduzidos a mercadoria e a um objeto na engrenagem econômica capitalista. Ou a tese de Freud de que as crenças religiosas resultariam do desejo humano de superar o medo da natureza e da necessidade de regular nossos instintos antissociais por meio da autoridade de um “Pai Celeste” que, com o advento da ciência, da tecnologia e de uma melhor organização da sociedade em bases racionais, a religião teria seus dias contados. 2) O ateísmo moderno não se atém tanto aos alegados problemas que a religião traz para o exercício e realização da liberdade humana, mas preocupa-se em criticar as crenças religiosas com base numa concepção de racionalidade científica. O problema da religião é a dificuldade de ela se manter num tempo dominado pelo conhecimento científico, pois não se baseia nem no raciocínio logicamente coerente, nem na experiência rigorosamente controlada, como ocorre na ciência moderna (PORTUGAL, 2008). Ainda que o ateísmo seja pouco frequente em meio à população em geral, não se pode negar que ele tem uma

significativa aceitação entre as pessoas com mais acesso à informação, ou seja, a elite “formadora de opinião” (PORTUGAL, 2008).

Segundo Portugal, (2008), os títulos voltados para o tema da religião e da crença em Deus, O “Tratado de Ateologia”, de Michel Onfray; “Deus não é Grande”, de Christopher Hitchens e, principalmente, “Deus – um Delírio”, de Richard Dawkins entraram nas listas dos livros mais vendidos por um bom período e não só no Brasil. Assim, muito além do fenômeno de mídia, o ateísmo moderno é objeto de um debate de grande potencial enriquecedor na filosofia da religião contemporânea, não só para os que o adotam, mas para os que discordam dele.

1.1.3 Ateísmo científico Pós-Moderno

Desde o alvorecer da civilização, as pessoas não mais se satisfazem em ver os acontecimentos sem explicação, vivem em constante busca por entender sobre a ordem subjacente no mundo, tentando encontrar resposta para compreender por que estamos aqui e de onde viemos “O mais profundo desejo de conhecimentos da humanidade é a justificação suficiente para a nossa procura contínua. E o nosso objetivo é nada mais, nada menos do que uma descrição completa do Universo em que vivemos” (HAWKING, 1994, p. 10).

Segundo Hawking (1994), os cientistas de hoje descrevem o Universo em termos de duas teorias parciais fundamentais: a teoria da relatividade geral e a mecânica quântica. Grandes feitos intelectuais da primeira metade do século XX. A mecânica quântica hoje é uma teoria com notável êxito e está na base de quase toda a ciência e tecnologia modernas. Contudo, uma das maiores demandas da física atual é uma nova teoria que concilie as duas, uma teoria quântica da gravidade.

De acordo com Hawking (1994, p. 50), “as primitivas formas de vida consumiam diversos materiais, incluindo o ácido sulfídrico e liberação do oxigênio”. Isso modificou, gradualmente, a atmosfera até chegarmos à composição que temos hoje e favoreceu o desenvolvimento de formas de vida mais perfeitas como os peixes, os répteis, os mamíferos e, por fim, a raça humana.

Para Hawking (1994), o princípio da seleção natural de Darwin é que, em qualquer população de organismos autorreprodutores, haverá variações no material genético e na criação de diferentes indivíduos. O que implica que alguns indivíduos são

mais capazes do que outros para tirar as conclusões certas sobre o mundo que os rodeia e agir de acordo com elas. Nesse sentido, terão mais chances de sobreviver e de se reproduzir, conseqüentemente, o seu padrão de comportamento e de pensamento virá a ser dominante.

Hawking (1994) afirma haver muitos universos possíveis, porém apenas um número pequeno de universos foi adequado e desenvolverá seres inteligentes para ser capazes de responder a perguntas como: Por que o universo é tão cuidadosamente projetado?

[...] uma resposta possível é dizer que Deus escolheu a configuração inicial do Universo por razões que nunca compreenderemos. Isso estaria certamente dentro dos poderes de um ser onipotente, mas se Ele o criou de uma maneira tão incompreensível, por que é que o deixou depois evoluir segundo leis que conseguimos compreender? (HAWKING, 1994, p. 51).

A existência da terra e as propriedades que tornaram possível para a vida biológica se desenvolver, dependem de um equilíbrio muito delicado entre as chamadas constantes da natureza. Para Hawking (1994, p. 52), “as leis da ciência, tal como as conhecemos atualmente, contêm muitos números fundamentais, o notável é que os valores destes números parecem ter sido muito bem ajustados, para tornar possível o desenvolvimento da vida”.

Richard Dawkins, em palestra proferida na ocasião do recebimento do prêmio Humanista da Associação Humanista Americana de 1996, declara que a fé/crença não baseada em evidências, é um dos grandes males do mundo e afirma que, embora a ciência tenha muitas virtudes da religião, não tem nenhum de seus vícios, porque se baseia em evidências verificáveis, enquanto a religião falha não somente pela ausência de provas, mas, sobretudo porque Dawkins (1996, p.1) “apregoa com orgulho e alegria, sua independência”. O autor diz acreditar, de forma convicta e apaixonada, na teoria da evolução, porque qualquer pessoa pode estudar as mesmas provas que ele e chegar às mesmas conclusões pressupostas, o que não acontece com a crença, porque se baseia somente na fé, não permitindo que suas razões sejam averiguadas.

Para Dawkins (2007), a maioria dos físicos cai na terminologia da metáfora religiosa. Para esclarecer essa e outras questões sobre a teoria da evolução, Richard Dawkins foi ao encontro do físico e matemático Stephen Hawking e o interpelou afirmando: no final do seu livro “Uma breve história do tempo”, quando você menciona

a mente de Deus, eu suspeitei que você estivesse usando “Deus” de certa forma, no sentido einsteiniano, um eufemismo para o mistério da raiz do universo, daquilo que não compreendemos.

Em resposta à interpelação de Dawkins, Stephen Hawking afirma que a existência da terra e as propriedades que tornaram possível para a vida biológica se desenvolver, dependem de um equilíbrio muito delicado entre as chamadas constantes da natureza. Hawking (1994, p. 52) afirma que “as leis da ciência, tal como as conhecemos atualmente, contêm muitos números fundamentais, o notável é que os valores destes números parecem ter sido muito bem ajustados, para tornar possível o desenvolvimento da vida”.

Contudo, tem-se verificado que, no passado, aquilo que julgamos inteligência e descobertas científicas tem acarretado vantagens de sobrevivência. Entretanto, nossas descobertas científicas podem acabar por nos destruir completamente e, mesmo que não aconteça, uma teoria unificada pode não fazer grande diferença quanto às hipóteses de sobrevivência. Pode-se supor que insetos e bactérias sobreviverão a nós, se nossa chamada inteligência nos levar a destruir a nós mesmos, por uma guerra nuclear, ou outros desastres (HAWKING, 1994), pessoas que hoje estão em ativa pesquisa, têm nos requisitos e coerência matemática, probabilidade de chegarem a uma teoria unificada completa, se não nos destruímos antes.

1.1.4 Teoria da secularização e a hipótese “Pós-Religional” de Corbí

A metodologia usada nesta pesquisa consiste na pesquisa bibliográfica de Marià Corbí e de outros autores do campo religioso brasileiro e na análise de dados quantitativos e qualitativos. Como norteador teórico escolhemos Corbí, por entendermos que o mesmo aborda a questão de forma contextualizada com as realidades científica, política, econômica e sociocultural, essa espiritualidade livre dos padrões normativos das instituições religiosas experimentada pelos indivíduos da sociedade científica moderna e tecnologizada que, segundo Sousa (2012, p. 96), “cresce e se expande de mil formas.” Nessa perspectiva, trabalhamos os “sem religião” com espiritualidade, que, aos pouco, estão construindo seu espaço, sua história, onde a religião como instituição reguladora tradicional está perdendo seu poder sobre o universo cultural, social e pessoal.

De acordo com (CORBÍ, 2010), a religião venceu as dificuldades da primeira grande industrialização, apoiando-se no setor majoritário da coletividade, mas o colapso axiológico é geral e atinge todas as tradições religiosas e não somente as religiões, mas também as ideologias, levando ao desaparecimento do hùmus que nutria os sistemas mítico-simbólicos e religiosos de programação de projeto de vida.

Segundo o autor, os costumes, as ideias e os valores mudaram qualitativa e quantitativamente de forma tão profunda, que seu fundamento não se encontra apenas no fenômeno da secularização e da globalização, mas numa mutação através da qual o espiritual está buscando adquirir novas formas religiosas, já que as religiões tradicionais sofreram um grande colapso, dando lugar aos princípios econômicos de mercado e de competitividade, originando uma nova sociedade controlada pela dinâmica das ciências e tecnologias tão poderosas, que crescem dia a dia e de tudo se apodera, arrojando a criatividade e apoderando-se da humanidade de maneira nunca vista antes. Entretanto, apesar desse colapso, “a busca espiritual continua, ainda que de maneira minoritária como sempre foi” (SOUSA, 2012, p. 196).

Marià Corbí (2010) inicia sua teoria sobre a secularização fazendo uma releitura dos processos produtivos pelos quais passou a humanidade, desde o surgimento da sociedade agrário-autoritária, milenar, a uma sociedade mista, composta por uma maioria pré-industrial e uma minoria influente industrial e, finalmente, outra sociedade mista, composta agora por uma maioria industrial e influente que pode ser denominada segunda grande industrialização, a qual o autor nomeia de sociedade do conhecimento, sociedade de inovação, sociedade da informação. A primeira industrialização foi implantada nos diversos países à custa de muitos conflitos sociais, econômicos, políticos, religiosos e militares, gerando guerras civis e coloniais entre os países.

Nesse período, de quase duzentos anos de sociedade mista, a paz só veio a reinar após a segunda grande guerra mundial, com a divisão de funções: a ciência e a tecnologia, a economia e a política seriam controladas pela nova sociedade industrial e sua ideologia; a velha sociedade pré-industrial e a religião controlariam o resto das dimensões coletivas, sendo a democracia cristã o propósito desse acordo. A nova e vigente sociedade tem apenas algumas décadas e é controlada pela dinâmica das ciências e tecnologias, que são poderosas, crescem dia a dia, e de tudo se apodera. Contudo, as ciências e tecnologias aprenderam que não têm a chave da verdade, pretendem apenas servir, pois são incapazes de proporcionar os conjuntos axiológicos que regerão tanto as comunidades como suas próprias atividades profissionais. A

capacidade criativa e inovadora das novas ciências e das novas tecnologias conduziu a sociedade de contínua inovação de produtos e serviços, tornando este o seu fio condutor, sua peça motriz: a contínua criação de novidades. Esse é o centro da economia e deverá ser também o da política.

As inovações nas comunicações e nos transportes ultrapassaram todas as fronteiras e criaram uma grande sociedade globalizada. O desenvolvimento da informática possibilitou a globalização das ciências, das técnicas e, conseqüentemente, das comunicações, dos mercados, dos lazeres e da economia. Todos são globais. As distâncias entre as culturas se anularam; todas as grandes tradições religiosas com todas as suas riquezas se fazem presentes em todos os lugares. Já não há fronteiras nem muros que possam deter a enxurrada das águas da globalização, como também não há muralhas, nem morais nem religiosas, que possam defender o ímpeto das ciências, das tecnologias e de seu poder globalizador. A religião, apoiando-se no setor majoritário da coletividade, venceu as dificuldades da primeira grande industrialização, porém, com o processo acelerado e globalizante das ciências e tecnologias, Corbí (2010, p. 15) afirma que “a religião está entrando em colapso. Já não se trata de crise, mas de verdadeiro colapso. E o colapso axiológico não afeta só as religiões e tudo o que elas supõem, mas também as ideologias”. Entretanto, apesar desse colapso anunciado por Corbí, a busca espiritual continua. O autor também atesta que, nas sociedades plenamente industrializadas, desapareceu a programação coletiva dos mitos, símbolos e rituais, as religiões perderam seu suporte e fracassam. Ficamos sem meios tradicionais para viver e expressar a dimensão absoluta, intrínseca à nossa espécie; estamos destinados a reconstituir por completo, fora de mitos, de símbolos e de religiões, aquilo que estava investido pelas religiões e aprender a experimentar e a cultivar a dimensão absoluta de nosso existir e de nossa experiência do real sem formas religiosas. Em (CORBÍ, 20010) as formas não religiosas do nosso núcleo específico suscitarão repercussões em nossas formações culturais, políticas e sociais, mas sem pretender impor, como uma possibilidade, uma necessidade de cultivo de uma dimensão principalmente humana. Pensaremos e viveremos sem crenças, sem submissões, sem sacralidades intocáveis, sem hierarquias e sem intermediários. A experiência da dimensão absoluta da realidade será pensada e vivida fora da epistemologia mítica, que tem por real e existente um sistema simbólico que aponta e exprime o que não é avaliável, nem representável.

Segundo Corbí (2010), a ideia e a apreciação axiológicas da dimensão absoluta do real não poderão ter formas religiosas, nem ser uma religião, mas poderão utilizar

formas religiosas passadas para trabalhar e expressar-se, desde que sua utilização seja completamente livre de crenças e epistemologias míticas. Será conveniente usar toda sabedoria do passado religioso da humanidade, mas, de forma exclusivamente simbólica, com o objetivo de indagar aquilo que ultrapassa toda forma do sistema de interpretação e de avaliação à dimensão absoluta do real.

Para Corbí, as inúmeras riquezas do passado poderão ser usadas na tarefa de indagação de tudo aquilo que no passado foi vivido como crenças, submissão a certas formas.

As grandes tradições religiosas da humanidade são inesgotáveis tesouros de expressão dessa outra dimensão da realidade, podendo nos ajudar em nossa indagação; e são também grandes conjuntos de procedimentos e de métodos para facilitar o silenciamento de nossas condições necessitadas – que é a criadora de forma e representações –, a fim de que cheguemos claramente a “isso que é”, que sem mostra no próprio centro de nossa natureza sem natureza, em nosso núcleo antropológico (CORBÍ, 2010, p. 138).

A generalização da industrialização nas sociedades desenvolvidas veio acompanhada por um grande acontecimento que modifica completamente todo o sistema cultural, social, econômico, político e religioso vigente: o surgimento das sociedades de conhecimento, sociedades das inovações e de mudança contínua que criam uma segunda grande onda de industrialização na qual está sendo implantado um novo sistema de produção de produtos e serviços e paralelamente à passagem de um sistema de produção de bens para um sistema de produção de conhecimentos dos quais provirão bens. É compreensível que, para esse novo sistema, aquilo que realmente se mostra vantajoso e rentável economicamente seja a produção de novos conhecimentos e tecnologias das quais é possível a produção de novos bens e serviços que venham satisfazer as exigências das novas sociedades (CORBÍ, 2010).

Diz Corbí (2010, p. 157-158) que, anterior a essa nova realidade, as riquezas das nações dependiam da terra, do trabalho, do comércio, do capital, da indústria, das armas. Num futuro próximo, que já se faz presente, essas riquezas dependerão do saber, da inteligência e da informação. A riqueza futura está no saber, a informática será sua tecnologia central. Os grupos que vivem da criação de conhecimento são chamados de “sociedades do conhecimento” porque, na produção dos bens, são utilizados os mecanismos da ciência e a tecnologia. Essas sociedades que vivem da produção do conhecimento se veem forçadas a produzir novidade, inovação, em quatro aspectos:

inovações científicas, tecnológicas, organizativas e axiológicas. Há uma interdependência entre o conhecimento científico e o conhecimento tecnológico, não é possível fazer uma nova ciência sem contar com uma nova tecnologia. A nova tecnologia nasce da nova ciência. A inovação comporta transformações e inovações no trabalho, o que pressupõe modificação da organização trabalhista, que implica diretamente a variação das relações trabalhistas, contudo, variações na própria sociedade. Havendo transformação das organizações e das sociedades, é necessário observar as relações comunitárias e suas motivações, que, por conseguinte, implicará inovações axiológicas indissolúveis de mudanças nas finalidades coletivas. As sociedades de conhecimento nos levam a compreender que tudo é móvel, que é necessário inovar em todos os aspectos, que esses movimentos são criados por nós e que estamos diante da consolidação e da expansão da sociedade de conhecimento; uma sociedade que vive, desenvolve-se e prospera criando e consumindo um bem sutil: o conhecimento. As sociedades anteriores não se alimentavam do conhecimento, esse, era como algo gratuito, fruto da pura curiosidade, como uma atividade espiritual. Até chegarmos às sociedades de conhecimento ou inovação contínua, acreditava-se que a verdade era o bem que Deus tinha revelado, ou que as ciências tinham desvelado, ou tinha descoberto. Essa noção de verdade normatizava a aceitação e a submissão. Na nova sociedade, os indivíduos e os grupos não mais viverão das certezas recebidas de Deus, da natureza ou das ciências, viverão das certezas, das seguranças e das motivações, que de uma forma ou de outra, eles mesmos construirão.

Segundo Corbí (2010, p. 163-164), as sociedades de inovação são sociedades livres, criadoras de diversidade que se contrapõe à homogeneidade que nasce da submissão; a criação em todos os níveis conduz à diversidade. As sociedades de inovação são sociedades de projetos coletivos diversos, são sociedades da diversidade, da pluralidade, que devem propor a elas mesmas seus postulados axiológicos e sobre a base dos mesmos construirão seus próprios projetos de vida. Essas transformações da sociedade causadas pela influência da generalização da industrialização das sociedades dinâmicas provocaram mudanças trágicas e repentinas nas maneiras de pensar, de sentir, que o sistema de crenças, de preceitos e valores coletivos, compartilhados pelas sociedades, por milhares de anos e com prestígio religioso perdeu sua credibilidade e seu atrativo por esses preceitos, incapacitando essas crenças e os valores coletivos no sentido de unir e de motivar os indivíduos e as comunidades das novas sociedades industriais.

O autor argumenta que nenhuma ciência nos diz como devemos viver, nem como construir nossos projetos ou como dirigir nosso destino e qual projeto de vida e destino de tudo que vive aqui na terra. Constata-se uma completa ausência de projetos de vida e sistemas de motivação vindos de fora. Nada advém do céu, nem da natureza, nem da história, nem das ciências. Interessa-nos saber que impacto tem seja qual for a versão que se tenha das sociedades de conhecimento sobre as religiões tradicionais e sobre as grandes tradições religiosas da humanidade.

A iniciação à experiência da dimensão absoluta do viver terá de se emancipar dos sistemas fixos de crenças, de valores e de comportamentos, devendo igualmente se repartir em contextos fluidos de inovação e de livre indagação. (...) Quando a necessidade silencia, bem como o que ela constrói, tornam-se acessíveis um novo e insuspeitado conhecer e sentir a partir desse silêncio (CORBÍ, 2010, p. 166-167).

De acordo com Corbí, a dimensão da espiritualidade nada explica, nada esclarece e nada controla por não ser um sistema de crenças, mas despedaça qualquer sistema de controle.

A dimensão espiritual não é uma explicação dos mistérios da existência, nem uma explicação da vida e da morte, nem uma solução para os problemas metafísicos da existência. Ela não soluciona nada, só cria pessoas capazes de criar explicação e de resolver problemas. A espiritualidade não é um sistema de crenças; não pode, pois, controlar nada. Ela não só não controla nada como também despedaça qualquer sistema de controle, porque põe em contato com a realidade de uma maneira tal que revitaliza toda forma de pensar, de sentir e de viver. A espiritualidade tão pouco é um conjunto de formas que monopolizam a verdade e o bom caminho; a espiritualidade é toda forma e de toda fôrma. (CORBÍ, 2010, p. 168-169).

Afirma Corbí (2010) que as religiões têm uma relação intrínseca com as sociedades estáticas pré-industriais e, como regra geral, onde há esse tipo de sociedade, existe religião, mas o desaparecimento desse tipo de sociedade provoca crise na religião que, por conseguinte, tende a desaparecer. Por assim ser, a religião está intrinsecamente ligada à heteronomia, programa coletivo das sociedades estáticas que procede de uma fonte exterior ao ser humano; fundamento das interpretações e avaliações do real, das normas de vida e das leis fundamentais das organizações, tanto sociais como familiares. As religiões se fundamentam em culturas e sociedades apoiadas na heteronomia. Com o desaparecimento dos modos de vida pré-industriais, simultaneamente, a heteronomia sai

de cena para dar lugar a autonomia. Ignorando as normas heteronômicas, os homens das sociedades científico-técnicas desenvolvidas constroem seus modelos de vida, seus sistemas de coesão coletiva, suas leis, suas organizações, seus saberes. Quanto à religião, tendem a não filiar-se a nada, mas transformar-se em buscadores.

O fato de que as religiões desapareçam de uma ordem cultural significativa e de que permaneçam à margem não implica o desaparecimento da espiritualidade. Por conseguinte, nas novas sociedades desenvolvidas, a dimensão de profundidade, que é o núcleo gerador de religiões, terá de ser vivida e recomposta fora das religiões. Segundo isso, a religião não seria uma disposição natural dos seres humanos, nem uma categoria transcendental da experiência humana, mas apenas uma forma de apresentar, de desenvolver e de viver – características de um tipo de culturas – o núcleo específico e peculiar de nossa condição humana, que é a dupla experiência da realidade. O núcleo antropológico, que sustentou e cultivou a religião durante milênios, está destinado a perpetuar-se, mas fora de heteronomias, de crenças, de sociedades pré-industriais imóveis e de religiões (CORBÍ, 2010, p. 171).

Nas sociedades de conhecimento, teremos que aprender a reconhecer e conviver com o “esse outro”, que no passado foi patente no sagrado, como livre de toda forma; temos de entender que ele pode apresentar-se em toda forma. Assim, podemos dizer que tudo pode ser sagrado, porque nada é sagrado, acrescenta Corbí,

O sagrado é um tempo, um espaço, certas formas, certos escritos, certas pessoas, certas organizações nas quais o tangível (a dimensão funcional de nosso viver) se conjuga com o supremo inatingível (a dimensão absoluta de nosso viver); o sagrado é um lugar em que a perspectiva do ser vivo necessitado se une à perspectiva absoluta; em que o mundano se une ao divino. O sagrado em resumo, são lugares de nosso mundo concreto pelos quais entra a luz do absoluto. Esses lugares podem ser fixos e imóveis, como nas sociedades estáticas, ou sem fixar e móveis, como nas sociedades dinâmicas. (CORBÍ, 2010, p. 173).

De acordo com Corbí (2010), as escrituras sagradas já não têm as estruturas da religião, elas orientam e impulsionam a se buscar a dimensão que continuamos a denominar de religiosa; estão mais ligadas à poesia do que às ciências e aos projetos coletivos, elas apenas orientam, não dizem no que se deve crer. Sua linguagem se compara à da poesia por não requerer crença, poderá ser verificada, reparada, indagada. Assim como não há acareação entre os poetas, nas novas circunstâncias tampouco deverá existir conflito algum entre diversas escrituras e tradições. Os conteúdos das

tradições não se contradizem, nem entram em confronto, só as crenças o fazem. Os mitos e os símbolos não são excludentes entre si; o que gera exclusão é a leitura que deles se faz como coisa que se deve acreditar,

Todos os mitos e símbolos, todas as tradições e as escrituras sagradas e todas as culturas e de todos os povos existem como um convite e como uma incitação multifacética; eles não devem ser objetos de crença, mas ao contrário de reparação, de indagação e de verificação (CORBÍ, 2010, p. 181).

Nas novas situações culturais, os grupos sociais devem viver da inovação e da mudança contínua, não se fundamentando em crenças que são incontestáveis; devem apoiar-se em postulados e projetos construídos por si mesmos. As grandes tradições não deverão oferecer a essa nova sociedade quadros de crenças, deverão apresentar-lhes outras possibilidades que consistirão em outra forma de acesso de nossas faculdades à realidade, diferente da que proporciona nosso cotidiano. Oferecer às faculdades humanas outro tipo de acesso à realidade significa convidar a um processo de transformação e de refinamento dessas faculdades, para torná-las aptas a outra maneira de perceber, de sentir, de conhecer e de atuar.

O processo a que convidam as tradições religiosas se assemelham muito a um caminho. Em que consiste esse caminho, segundo os ensinamentos? Consiste em passar a ler, ponderar e tratar a realidade a partir da necessidade característica de um ser vivo a lê-la, ponderá-la e trata-la a partir do silêncio da necessidade. Nesse silêncio, mostra-se “o que é”, não o que o ser vivo necessitado precisa ver. O caminho proposto pela tradição, a Via, é um processo de silenciamento das interpretações, de avaliações e de usos da realidade que faz a necessidade. O silenciamento conduz à condição de testemunha lúcida e desinteressada. [...] Na nova situação cultural, das sociedades de conhecimento, de inovação e de mudança contínua, o caminho terá de ser feito sem crenças (CORBÍ, 2010, p. 187-188).

Corbí (2010) afirma que a inevitável globalização da sociedade, que é também globalização religiosa, é outra importante razão que contribui para tornar inviável a união indissolúvel, entre vivência espiritual e crenças, entre fé e crenças, para as novas sociedades em uma sociedade na qual convergem todas as grandes tradições religiosas da humanidade. O caminho espiritual não deve passar pelo religamento exclusivo e excludente de certas crenças, de certas formas e de certas estruturas, ainda que essa união seja milenar. Numa sociedade global, as tradições religiosas não devem gerar

confrontos, desencontros, menosprezos mútuos. Melhor será deixar de existir que propiciar essa atitude conflitiva gerada pela confusão entre fé e crenças, pela fusão inseparável pelo “toque” do absoluto e das crenças com relação ao absoluto e a esse “toque”. A divergência entre as tradições espirituais e as novas sociedades tem raiz epistemológica. Partindo da convicção de que as ciências descrevem a natureza das coisas, espera-se que essas mesmas ciências nos orientem a tratá-la de modo adequado.

O capital e o mercado fomentam as ideias da estrutura mítica nas sociedades neoliberais através das ciências e da tecnologia, muito embora as ciências não descrevam a realidade como é, mas construam modelos para nela poder operar. O papel das ciências é transmitir informações sobre a realidade, que possam servir para atuar sobre ela. Complementa Corbí.

As ciências não podem resolver todos os problemas humanos, porque os problemas mais graves que, nós, seres humanos, padecemos são os axiológicos, porque são políticos, sociais, morais, e as ciências, por sua própria natureza, são incapazes de tratar exhaustivamente esses problemas. As sociedades, por mais científicas e tecnológicas que sejam, precisarão construir sistemas de valores que nos permitam viver e manejar as ciências e as tecnologias do modo adequado. As ciências não podem proporcionar esses sistemas; devemos construir postulados axiológicos em função dos quais seja factível construir projetos de vida coletiva aos quais se subordinarão os desenvolvimentos científicos e tecnológicos. Tanto as religiões como as ciências, a partir de suas epistemologias - que, no passado, estiveram intrinsecamente aparentadas - tinham e ainda têm em círculos majoritários, a pretensão de dizer o que é a realidade. Tanto uns como os outros são fiéis. É hora de abandonar todas as crenças. As ciências não dizem o que é realidade, mas modelam para operar nela (CORBÍ, 2010, p. 191-192).

Para Corbí (2010), há um grande impasse que diverge e dificulta o caminhar paralelo das duas situações: ancoradas em perspectivas e atitudes pré-industriais, as tradições religiosas não se adaptaram às novas condições culturais, nem as novas sociedades industriais se adaptaram plenamente às novas circunstâncias, no que se refere à interpretação das ciências e, especificamente, com relação à linguagem das tradições religiosas. Contudo, as sociedades estáticas são sociedades de crenças, que fizeram dos mitos e dos símbolos o suporte para suas crenças. Para essa sociedade, os mitos, as narrações sagradas, e os símbolos são narrações da realidade, são descrições de personagens e de fatos; enquanto as sociedades dinâmicas só podem ser sociedades de suposições. Nessas sociedades, os símbolos, os mitos, as narrações sagradas são apenas metáforas que apontam para a realidade, com o objetivo de indagá-la, não para operar

nela. As sociedades dinâmicas não necessitam crer na existência desses acontecimentos, tal como são descritos, pelas narrações. É necessário apenas supor que os mitos, os símbolos sejam guias para a investigação do que nos rodeia e no sentido no qual eles nos falam.

Os símbolos e os mitos que herdamos do passado não são programas de nada nem de ninguém; já não são sistemas de crenças que seja preciso assumir. Por isso, perderam o poder de se apresentar diante das comunidades como descrições garantidas da realidade capaz de dotar de sentido e de orientação a ação e a vida. Os símbolos e os mitos que herdamos do passado perderam sua clara função designativa para as realidades deste mundo, assim como a capacidade de gerar na consciência a convicção de que se referem a algo concreto do mundo relativo às nossas necessidades. Eles deixaram de ser úteis para organizar a vida e a ação cotidiana das comunidades. [...] Os símbolos do passado são agora tão somente metáforas (CORBÍ 2010, p. 199).

Diz Corbí (2010) que, no futuro, não haverá substituto para a religião, porque nada nem ninguém proporcionarão nada construído, ela, pois, era um projeto de vida individual e coletivo, um sistema de interpretar o mundo, a humanidade e a vida, um sistema de avaliação e de organização familiar e social. Para compreendermos essa nova situação, devemos apreender que a espiritualidade não dá soluções a nada, nem na vida, nem na morte; a verdadeira espiritualidade é composta por um completo vazio de formas, de todo tipo de construção e de determinação, porque é só um arrebatamento sutil de amor e interesse que vivificará todas as nossas construções culturais.

Nossos propósitos e nossos projetos deverão dar-nos orientações e sentidos às nossas vidas e não às tradições religiosas. Tudo deverá ser solucionado por nós mesmos, com nossas ciências, com nossas tecnologias, com nossos projetos e postulados axiológicos. Nas sociedades globais, só nossa capacidade e qualidade pessoal e coletiva serão nossos guias, capazes de discernir o que é conveniente e adequado para nós, para as nossas vidas:

[...] A espiritualidade nos conduz a outra dimensão da existência; ela nos guia à dimensão Absoluta, nos conduz a ampliar o nosso ser, a afinar nosso discernir e nosso sentir, a pacificar e serenar nosso interior; a espiritualidade nos conduz à ternura, ao interesse incondicional por todos e por tudo, ao amor e à paz. Tudo isso não constitui uma solução de nenhum tipo, mas é uma fonte fecunda de soluções válidas (CORBÍ, 2010, p. 203-204).

Corbí (2010) argumenta que, nas novas sociedades, a prática da espiritualidade não será sincrética nem homogênea, a tendência é ser profundamente pessoal e individual, mas não será um caminho solitário: serão formados grupos que não se fundamentarão em crenças que lhes proporcionem homogeneidade. Os grupos e os indivíduos pipocarão em diversidade, haverá escolas e parentescos, mas não homogeneidade. Todas as tradições oferecem o caminho para a sabedoria, o caminho para o absoluto que transcende e liberta da submissão a toda forma, embora isso seja dito numa grande diversidade de formas, em contexto e padrões culturais diferentes; elas falam daquilo que não se pode falar, daquilo que só cabe apontar, daquilo que transcende todas as possibilidades da língua humana, que transcende toda capacidade humana de imaginar e de conceber nossa qualidade vital específica de forma não religiosa. Se avaliarmos as formas de organização e atuação da realidade na qual vivemos, podemos reconhecer que tudo que se encontra nas religiões não é mais revelação divina, mas construção humana, portanto, uma construção propícia às mudanças frequentes das ciências e das tecnologias.

Isso quer dizer que teremos de aprender a viver e a cultivar a dimensão absoluta da realidade sem religião alguma, sem submissão, com uma indagação. Nós nos atreveríamos a dizer que essa é a mais séria inovação a que nos vemos submetidos nas sociedades de conhecimento. Teremos que nos manter não religiosos, mas aprendendo com as religiões, tal como aprendemos com os nossos antepassados música, pintura, poesia etc., sem fazê-lo como eles fizeram, sem pensar, sem sentir e sem viver como eles, isto é, sem unir numa unidade indissolúvel, as formas de nosso pensar, de nosso avaliar e de nosso fazer, baseadas em certas formas de satisfazer as nossas necessidades, à experiência absoluta do real. Temos de cultivar tematicamente esse aspecto de nossa experiência do real para mantermos humanos. E devemos aprender a fazê-lo sem formas fixadas, portanto, sem religiões. Teremos de aprender a usar as religiões sem ser religiosos, a aprender com as crenças sem nos tornarmos fieis (CORBÍ, 2010, p.218-219).

Assim, devemos compreender que a experiência absoluta do real não pode transitar pelas formas religiosas do passado, devemos sim, cultivar essa experiência do real absoluto para o bom funcionamento das sociedades dinâmicas de conhecimento, pois nelas não há lugares estáveis para enraizamentos, porque tanto as interpretações da realidade como suas avaliações, as formas de trabalhar e de se organizar como sistema de coesão e de motivação se movem continuamente. É necessário compreendermos

também que todas as formas nas quais vivemos são criações nossas e que é necessário ir criando formas novas, conforme a conveniência, pois, a experiência humana é a experiência absoluta da realidade e, por conseguinte, a oferta da possibilidade de indagação e de conhecimento gratuito.

Do aparecimento do homem na terra, até a generalização da vida industrial, as religiões sempre foram o fator principal, embora não o único, de humanidade, por cultivar a experiência ou o vislumbre absoluto da realidade. Ainda que haja o completo desaparecimento das religiões nas sociedades industriais desenvolvidas, não ocasionará o desaparecimento completo e total das condições de humanidade, porque seu exercício e sua colocação supõem sempre um grau ou outro de experiência ou de vislumbre da dimensão absoluta e não relativa da realidade. A experiência do real nunca se identifica ou se esgota com as formulações da ciência, ou com as expressões das artes, sempre se faz presente como um horizonte rumo ao qual se pode caminhar e que jamais será alcançado.

As sociedades de conhecimento vivem de criar ciência e tecnologia e, através delas, novos serviços e produtos, no entanto, nem mesmo nessas sociedades, seus membros cultivam o tipo de trabalho científico que ativa o “suposto absoluto,” que quase sempre fica implícito e tudo é móvel, nada é fixo, porque tudo deve poder modificar-se, se assim for conveniente. Essas sociedades constroem livremente seu próprio destino, porque vivem dessa contínua criação, de seu próprio movimento na interpretação e na avaliação da realidade, nos modos de trabalho, de organização, de vida e de atuação, em seus valores e em seus fins (CORBÍ, 2010).

1.2 Reflexão sobre os Dados Atuais

Segundo Andrade; Menezes (2013), o primeiro Censo realizado em 1872 já registrou a presença dos “sem religião” no cenário religioso nacional, à época denominados de sem religião e sem declaração. A tabela apresenta os números relativos ao ano de 1872 a 1991 (ANDRADE; MENEZES, 2013, p. 05).

Religião	1872	1890	1940	1950	1960	1970	1980	1991
	%	%	%	%	%	%	%	%
Católicos	99,77	98,93	95,01	93,49	-	91,77	88,95	83,80
Protestantes	-	1,0	2,61	3,35	-	5,16	3,37	2,98
Espíritas	-	-	1,12	1,59	-	1,26	0,72	1,12
Outros	-	0,1	0,58	0,58	-	1,02	0,94	0,06
Sem religião e sem declaração	0,28	0,05	0,46	0,79	-	0,76	1,9	5,13
Ortodoxos	-	0,01	0,09	0,13	-	-	-	-
Israelitas	-	-	0,13	0,13	-	-	0,07	-
Pentecostais							3,24	6,16
Evangélicos	-	-	-	-	-	-	-	9,10

Quadro 2 – Censo (dados de 1872 – 1991)

Fonte: Andrade e Meneses (2013).

Com o objetivo de apresentar a evolução e a consolidação da categoria de pessoas que se declaram “sem religião” nos recenseamentos brasileiros, Rodrigues (2012, p. 1134), realizou sua pesquisa delimitada historicamente entre 1960 a 2000, período no qual constatou que o grupo dos “sem religião” constantes no Censo-IBGE/2010 como um grupo homogêneo é, segundo sua pesquisa, um grupo heterogêneo, composto por dois tipos diferenciados. 1) ateus ou agnósticos, totalmente descrentes ou duvidosos da crença no transcendente, os quais foram classificados como indivíduos sem religião, “sem religiosidade”; 2) aqueles que mantinham sua fé em Deus ou em algum outro tipo de força transcendente, classificados como “sem religião com religiosidade”. Rodrigues afirma (2012, p. 1136) que, por diversos motivos, definiram-se ou foram classificados pelos recenseadores como “sem religião” e que estão em contínua expansão em todo o território nacional.

Os “sem religião” só passaram a despertar a atenção e preocupação dos estudiosos da filosofia, sociologia e das ciências da religião, quando o percentual passou de 1,6% da população brasileira em 1980 para 4,8% em 1991 e 7,3% em 2000. De 1970 para 2000, os censos já mostravam que o crescimento médio anual dos católicos era bem mais lento que o da população total do país. Entre 1980 e 1991, a religião católica sofreu uma perda de 5,7% de fiéis em relação um aumento de 2,4% dos evangélicos e de 3,1% dos “sem religião”. No ano de 2000, o decréscimo dos católicos aumentou para

9,4%, representando agora, somente 73,9% da população (¾ dela), contra um aumento de 2,7% dos “sem religião” e de 6,6% dos evangélicos. O Censo de 2010 mostrou que, apesar de toda a revitalização assegurada, principalmente, pela Renovação Católica Carismática. Para Rodrigues (2012, p. 1134), o percentual da população católica chegou aos 64,63%, os evangélicos aumentaram para 22,16%, e os “sem religião” para 8,04%, o que dá continuidade ao ritmo das oscilações censitárias anteriores.

Altmann (2012) sugere mudanças para o próximo Censo afirmando ser indispensável o concurso de um grupo de especialistas mais representativos na área da Teologia e das Ciências da Religião, incluindo Sociologia e Antropologia para a coleta de dados realizada pelo IBGE, especialmente sobre a adesão religiosa, com sério problema de “engenharia de classificação dos grupos religiosos”. Conferir:

[...] coletar adequadamente dados acerca da adesão religiosa da população não é tarefa fácil e requer uma complexa engenharia de classificação dos grupos religiosos, num cenário sabidamente de grande fragmentação. No seu preparo, é indispensável o concurso do maior e mais representativo grupo de especialistas na área da Teologia e das Ciências da Religião (incluindo Sociologia e Antropologia), a fim de evitar ao máximo que a própria coleta de dados provoque distorções. Esse cuidado, infelizmente, não houve, pelo menos não na medida do necessário. O Censo IBGE 2010 se mostra como particularmente útil quando também cruzam os dados referentes à adesão religiosa com os dados referentes, entre outros, a rendimento, profissão, nível de instrução, faixa etária, gênero e etnia (ALTMANN, 2012, p. 1123).

Paulo Gracino Júnior (2012, p. 1155), compara os Censos brasileiros com o de Portugal, “onde se apresenta ao entrevistado um conjunto fechado de opções previamente estabelecidas”. Ele faz uma análise positiva dos trabalhos realizados pelo IBGE no Brasil desde 1981 até o último Censo de 2010, quando a instituição incluiu a categoria religião com questões de livre resposta, aplicando a pergunta: “Qual é a sua religião ou culto?” Para o autor, essa questão dá ao entrevistado a liberdade de responder livremente sem nenhuma restrição, ao número de religiões a serem declaradas e acrescenta que o IBGE tem ampliado, com a ajuda de cientistas sociais, a quantidade de categorias classificatórias quanto às religiões, chegando a discriminar nos censos de 1991, 2000, 2010 as denominações pentecostais mais importantes do ponto de vista demográfico. Júnior faz também uma análise sobre as possibilidades e limites desses dados para o estudo das religiões, especialmente sobre a questão dos instrumentos de coleta.

Segundo Antoniazzi (2003), reservas metodológicas já foram feitas ao Censo de nosso país por estudiosos das áreas de interesse e utilização dos dados censitários e destaca que não houve avanços no diálogo com os especialistas nos estudos da religião, porque há um excesso de burocratização e, principalmente, uma incapacidade de categorias que possam captar, com exatidão, a fluidez das pertenças religiosas da atualidade. A crítica mais justificável que tem sido feita é sobre a categoria dos “sem religião”. Pesquisadores têm demonstrado que, nessa situação, não se encontram somente os irreligiosos, ateus ou agnósticos, mas uma grande quantidade de indivíduos que abrange desde os ateus e agnósticos até pessoas que creem em uma divindade, mas não se identificam com uma instituição religiosa.

Observa-se que os textos apresentam nuances diversas, referentes aos dados dos recenseamentos divulgados pelo IBGE e que necessitam de novos mecanismos que venham adequar-se à realidade da plural sociedade religiosa brasileira.

1.2.1 Os “sem religião” na história dos Censos brasileiros

Pouco se sabe sobre os “sem religião” no Brasil. Até 1890, o catolicismo era a religião oficial do Estado, as demais religiões eram proibidas em decorrência da norma do art. 5º da Constituição de 1824. O catolicismo era subvencionado pelo Estado e gozava de enormes privilégios até a separação entre a Igreja e o Estado no Brasil, que ocorreu em sete de janeiro de 1890 com o Decreto nº 119-A. No entanto, somente com a Constituição de 1891 é que Igreja e Estado rompem definitivamente (LIMA, 2001).

Segundo Andrade; Menezes (2013), os primeiros dados oficiais referentes à população brasileira datam ainda da época do Império. Há registros do ano de 1872, quando a população católica brasileira somava (99,77%), quase que 100% de sua totalidade. Não foram encontrados, em números, registros da presença protestante nessa época. Os autores argumentam que, em 1890, a presença de cristão protestante em terras brasileiras era de aproximadamente 1%, número considerado ínfimo, que nem mesmo consta nas estatísticas. Porém, a instalação da República Federativa do Brasil em 1891 trouxe grandes e consideráveis mudanças à população no que se refere aos Direitos Humanos da população naquela época.

Os primeiros dados oficiais referentes à população brasileira remontam ao período do Império, ou seja, 1872. Naquele momento, a população católica era de aproximadamente 100% (99,77%). Em 1890 apontava-se uma pequena diminuição do rebanho católico (98,93%), a presença evangélica em terras brasileiras era de 1%. A visibilidade protestante – pelo menos em termos numéricos – era tão ínfima que não foi registrada. Obviamente não há como desconsiderar o fato do catolicismo ser a religião oficial do Império Brasileiro, conforme estabelecia a Constituição de 1824. Toda a documentação dos brasileiros, tal como certidão de batismo, casamento e óbito, passava pela Igreja Católica. Boa parte dos cemitérios, por sinal, era controlada por essa instituição. A carta constitucional, inclusive, estabelecia restrições quanto aos lugares de culto, à construção de templos e ao proselitismo. O Código criminal de 1830, por exemplo, continha restrições às religiões não católicas e à defesa da ortodoxia da religião do Estado: crime de divulgar doutrinas contrárias as “verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma”. Para os condenados havia pena de um ano de prisão mais multa pecuniária (ANDRADE, 2013, p. 4).

A Constituição de 1891 estabelecia a inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença, proibindo que as pessoas fossem privadas de seus direitos por motivo de crença religiosa, salvo se invocadas para se isentarem de obrigação legal que fosse imposta a todos. A nova carta constitucional provocou mudanças importantes que alterou radicalmente a vida dos brasileiros: o governo deixou de interferir na escolha de cargos do alto clero; as eleições deixaram de ser realizadas nas Igrejas; a paróquia perdeu sua função de unidade administrativa, e o Estado passa a deter todo o monopólio dos registros civis e cria os cemitérios públicos. A diversidade religiosa que já se fazia presente na época, embora em pequena escala, era expressamente proibida de se manifestar,

Nossa diversidade religiosa era, de certo modo, “camuflada” pela oficialidade do legal (até 1891) ou tradicional do catolicismo, pelo formalismo quanto ao pertencimento e à vivência religiosa e pela estigmatização dos adeptos das demais religiões, principalmente aquelas de matrizes africanas (ANDRADE, 2013, p. 5).

Segundo Andrade; Menezes (2013), até bem pouco tempo, anos de 1950, quem não era católico no Brasil era, no mínimo, alvo de discriminação religiosa, quando não excluído da sociedade. Para cada 10 habitantes, 9 se declaravam católicos. Contudo, a categoria dos “sem religião” já existia, embora em números ínfimos. Em 1872, os “sem religião” e sem declaração somavam 0,28, em 1890; 0,05%, em 1940 0,46%, em 1950; 0,79% em 1970; 0,76% em 1980; 1,9% e em 1991; 5,13% em 2000 7,3%; em 2010 atinge 8,4% da população, passando a ocupar espaço nas estatísticas, preocupação aos

cientistas sociais e da religião no país, causando intranquilidade, principalmente à Igreja Católica com o nascente trânsito religioso que conduz a ida de seus fiéis para as outras religiões.

Os dados do Censo 2010 apontam que a categoria dos “sem religião” está em quarto lugar entre as que mais cresceram nos últimos vinte anos. Em 2000, havia 12,5 milhões (7,3%) do segmento “sem religião”. Em 2010, esses declarantes chegam a 15 milhões (8%).

Para Andrade e Menezes é importante lembrar aos cientistas sociais que a filiação posta pelo censo se estabelece pela autoidentificação,

Como destacaram Ronaldo Almeida e Paula Montero, quando analisaram a auto-identificação de “não-praticante” no Censo 2000, um número considerável de pessoas pode muito bem se identificar como católico “não-praticante”, ou simplesmente sem religião, dependendo do dia em que for entrevistada. Isso pode ser constatado, inclusive, nas dificuldades quanto às taxonomias adotadas pelo IBGE. Se observarmos as primeiras estatísticas populacionais no Brasil, a classificação adotada, comparada com os últimos Censos, era bastante simplificada. A pesquisadora Clara Mafra, por exemplo, ligada ao Instituto de Estudos da Religião (ISER), foi contratada pelo IBGE em 2001 para fazer a classificação das religiões obtidas a partir de uma questão basilar posta no questionário aplicado no campo pelos recenseadores: “qual a sua religião ou culto?” Foram constatadas aproximadamente 35.000 declarações. Como elaborar classificações capazes de atender à diversidade cada vez mais evidente, principalmente? (ANDRADE, 2013, p. 9).

Rodrigues (2012) assinala o aparecimento da categoria dos “sem religião” nos dados censitários a partir da década de 1960, quando esse grupo foi redefinido, isolando somente aqueles que se assumiam como “sem religião” e que foram aumentando gradativamente, até passar de 1,6% da população brasileira em 1980 para 4,8% em 1991, 7,3% em 2000 e 8,04% em 2010.

Religiões	Censo %						
	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Católicos	93,5	93,1	91,8	89,0	83,8	73,8	64,63
Evangélicos	3,4	4,0	5,2	6,6	9,1	15,5	22,16
Sem religião	*	0,5	0,8	1,6	4,8	7,3	8,4

Quadro 3 – Censo (dados de 1950 – 2010)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1950-2010. Rodrigues (2012).

A categoria dos “sem religião”, 3ª posição segundo a classificação das religiões do país, é um “fenômeno social emergente e os estudos das Ciências Sociais têm, de forma superficial, analisado seus aspectos significativos: origem, crescimento, representações, correlações de sentido e causalidades” (SILVA, 2013, p. 64). Essas 15,3 milhões de pessoas declaradas “sem religião” formam hoje, na sociedade brasileira, um novo perfil de indivíduos que buscam outros referenciais para a construção de uma nova tipologia que vem ganhando visibilidade no campo religioso brasileiro.

Segundo Silva (2013, p. 66), na região Sudeste, espaço geográfico de maior concentração dos “sem religião”, 38% dos jovens entre 15 a 24 anos revelaram que “romperam com a instituição religiosa, mas não deixam de acreditar em uma força superior” experimentam suas próprias práticas e formas ritualísticas para lidar com sua religiosidade.

Corbí (2010) nos dá a compreensão de que a história dos “sem religião” está construindo-se nesse contexto moderno onde a religião, como instituição religiosa reguladora tradicional, já não tem o poder de regular os universos cultural, social e pessoal. Partindo da lógica da modernidade, as pessoas continuam a viver dimensões religiosas, agora, porém, de forma individual, particular, considerando a autonomia racional.

1.2.2 Os “sem religião” no Brasil: números e análises

O crescente número de pessoas que se declaram “sem religião” tem fomentado explicações, principalmente quando o IBGE divulgou, em 2000, o percentual de 7,4% e, em 2010, 8%. Ou seja, 15,3 milhões pessoas se dizem “sem religião” em um quadro em que ateus ou agnósticos são apenas 615 mil e 124,4 mil declarantes, respectivamente. Na tentativa de entender e também favorecer à população uma compreensão sobre essas pessoas que já povoam todo território nacional, Novaes (2013) apresenta várias pesquisas que traz importantes dados para a compreensão desse fenômeno no campo religioso brasileiro.

Dentre as diversas questões trabalhadas na pesquisa *Projeto Juventude*, realizada em 2003, pelo Instituto Cidadania, a autora destaca a questão de número dois que, segundo ela, foi fundamental para caracterizar crenças, combinações e experimentações

religiosas dos jovens entrevistados. Na lista das questões apresentadas, estavam as alternativas “*acredita em Deus, mas não tem religião, à qual aderiram 9% dos jovens entre 15 a 24 anos e, ‘é ateu (ateia) /agnóstico (agnóstica)’, à qual aderiram 1% dos entrevistados*”. Novaes (2013, p. 176) comenta que essa pesquisa evidenciou uma distinção contrastante entre os religiosos “sem religião” e os que se declararam ateus e agnósticos caracterizados como brancos e com níveis de renda e escolaridade mais altos.

Para Novaes (2013), os jovens “sem religião” não habitam somente o sudeste brasileiro, onde se concentram os estados mais ricos do país, mas também nas áreas de “frente de expansão” nas regiões Norte e Centro-Oeste e, em número menor, nas demais regiões do Brasil. Com relação ao trabalho, a pesquisa indica que 45% dos jovens que acreditam em Deus, mas não têm religião, são os que mais trabalham na cidade sem carteira assinada.

Quanto à questão educacional, o número dos jovens evangélicos pentecostais cursando o Ensino fundamental ou que pararam de estudar nessas séries, foi maior que os jovens que acreditam em Deus, mas não têm religião. Com relação ao Ensino Médio e ao Ensino Superior, os jovens que “acreditam em Deus, mas têm religião” superaram apenas os jovens umbandistas e do candomblé. Outro destaque importante da pesquisa foi a presença dos “sem religião” entre jovens negros e pardos originários de famílias pobres (NOVAES, 2013).

A pesquisa Juventude, Juventudes, realizada em 2004 com a chancela da UNESCO, incluindo os jovens entre 25 a 29 anos (NOVAES, 2013), veio confirmar o Censo de 2000 no que se refere aos jovens: 66,2% confirmam a diminuição da religião Católica, 18,8% indicam a forte presença dos evangélicos ou protestantes, assim denominados na pesquisa, 7,9% comprovam a significativa presença dos “sem religião” que se declaram “ser religioso”, mas sem compromisso com nenhuma religião. Outros (4%) ficaram os “ateus”, classificados como “não tem religião”.

Outro importante fato constatado nessa pesquisa é que 3,4% dos ateus se declararam analfabetos e esse número aumenta, à medida que aumentam os anos de estudos. Entre os “sem religião”, há um gráfico que aponta dois extremos. Em um extremo, está a expressiva presença de jovens analfabetos; no outro extremo, (ainda que em números menores), se encontram os entrevistados que frequentam universidades.

A mesma pesquisa aponta ainda que (4,7%) dos jovens “sem religião” declararam morar na área rural e (7,85%) trabalhar na pecuária e na agricultura. A

mesma pesquisa constatou a presença de jovens “sem religião” na área rural, onde a presença de ateus é praticamente inexistente. Contudo, o resultado da pesquisa do Projeto *Juventude e Juventudes* confirma que, entre os jovens “sem religião”, predominam atividades urbanas.

Na pesquisa *Juventudes* Sul-americanas (Ibase/Polis) realizada em 2008, Regina Novaes aponta dados importantes sobre os jovens “sem religião”. Conferir.

No Brasil, segundo esta pesquisa, em 2008 eram católicos 62% dos jovens e 67% dos adultos. Já no que diz respeito aos que escolheram a alternativa *ter fé, mas não uma religião*, sobressaíram os mais jovens (11%) dos jovens e 5% dos adultos). Neste caso, o número de ateus (3,5% dos jovens e 2,1% dos adultos). O que pode ser explicado pela maneira de perguntar na qual se juntou alternativas que – via de regra – ficam separadas em outras pesquisas (“ser ateu ou não ter religião”). Neste caso, os sem religião podem ter inflacionado o número de ateus. A particularidade desta pesquisa foi a comparação entre as respostas dos jovens de (18 a 29 anos) e dos adultos (de 30 a 60 anos). Seu principal achado foi constatar a diminuição da transferência religiosa intergeracional do catolicismo, religião historicamente dominante dos seis países (NOVAES, 2013, p.178).

Novaes (2013) afirma que, nos seis países sul-americanos, os jovens são menos católicos que seus pais, observando a ordem a seguir: Uruguai (menos 12%); Argentina (menos 8%); Chile (menos de 6%); Brasil (menos de 5%); Paraguai e Bolívia (menos de 4%). Porém, o que mais importa destacar aqui é a experiência comum de descontinuidade com as religiões dos pais vivenciadas por parcelas dessas juventudes.

A autora coloca que, para comparar as três pesquisas, alguns obstáculos metodológicos devem ser considerados.

Em primeiro lugar, tanto a maneira de perguntar quanto os modos de estabelecer critérios para classificar respostas dificultam a comparação dos resultados destas pesquisas. Em segundo lugar, como vimos, nas pesquisas citadas foram consideradas diferentes faixas etárias. Na época da pesquisa do Projeto Juventude, a faixa de 15 a 24 anos era o padrão das pesquisas nacionais e internacionais. Posteriormente a faixa de 15 a 29 anos – utilizada pela Unesco – segue a legislação brasileira, que criou em 2005 a Secretaria Nacional da Juventude e o Conjuve (Conselho Nacional de Juventude), que já permitiu visualizar diferentes níveis de escolaridade. Já a faixa 18 a 29 anos, utilizada na pesquisa desenvolvida pelo Ibase/Polis em 2008, foi resultado de adequação às regras do IDCR, Instituto do parlamento canadense que financiou a pesquisa, que não permitem entrevistar “menores de idade”. O que pode ter contribuído para o aumento do número de ateus (NOVAES, 2013, p. 178).

Reconhecidas as dificuldades de comparação mencionadas, conclui-se que os resultados convergem na reafirmação da presença de jovens “sem religião” que não se autotransformaram como ateus ou agnósticos. Contudo, ainda converge no reconhecimento de considerável diferenciação interna em termos de escolaridade, renda, região e local de moradia dos jovens “sem religião”, parte de uma geração que experimentam a descontinuidade com a religião de seus pais.

Ainda, Analisando o Censo 2010, Novaes (2013) reforça que a presença mais forte dos “sem religião” está nas cidades, porém eles também são encontrados no campo, onde a maioria é de negros e pardos e o número de brancos está abaixo da média nacional. Em relação à declaração de cor, sexo, instrução e renda, a autora faz a seguinte declaração.

Entre os sem-religião a declaração de cor mais presente foi parda (47,1%), mas estão presentes também entre brancos e negros. Estão mais entre os homens (9,7%), mas também entre mulheres (6,4%). Entre os sem-religião evangélicos pentecostais e católicos existem mais analfabetos e com Ensino Fundamental incompleto. Mas a curva dos sem-religião evolui para uma sub-representação no grupo dos possuidores de instrução superior, completa ou incompleta. Em termos de rendimento mensal domiciliar, os evangélicos pentecostais (63,7) tem maior proporção de pessoas na faixa de até 1 salário mínimo por *per capita*, seguidos dos sem-religião (59,2%) e dos católicos (55,8%). Ou seja, menos do que os católicos (e mais do que os evangélicos), cerca de 40% dos sem-religião estão espalhados por outros estratos da pirâmide social (NOVAES, 2013, p.179).

Como muitos outros pesquisadores nacionais, Novaes (2013) reafirma que os “sem religião” têm maior representatividade na metropolitana cidade do Rio de Janeiro, no sudeste do país, mas se destaca também, em várias cidades da região Norte, como Roraima, Rondônia, Acre, Pará e Centro Oeste, como o caso de Mato Grosso. A autora chama a atenção para as diferenças internas trabalhadas por Renata Menezes ao questionar a homogeneidade da classificação regional.

[...] é interessante atentar para outras diferenças internas ao próprio Sudeste, onde está um estado dos mais católicos (Minas Gerais, com 70,43% de católicos e 20,19% de evangélicos); um estado um pouco menos católico que a média nacional (São Paulo com 60,06% e 24,08 de evangélicos) e dois estados bem menos católicos e mais evangélicos dos que a média regional (Rio de Janeiro, com 45,81% de católicos e 29,37 de evangélicos e Espírito Santos, com 53,29 de católicos e 33,12% de evangélicos) (NOVAES, 2013, p. 180).

Novaes (2013) usa as informações acima para chamar a atenção para as diferenças internas dos “sem religião” e as diversas configurações religiosas dos espaços onde elas se movem e dizer que essa paisagem dificulta generalizações. Porém, além das desigualdades e diferenças presentes nos jovens brasileiros, essas características podem servir para apontar marcas geracionais que interferem nas atuais estratégias de apresentação social e na maneira atual de responder à questão “Qual é sua religião?” Para a autora, essa pergunta utilizada no Censo 2010, que resultou em 66 distintas categorias e subcategorias, apresenta riscos e limites. Conferir.

Os limites dessa única pergunta são evidentes: a) Há riscos de diferentes entendimentos sobre “o que é religião?”; b) Abrem-se espaços para soluções contingentes para casos de respostas que não se encaixam na classificação adotada; c) Ter apenas uma pergunta limita a identificação de práticas, vínculos e crenças simultâneas (NOVAES, 2013, p. 179).

Novaes também destaca o importante avanço do Censo 2010, que, pela primeira vez, apresenta o desmembramento da categoria dos “sem religião” em grupos de ateus, agnósticos e propriamente os “sem religião” e chama a atenção para a importância de se ressaltar que, é o próprio entrevistado “sem religião” que escolhe espontaneamente, entre as alternativas, aquela que melhor se encaixa à sua realidade, à sua espiritualidade. Para Novaes (2013), a condição juvenil refere-se ao conceito de geração, que se insere no contexto histórico no qual cada indivíduo se socializa, considerando que cada geração incorpora novos códigos e sentidos; portanto, pertencer à outra geração traz diferentes estratégias de apresentação social e autodeclaração religiosa.

Neste sentido, para compreender o que significa declarar-se “sem religião” entre jovens de hoje, é preciso levar em conta um conjunto de mudanças sociais inter-relacionadas. Assim sendo, é preciso considerar o quanto o acelerado processo de globalização econômica e cultural, impulsionado por novas tecnologias de comunicação e informação, interfere nos padrões de passagem da juventude para a vida adulta introduzindo novas incertezas, vulnerabilidades e potencialidades entre jovens de diferentes países e classes sociais (NOVAES, 2013, p.181).

Em Novaes (2013, p. 182), nesta primeira década do novo milênio, os jovens nascidos entre 15 a 29 anos atrás, diferem muito do contexto social de seus pais e avós, por terem acompanhado o crescimento pentecostal entre os brasileiros mais pobres através da proliferação de denominações pentecostais de diferentes tipos e tamanhos.

Eles já cresceram respondendo à questão, “Qual igreja?” para quem no centro ou periferia de alguma cidade perguntasse: “Onde fica a Igreja?” Esses jovens cresceram observando, com naturalidade, histórias e fatos de trânsitos religiosos dentro de suas famílias multirreligiosas e espaços circunvizinhos. Os meios de comunicação muito contribuíram para essa realidade, principalmente os variados programas de rádio e televisão, que lhes proporcionaram muitas informações, assim como as variadas ofertas da indústria fonográfica gospel e as diferentes redes virtuais por onde circulam os evangélicos com variadas ofertas de bens religiosos, simbólicas e materiais.

Ainda, na Pesquisa Juventudes Sul-americanas (Ibase/Polis), Novaes (2013, p. 183) constatou que, no Brasil e na Argentina os jovens estão duas vezes mais conectados à internet. Embora persistam as desigualdades sociais, esta é a primeira geração a beneficiar-se da internet sem concluir o Ensino Fundamental. Essa geração tornou-se jovem junto com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que lhes proporciona inédita conjugação de espaços geográficos e eletrônicos. Hoje as TICs estão cada vez mais sobrepostas na sociabilidade, na construção da identidade e na demarcação de fronteiras sociais. Sem pudores ou ocultações, os jovens se sentem livres para “buscar” na Web espaços de espiritualidade.

Para ilustrar e compreender melhor casos de evangélicos “não determinados”, Regina Novaes narra o fato de como um jovem de 24 anos, Leo, motorista de táxi, que carrega bem visível, no painel de seu veículo, uma Bíblia.

No dia a dia, conta ele, ao ver a Bíblia todo passageiro que entra no táxi pergunta: “Você é evangélico?” E você é? Perguntei, “Não, ‘estou’ em uma rede de amigos evangélicos e através deles me aproximei da Bíblia que está sempre comigo, mas eu não tenho uma religião”. Perguntei onde se encontrava com seus amigos Ele respondeu rindo: “no computador e no celular”. Pergunto, se você fosse entrevistado pelo IBGE em 2010, como responderia a pergunta qual a sua religião? Ele ficou em dúvida e – talvez se esquecendo que já tinha dito que não tinha religião – respondeu sem grande convicção: “evangélico”. Para Léo, a Bíblia funciona como um “princípio ativo” associado ao mundo evangélico. Ao exibi-lo torna-se uma espécie de “evangélico genérico” (se pudéssemos fazer uma alusão ao “remédio genérico” que exhibe o princípio ativo e não o nome dado pela indústria farmacêutica) (NOVAES, 2013, p. 184).

Novaes (2013, p. 184) afirma que a diferença entre as duas vertentes do cristianismo – católicos e evangélicos – está no jogo de afirmação ou negação de pertencimento. Os “evangélicos genéricos”, classificados pelo Censo como não

“determinados” assemelham-se aos “católicos não praticantes” pelo fato de não frequentarem regularmente os cultos. Os católicos não praticantes referem-se a laços familiares, especialmente por terem a possibilidade de sempre recorrer aos sacramentos correspondentes ao Batismo, crisma, unção dos enfermos, ordenações e confissões, que são realizados (ao vivo), com a presença do fiel e do clero. Serviços clericais “ainda” não disponibilizados pela internet. Ao contrário dos “evangélicos genéricos” não ligados a essa lógica sacramental de reafirmação de pertencimento institucional, que já podem, por meios digitais, “baixar” cultos a qualquer hora, em todos os dias da semana. No caso de Leo, acima citado, foram novos vínculos e um “sentido de vida” que este mundo evangélico *on-line* lhe ofereceu.

Camurça (2013) afirma que, embora continue com o maior número de adeptos, a religião católica caiu de 124,9 milhões em 2000 para 123,2 milhões em 2010, apresentando um considerável percentual de queda de 12,2%, perdendo, no período de uma década, cerca de 1,6 milhões de adeptos, ou seja, 465 por dia.

Os católicos tiveram reduções em *todas* as regiões do país: sendo as mais significativas as da Região Norte, onde caíram de 71,3% em 2000 para 60,6% em 2010, as do Centro-Oeste de 69,1% para 59,6% e no Sudeste de 69,2% para 59,5%, cerca de 10 pontos percentuais (IBGE, 2012:91; *O Globo*, 01/07/12). Polo avançado da queda na Região Norte, o Acre registrou uma redução de 16 pontos, indo de 68,1% em 2000 para 51,9% em 2010 numa taxa percentual de 23,7%, mas ainda superado por Roraima, onde a queda foi de 26,1% (*O Globo*, 30/06/12). Ainda assim é o Sudeste a região de menor número de católicos, puxado pelo Rio de Janeiro, que registra abaixo dos 50%, a taxa de 45,8%, quando em 2000 já foi 57,2, já naquela época também a menor do país (CAMURÇA, 2013, p.63).

Como outros pesquisadores do campo religioso brasileiro, Camurça (2013) também afirma a continuidade da diminuição dos fiéis católicos de 73,8% em 2000 para 64,6% em 2010, bem como a continuidade do crescimento evangélico de 15,4% para 22,2% e o crescimento dos “*sem religião*” ainda que em ritmo menor, de 7,28%, fechou em 8% e, nessa década, saíram de 12,3 milhões para 15,3 milhões de pessoas autodeclaradas “sem religião”, totalizando um aumento de 3 milhões de pessoas. “Seu crescimento deu-se de forma similar ao dos evangélicos, nas zonas de chegada da migração interna brasileira, ou seja, na periferia das metrópoles e nas fronteiras de ocupação do Norte e Centro-Oeste do País” (CAMURÇA, 2013, p. 66).

Camurça confirma, também, que o maior índice de pessoas autodeclaradas “sem religião” foi registrado no Estado do Rio de Janeiro, 16%. Contudo, além do Rio de Janeiro, os “sem religião” têm presença expressiva nas grandes áreas urbanas das cidades de Salvador, Recife e São Luís. No tocante a sua migração para as zonas de fronteiras agrícolas e minerais, os estados do Amazonas, Pará, Mato Grosso, Goiás e fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai registraram uma expressiva presença dessa categoria e, de acordo com o “levantamento da participação percentual dos sem-religião sobre a população dos municípios do Brasil, a pesquisa de Marcos Nicolini revela índices surpreendentes dos sem-religião” (CAMURÇA, 2013, p. 66). Diz que nas regiões de unificação urbanas da Bahia e do Maranhão, a exemplo a cidade de Itanara, no estado da BA, com 33,33%, Porto Rico no MA, com 31,95, bem como as regiões fronteiriças de Parano no MG com 33,91 e Chuí, no RG, que atingiu o percentual de 54,4%. Camurça (2013, p. 81) “esses percentuais distribuídos por regiões do país vêm mostrar é que, além deste ator social que sem dúvida é representativo do tipo sem-religião, outro pode vir a se agregar nele”, principalmente àqueles segmentos das camadas pobres ou em ascensão, situados nas grandes concentrações urbanas do litoral brasileiro e nas frentes de ocupação do Norte e Centro-Oeste, apontados no Censo de 2010 como a base da presença do “sem religião”.

Considerando a crescente tendência dos indivíduos “sem religião” e acompanhando os indicadores de modernidade numa perspectiva mais longa, Camurça (2013, p. 81) afirma que, em 1960, eram 0,5% e, em 2012, chegam a 8,04%, perfazendo “um crescimento de 1.508%, descontando o crescimento vegetativo da população”.

Para Camurça (2013), os “sem religião” são indivíduos jovens modernos, urbanos e possuidores de um imaginário religioso com um número mínimo de ateus e agnósticos incluídos em duas modalidades específicas:

[...] aqueles desvinculados das instituições, mas que matêm uma espiritualidade eclética/sincrética à maneira do sincretismo pré como *pós-moderno* (SANHIS, 1997, 1998) e aqueles que não frequentam a religião “por falta de tempo”, algo como “não praticante” que acompanhou o catolicismo no Brasil por tanto tempo. Nesse segundo caso, evidencia-se a força imperiosa da secularização a fazer com que estes indivíduos cuidem principalmente das “coisas do mundo” (CAMURÇA, 2013, 82).

Afirma Camurça (2013) que as grandes dificuldades socioeconômicas de fixação das pessoas nas áreas fronteiriças ou urbanas contribuem para a indiferença desses indivíduos à prática religiosa “aquilo que Bauman chamou da “autossuficiência humana”, quando a dinâmica da Modernidade rejeita qualquer tipo de inquietação sobre a existência e a morte premida pelos “problemas” sobre os quais se pode fazer algo” (CAMURÇA, 2013, p. 82).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS DADOS PESQUISADOS: QUEM SÃO OS ESTUDANTES PESQUISADOS, SEUS CONTEXTOS E TRAJETÓRIAS DE VIDA

Segundo os dados do INEP/2013, o município de Boa Vista, capital de Roraima, conta com 61 escolas da Rede Pública Estadual de Ensino, que atende ao total de 43.346 estudantes e 34 na Rede Particular atendendo ao total de 12.345 alunos. No município de Boa Vista, apenas 08 (oito) escolas da Rede Particular ofertam a modalidade de Ensino Médio, sendo que uma é privada filantrópica. Nessa esfera, a Escola Objetivo é a mais antiga, tem em seu universo estudantil o maior número de alunos, porém não permite realizar pesquisa deste cunho.

As escolas constantes nesta pesquisa foram selecionadas, sobretudo, por receberem, em seu universo estudantil, alunos provenientes dos diversos bairros da cidade, o que caracteriza um quadro estudantil diversificado, com relação às variáveis raça, cor, classes sociais e credo religioso. Outro fator preponderante é que as mesmas oferecem à população somente a modalidade de Ensino Médio, e esta pesquisa é dirigida somente aos alunos das 3ª séries do Ensino Médio Regular, cuja faixa etária está entre 15 a 20 anos, não descartando a presença de adultos entre 25 a 29 anos, prevista na legislação brasileira e internacional, utilizada em várias pesquisas já realizadas com jovens sobre religião no Brasil. Tome-se como exemplo a pesquisa Projeto Juventude, desenvolvida pelo Instituto Cidadania, em 2003, na qual Novaes (2013, p.178) afirma: “a faixa de 15 a 29 anos – utilizada pela Unesco – segue a legislação brasileira que criou em 2005 a Secretaria Nacional da Juventude e o Conjuve (Conselho Nacional de Juventude)”.

Em números percentuais, os dados coletados com o total de 756 estudantes apontam que os entrevistados são jovens pertencentes às diversas classes sociais: 99% têm entre 15 a 20 anos, que caracteriza uma faixa etária homogênea. Com relação à variável estado civil, a maioria (95%) é solteira. Esse dado apresenta concordância com o argumento de Ribeiro (2013, p.6), “não casaram no religioso ou são solteiros.” 95% dos alunos entrevistados são residentes nos diversos bairros de Boa Vista, estudam nas escolas localizadas no centro e em torno do centro da cidade, por serem filhos de empresários, comerciários, funcionários públicos, autônomos e demais profissões, que prestam seus serviços profissionais nessa área urbana e, também, pela volatilidade e

hábitos de consumo, características típicas da juventude atual, e ainda pela acessibilidade do transporte urbano.

A novidade dessa pesquisa surge na variável gênero, cujo número de mulheres supera o número de homens, o que se justifica pelo fato da população de Boa Vista ter, em sua maioria, pessoas do sexo feminino, segundo o IBGE-Tabela 4.4.1.1 – População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo as mesorregiões, as microrregiões, os municípios, os distritos e bairros – Roraima – 2010. Nessa amostra, as mulheres aparecem com 60% contra 40% de homens. Percebe-se uma inversão com relação aos números do Censo 2010, na faixa etária de (15 a 20) anos, em que a quantidade de mulheres aparece sempre em números inferiores ao número de homens. Nessa amostra, elas surgem com o percentual de 20% a mais, comparado aos números apontados no Censo. Antonio Silva (2013, p. 29) afirma que a maioria dos jovens “sem religião” “residem nas cidades e são, em sua maioria, do sexo masculino; basicamente, trata-se de adolescentes (16 a 20 anos) e adultos (21 a 30), que abrangem todos os grupos de raça ou cor”.

2.1. Realidades das Escolas Públicas e Particulares

Escolas públicas

Qual sua faixa etária?

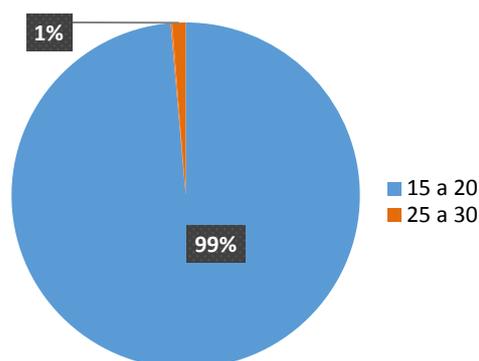


Gráfico 1 – Faixa etária

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Com relação à variável faixa etária, percebe-se uma população homogênea entre 15 a 20 anos. A diferença é de apenas 1% entre a rede pública e a rede privada de Ensino.

Escolas particulares

Qual sua faixa etária?

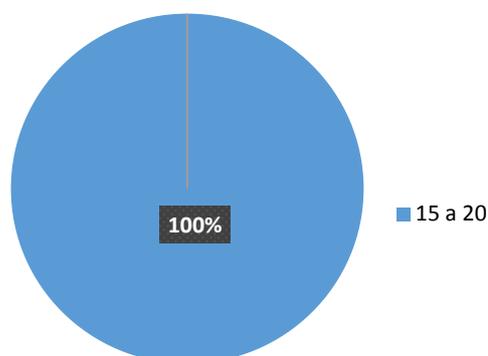


Gráfico 2 – Faixa etária

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Conforme se observa no gráfico, a presença de alunos entre 15 a 20 anos, nas escolas da Rede Particular, é de 100%. A diferença é de apenas 1% entre a rede Pública e a rede Particular de Ensino.

Escolas públicas

Estado civil?

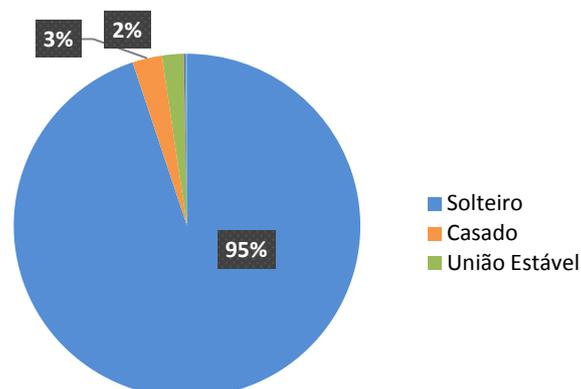


Gráfico 3 – Estado civil

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os números apontam que 95% dos entrevistados nas escolas públicas são solteiros, contra 98% das escolas particulares.

Escolas particulares

Estado civil?

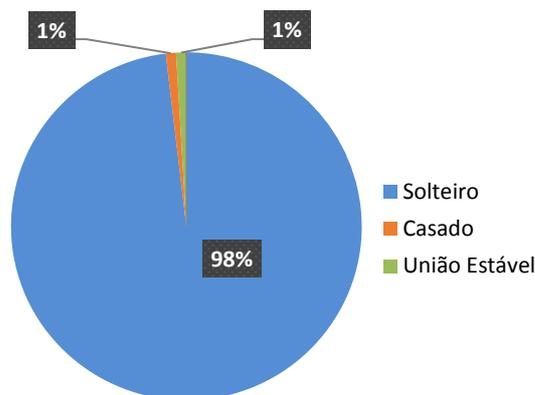


Gráfico 4 – Estado civil

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

A diferença entre as duas realidades é de três pontos percentuais. Observa-se que há mais jovens casados e em união estável na rede pública de Ensino do que na rede privada de Ensino.

Escolas públicas

Gênero

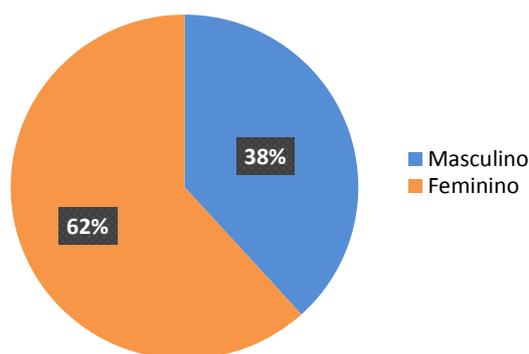


Gráfico 5 – População das escolas públicas por gênero

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os dados mostram que 38% dos estudantes das escolas públicas são do sexo masculino, contra 62% do sexo feminino.

Escolas particulares

Gênero

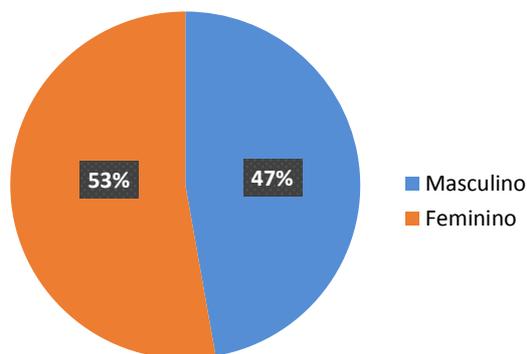


Gráfico 6 – População das escolas particulares por gênero

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

No resultado geral dos dados dessa pesquisa, percebe-se um aumento considerável de mais de 20% das mulheres sobre os homens. Comparando as realidades do Ensino Público e do Privado, observa-se que há mais homens em escolas particulares e mais mulheres nas escolas públicas. A tabela IBGE 3.4.1.1 – População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de idade-Roraima 2010, apresenta o total de 23.737 homens e 23.250 mulheres entre 15 a 19 anos que, somados aos indivíduos de 20 anos totalizam 28.023 homens e 27.545 mulheres. A diferença é de apenas 478 homens a mais que as mulheres. Porém, quando se observam os números nas zonas urbanas das cidades, verifica-se que as mulheres totalizam 18.424, ultrapassando o número de homens que somou 17.870. Segundo o IBGE/2010 - Tabela 4.4.1.1, existem mais mulheres que homens na população da capital.

Escolas públicas

Você acredita em Deus?

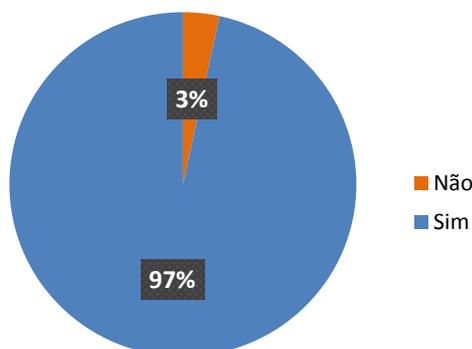


Gráfico 7 – Crença em Deus

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

No universo das escolas públicas, 97% dos entrevistados afirmaram que acreditam em Deus e 3% atestaram não acreditar em Deus.

Escolas particulares

Você acredita em Deus?

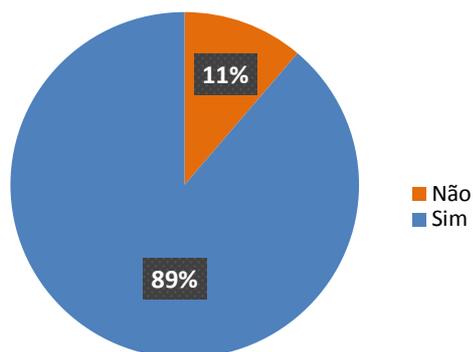


Gráfico 8 – Crença em Deus

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Embora seja menor o número de estudantes das escolas particulares, 11% dos entrevistados responderam que “Não” acreditam em Deus. A diferença entre as duas esferas é de oito pontos percentuais.

Escolas públicas

Quem é Deus pra você?

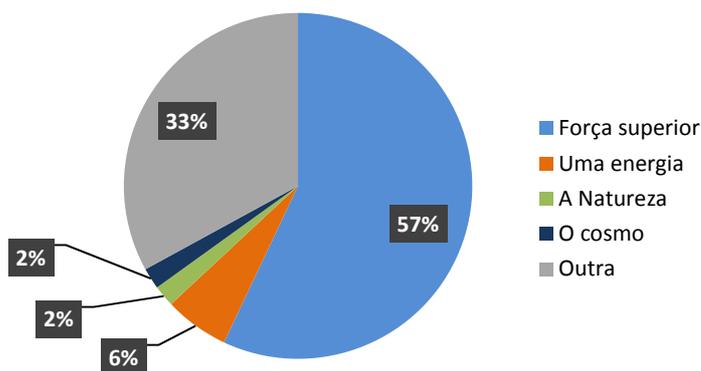


Gráfico 7.1 – Definição sobre Deus

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

O gráfico mostra que 57% dos entrevistados têm Deus como uma Força superior, 6% uma Energia, 2% a Natureza e mais 2% o Cosmo. 33% é o elevado percentual dos que escolheram a opção “outra” como resposta.

Escolas particulares

Quem é Deus para você?

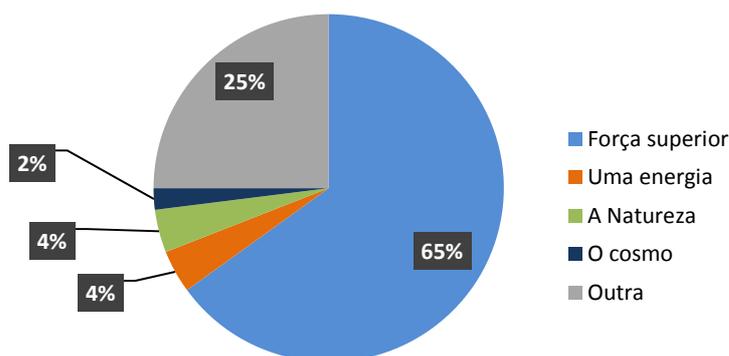


Gráfico 8.1 – Definição sobre Deus

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os números apontam que para 65% dos entrevistados nas escolas particulares, Deus é uma Força superior, para 4% uma Energia, para outros 4%, Deus é a natureza, para 2% é o Cosmo e 25% escolheram a opção “outra”. 8% é o percentual entre as duas esferas, para os que têm Deus como uma Força superior e os que escolheram a opção “outra”.

Escolas públicas

Você tem religião?

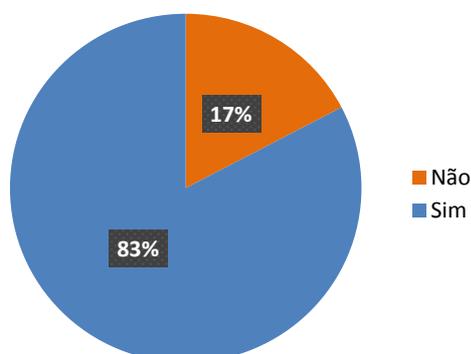


Gráfico 9 – Sobre religião

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Dos 649 indivíduos entrevistados nas escolas públicas, 83% (534 estudantes) afirmaram ter religião e 17% (115 estudantes) se autodeclararam “sem religião”. O percentual dos declarados “sem religião”, nesta amostra, é superior ao do estado apontado no Censo de 2010.

Escolas particulares

Você tem religião?

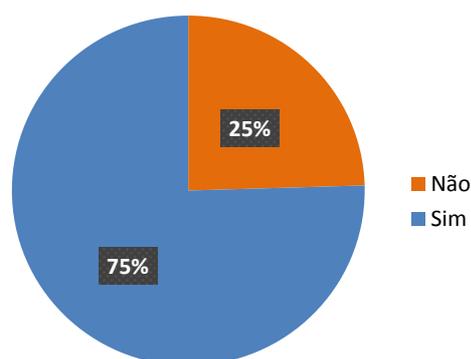


Gráfico 10 – Sobre religião

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Do total de 107 indivíduos, entrevistados nas escolas privadas, 25% (26 estudantes) se autodeclararam “sem religião” e 75% (81 estudantes) afirmaram ter religião. 25% de um total de 107 estudantes das escolas privadas, é um alto percentual, se comparado aos números nacionais da categoria dos “sem religião”.

Escolas públicas

Qual a sua religião?

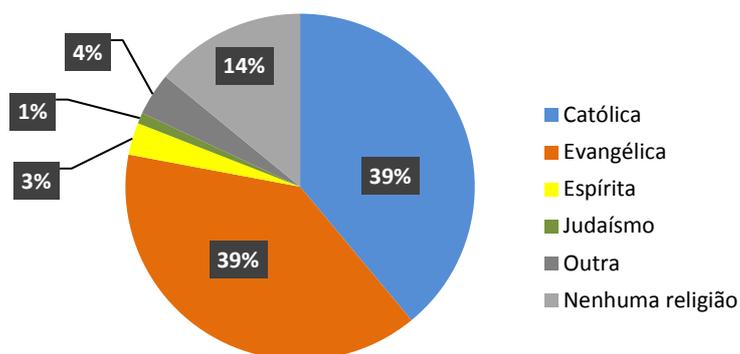


Gráfico 9.1 – A Religião de cada questionado

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Quanto ao pertencimento religioso na esfera pública, observa-se um ponto de equilíbrio entre católicos e evangélicos, 39% declararam ser Católicos e 39%

evangélicos, 3% espíritas, 1% disse pertencer ao judaísmo, 4% escolheram a opção “outra” e 14% opinaram por nenhuma religião.

Escolas particulares

Qual a sua religião?

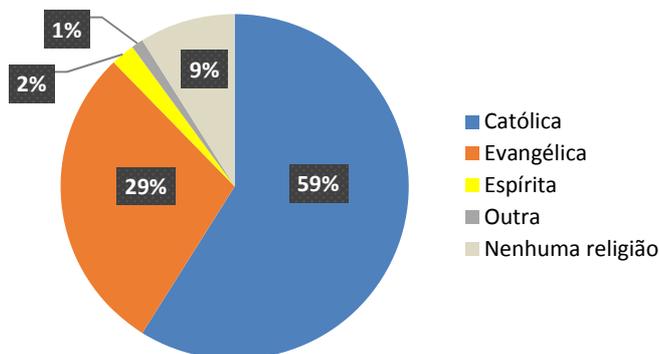


Gráfico 10.1 – A Religião de cada questionado

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Diferente dos números da rede pública, o número dos entrevistados pertencentes ao catolicismo, na rede privada de Ensino, é de 59%; os evangélicos somaram 29%; os espíritas, 2%; os que afirmaram não ter Nenhuma religião 1%; os que optaram pela opção outra 9%.

Escolas públicas

Qual igreja você participa?

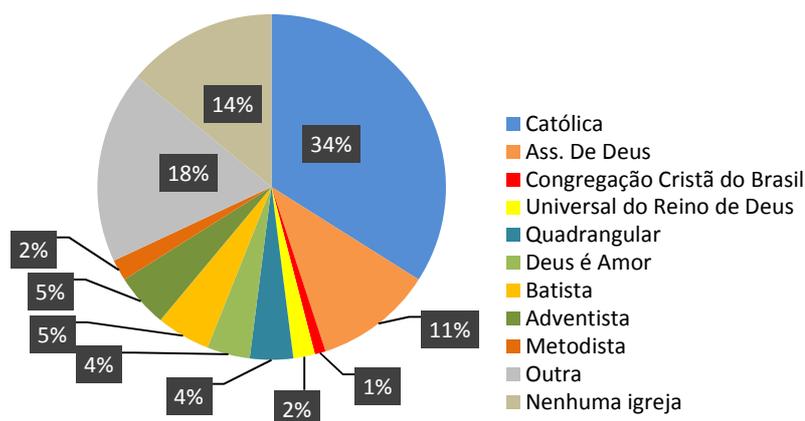


Gráfico 11 – A Igreja que participa

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Quanto à participação do fiel na sua religião, 34% dos estudantes das escolas públicas afirmaram participar da Igreja católica, 11% da Assembleia de Deus, 5% da

Batista, 5% da Adventista, 4% da Quadrangular, 4% da Deus é Amor, 2% da Universal, 1% da Congregação C. do Brasil, 2% da Metodista, 18% “Outra” e Nenhuma igreja 14%.

Escolas particulares

Qual igreja você participa?

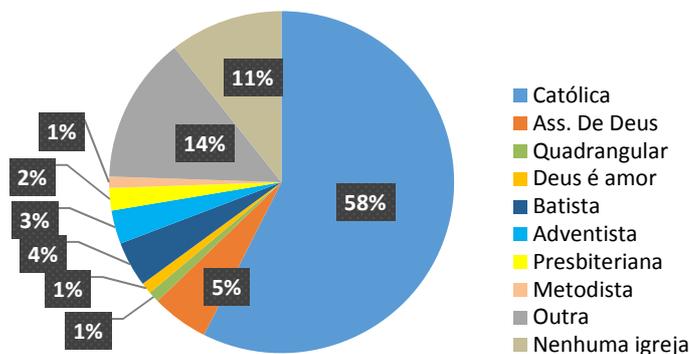


Gráfico 12 – A Igreja que participa

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

No que se refere à participação dos indivíduos na igreja/templo da religião a que pertencem, 58% afirmaram participar da Igreja Católica, 5% da Assembleia de Deus, 4% da Batista, 3% da Adventista, 2% da Presbiteriana, 1% da Deus é Amor, 1% da Metodista, 1% da Quadrangular, 14% “Outra” e 11% Nenhuma religião.

Escolas públicas

Você já frequentou alguma igreja antes?

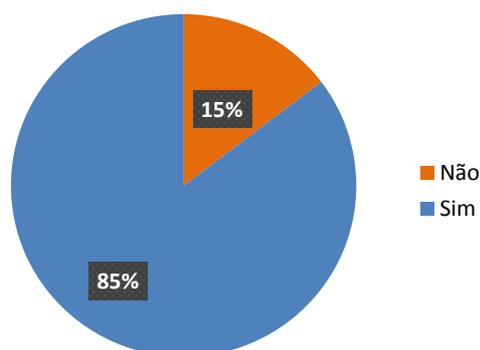


Gráfico 13 – Igreja que já frequentou

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Quanto à frequência em uma igreja/templo antes do afastamento da instituição religiosa, 85% (542 indivíduos) das escolas públicas afirmaram que já frequentaram

uma igreja antes e 15% (93 entrevistados) atestaram não ter participado de nenhuma igreja antes.

Escolas particulares

Você já frequentou alguma igreja antes?

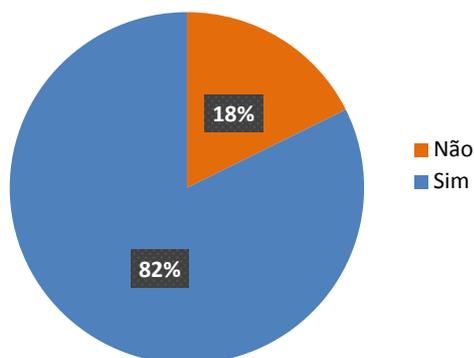


Gráfico 14 – Igreja que já frequentou

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Com relação à frequência ou não dos entrevistados das escolas particulares a uma igreja, 82% afirmaram que já frequentaram uma igreja/templo antes e 18% declararam que não participaram de nenhuma igreja/templo antes. Os números apresentados neste gráfico coincidem com os dados contidos no (gráfico 5) referente à questão: Você tem religião?

Escolas públicas

Por que deixou de frequentar?

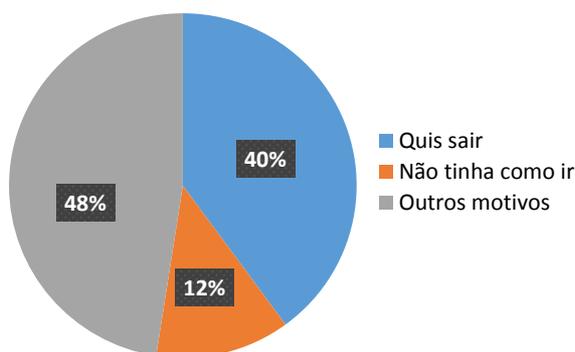


Gráfico 13.1 – Motivo que levou a deixar de frequentar?

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Dos alunos das escolas públicas (163 entrevistados) 40% afirmaram ter deixado de frequentar a igreja/templo, porque (Quis sair), (51 indivíduos) 12% atestaram que

deixaram de frequentar porque (Não tinham como ir) e em número muito alto, 48% declararam ter deixado de frequentar por (Outros motivos). Quais seriam esses motivos decisivos e nunca mencionados?

Escolas particulares

Por que deixou de frequentar?

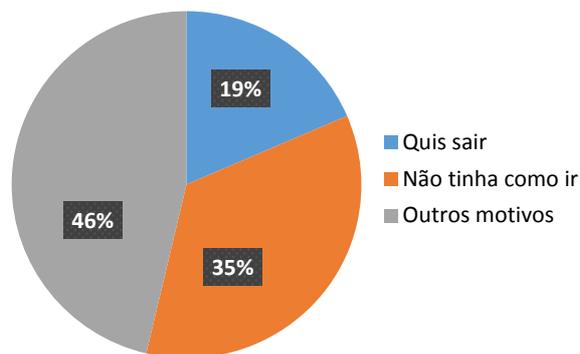


Gráfico 14.1 – Motivo que levou a deixar de frequentar?

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Diferente das escolas públicas, em número bem menor, 19% dos estudantes das escolas particulares declarou que deixaram de frequentar a igreja porque (Quis sair), 35%, mais que o dobro das escolas públicas, deixou de frequentar a igreja/templo, porque (Não tinha como ir) e mais uma vez a opção “outra” apresenta um alto percentual 46% superando as demais opções na mesma questão.

Escolas públicas

Quando é que você costuma ir à igreja?

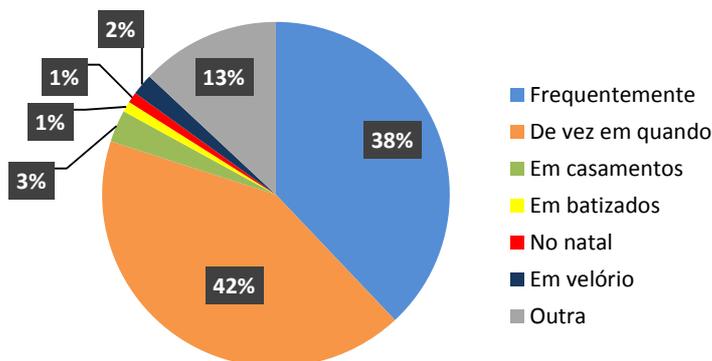


Gráfico 15 – Frequência na igreja

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os dados expressam a realidade da frequência atual dos jovens nas instituições religiosas, 38% vão à igreja frequentemente, 42% de vez em quando, 3% em casamentos, 2% em velório, 1% no Natal e 1% em batizados e 13% em “outra”.

Escolas particulares

Quando é que você costuma ir a igreja?

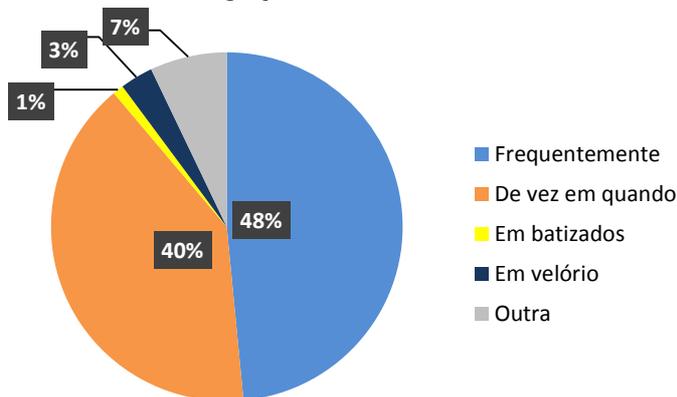


Gráfico 16 – Frequência na igreja

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os dados mostram que os estudantes das escolas privadas frequentam mais as igrejas do que os estudantes das escolas públicas: 48% vão à igreja frequentemente, 40% de vez em quando, 3% só vão a velório, 1% em cerimônias de batizados e 7% escolheram a opção outra.

Escolas públicas

Você frequenta atos religiosos de outras igrejas?

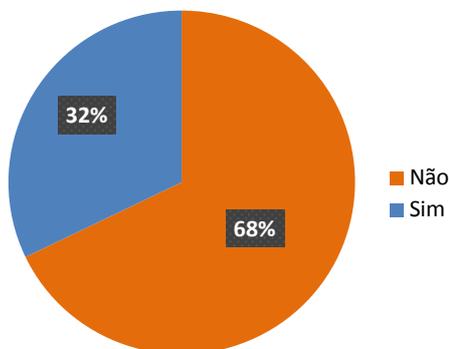


Gráfico 17 – Atos religiosos de outras igrejas

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Dos estudantes das escolas públicas, 68% não frequentam atos religiosos de outras religiões, 32% declararam que sim, frequentam atos religiosos de outras igrejas. Citamos o caso do apêndice III, cujo entrevistado diz frequentar duas religiões: Católica e Evangélica, alternando sua presença entre as duas, quando sente vontade de ir ao culto ou à missa.

Escolas particulares

Você frequenta atos religiosos de outras igrejas?

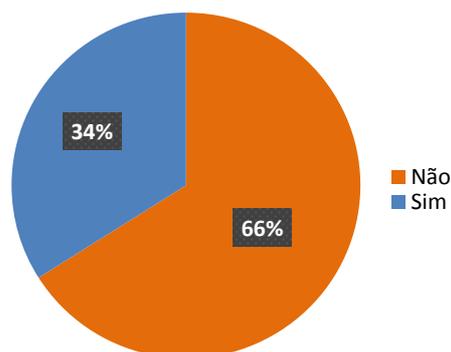


Gráfico 18 – Atos religiosos de outras igrejas

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Do universo das escolas particulares, 66% dos entrevistados afirmaram não frequentar atos religiosos fora da sua religião, 34% declararam que frequentam, sim, atos religiosos de outras religiões. Aqui os dados mostram certo equilíbrio entre as duas esferas de ensino, o que é natural para a realidade do trânsito religioso entre os jovens declarados “sem religião”.

Sobre seus pais:

Escolas públicas

Qual a religião de seu pai?

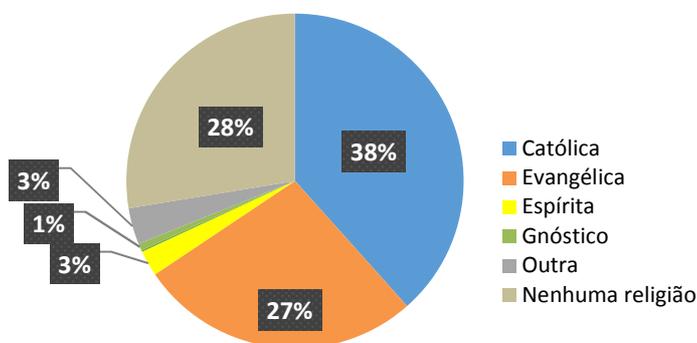


Gráfico 19 – Religião do pai

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Quanto ao pertencimento religioso dos pais dos entrevistados das escolas públicas, 38% afirmaram que seus pais são católicos, 27% são evangélicos, 3% espíritas, 1% gnósticos, 3% “outra” e 28% nenhuma religião. Há uma diferença grande entre as duas esferas, quando se compara 28% dos pais apontados sem nenhuma religião nas escolas públicas, contra 11% nas escolas particulares. A diferença é de 17 pontos percentuais.

Escolas públicas

Qual igreja seu pai frequenta?

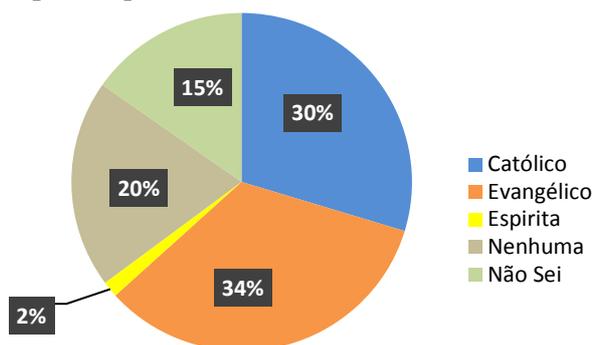


Gráfico 19.1 – Igreja que o pai frequenta

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os dados apontam que 30% dos pais dos entrevistados das escolas públicas frequentam as Igrejas Católicas, 34% as Igrejas Evangélicas 2% os Centros Espíritas, 20% não frequentam nenhuma igreja e 15% não sabem informar. A diferença dos que não frequentam nenhuma religião entre as duas esferas é de 13 pontos percentuais.

Escolas particulares

Qual a religião de seu pai?

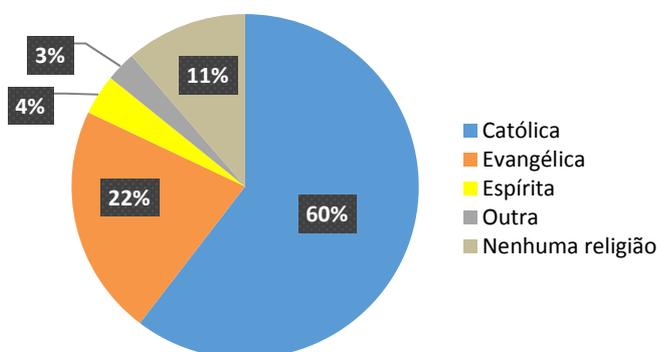


Gráfico 20 – Religião do pai

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

A distribuição dos dados por religião revela que 60% dos pais dos entrevistados das escolas particulares são adeptos do catolicismo, 22% são evangélicos, 4% são espíritas, 3%

escolheram a opção “outra” e 11% nenhuma religião. Observa-se que há mais pais católicos nas escolas particulares, a diferença entre as duas esferas é de 22% percentuais.

Escolas particulares

Qual igreja seu pai frequenta?

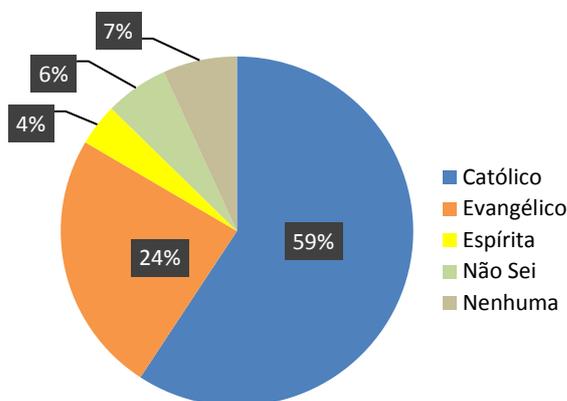


Gráfico 20.1 – Igreja que o pai frequenta

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os dados revelam que 59% dos pais dos entrevistados nas escolas particulares frequentam a Igrejas Católicas, 24% as Igrejas Evangélicas, 4% os Centros Espíritas, 6% não sabem informar e 7% não frequentam nenhuma igreja. Percebe-se que há coerência entre o número de pais declarados católicos e os que frequentam a Igreja Católica.

Escolas públicas

Qual a religião de sua mãe?

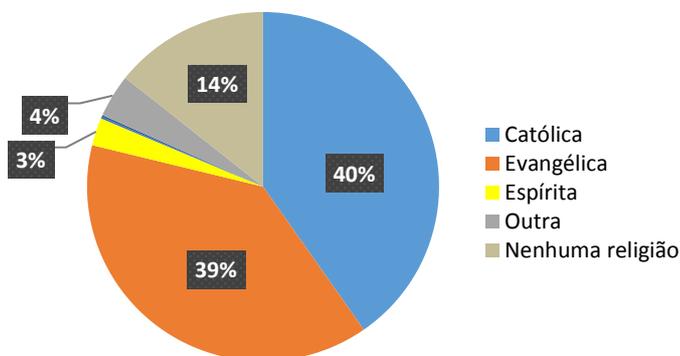


Gráfico 21 – Religião da mãe

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Com relação ao pertencimento religioso das mães dos entrevistados nas escolas públicas, a religião Católica aparece com 40%, seguida da Evangélica com 39%, com 3%, a Espírita, 14% os que opinaram por nenhuma religião e 4% a opção “outra”. A diferença das mães declaradas sem nenhuma religião, entre as duas esferas, é de 9 pontos percentuais.

Escolas públicas

Que igreja sua mãe frequenta?

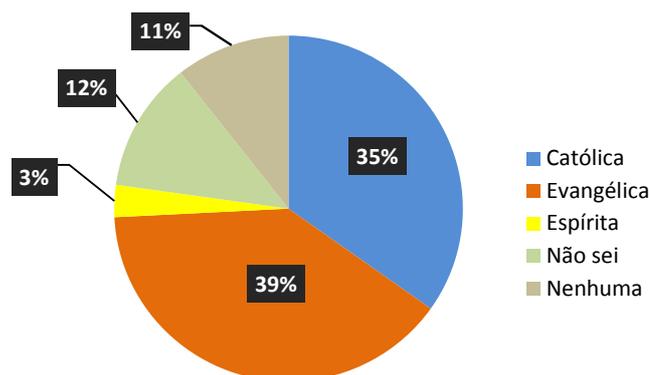


Gráfico 21.1 – Igreja que a mãe frequenta

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os números apontam que 35% das mães dos entrevistados das escolas públicas frequentam as Igrejas Católicas, 39% as Igrejas Evangélicas, 3% os Centros Espíritas, 12% não souberam informar e 11% não frequentam nenhuma igreja. As mães declaradas sem nenhuma religião apresentam 9 pontos percentuais de diferença entre as duas esferas.

Escolas particulares

Qual a religião de sua mãe?

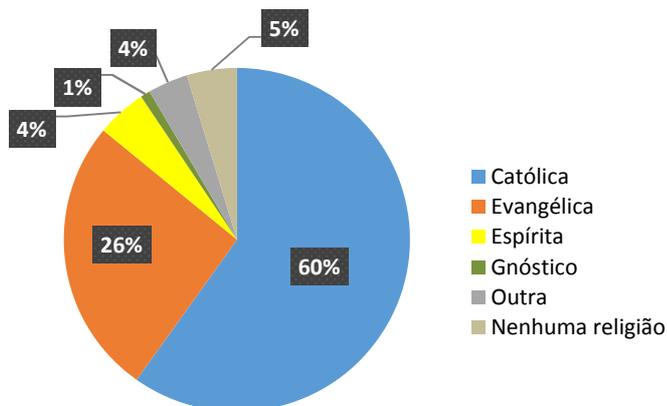


Gráfico 22 – A religião da mãe

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Quanto ao pertencimento religioso das mães dos entrevistados das escolas particulares, 60%, declararam que suas mães são católicas, 26% Evangélicas, 5% Espíritas 1% Gnósticas, 4% escolheram a opção “outra” e 5% por nenhuma religião. O número de mães das escolas particulares, pertencentes ao catolicismo é igual ao número de pais declarados católicos, na mesma esfera de ensino 60% e 20 pontos percentuais a mais que nas escolas públicas.

Escolas particulares

Que igreja sua mãe frequenta?

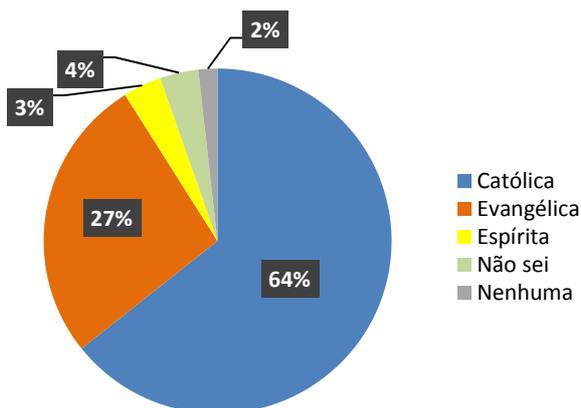


Gráfico 22.1 – Igreja que a mãe frequenta

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os dados do gráfico acima indicam que 64% das mães dos entrevistados nas escolas particulares frequentam as Igrejas Católicas, 27% as Igrejas Evangélicas, 3% os

Centros Espíritas, 4% não sabe informar e 2% não têm nenhuma religião. A diferença entre as mães que frequentam a Igreja Católica nas duas esferas de Ensino é de 29 pontos percentuais a mais nas escolas públicas.

As 10 entrevistas realizadas com estudantes declarados “sem religião”, que também responderam ao questionário, têm o objetivo de comparar os dados e enriquecer a pesquisa. Percebe-se que, entre uma metodologia e outra das entrevistas (escrita e oral), os estudantes mudam seus conceitos, suas ideias, seus pensamentos. Dos 10 entrevistados, sete declaram acreditar em Deus e não ter religião, mas argumentam que, quando pequenos, seguiam a religião dos pais. Entre os que afirmaram ter uma religião, destaco o entrevistado do apêndice III, um estudante de 17 anos que, ao responder o questionário, declarou pertencer às religiões Católica, Evangélica, Espírita e Budista. Durante a entrevista, afirmou frequentar, alternadamente e quando tem vontade, as religiões Católica e Evangélica. Durante a entrevista, deu para perceber que esse jovem se encontra perdido. No que concerne à questão da filiação religiosa, já passou por várias religiões e, segundo ele, não encontrou Deus em nenhuma. Faustino Teixeira em *A religião e a busca de significado*, comenta que “O clima de incerteza e impermanência que envolve o circuito da modernidade tem gerado uma desorientação nas pessoas, que passam a se sentir desalojadas e sem vínculos com as normas sociais de seu grupo. Entre os jovens, esse é um fenômeno recorrente” (TEIXEIRA, 2011).

Outro caso semelhante é o constante na entrevista do apêndice II: um jovem estudante de 18 anos que, ao responder ao questionário afirmou não ter religião. Durante a entrevista, declarou-se mórmon, ambos aparentam viver um verdadeiro conflito espiritual. Contudo, Corbí teoriza que, nas sociedades de conhecimento “o indivíduo cria sua própria certeza e, além disso, está consciente disso” (CORBÍ, 2010, p. 161).

A pesquisa empírica revela ainda que, para a maioria dos entrevistados, 95%, Deus é uma Força Superior onipotente que atua em prol e para o bem de todos e, também, daqueles indivíduos que dizem não ter religião pensam sobre religião, Deus, o sentido da vida, da morte, suas histórias de vida, até se autodeclararem “sem religião” e a forma de viverem sua espiritualidade. Entretanto, segundo eles, é o preconceito, o falso moralismo e o mercado da fé, a incoerência entre o discurso e a prática religiosa, os fatos que mais indignam os “sem religião”, quando eles analisam as pessoas que seguem uma religião, uma igreja. Contudo, reconhecem que há pessoas e instituições sérias, religiosas ou não, que realizam trabalhos que favorecem os mais necessitados e são valorizadas e reconhecidas por seus trabalhos voluntários.

A grande maioria dos entrevistados (70%) reconhece que a religião é importante para quem nela acredita, pois ela se torna uma forma de motivação na vida das pessoas que creem.

Quando questionados sobre religião, o que mais se evidencia entre eles, além da imagem “Igreja”, um coletivo (grupo de pessoas) e um lugar (espaço físico), são as críticas acirradas às instituições religiosas, prioritariamente àquelas cristãs tradicionais, outros generalizaram as críticas, acusando lideranças e seguidores de fanatismo, intolerância, hipocrisia, falsidade e, sobretudo, incoerência entre o discurso e a prática religiosa. Suas definições sobre religião são bem diversas, porém, dentro do contexto do tema pesquisado: religião “é uma coisa pífia, não ajuda a crescer, porque os pastores e os padres de hoje não dão lições de vida, usam a religião para ganhar dinheiro, aproveitar-se emocional e espiritualmente das pessoas; religião é uma maneira de as pessoas se unirem para uma crença, unirem-se para compartilharem as ideias, para debater, para disseminar aquilo em que elas acreditam. Religião é uma coisa necessária, tanto do ponto de vista científico como qualquer outro, inclusive as pesquisas revelam que quem acredita, quem tem uma religião tem a autoestima mais elevada, demonstra ter mais firmeza nas questões éticas e morais”, não interessa se Deus é uma coisa criada pelo homem ou não, porque independente da origem, o efeito é o mesmo na pessoa; “religião é uma força maior que dá segurança para as pessoas enfrentar a vida; é um conjunto de crenças e cultura”. “A religião em si, é boa para a humanidade, para quem acredita nela, o que não convém é o fundamentalismo, a aversão que se tem não é à religião em si, é ao fundamentalismo”.

Dos entrevistados 40% não seguem e não frequentam qualquer religião, 60% vão à Igreja oportunamente, em ocasiões de casamentos, batizados e velórios. Quanto à participação em atos religiosos de outras igrejas/religiões, percebe-se maior predisposição, entre os estudantes das escolas públicas: 50% dos entrevistados afirmaram participar de atos religiosos de qualquer religião, principalmente nas ocasiões mencionadas. Não houve registro da participação dos alunos das escolas particulares quanto a essa questão. Todos os entrevistados afirmaram já ter participado de uma religião quando pequenos, e frequentavam porque eram conduzidos pelos pais; ao se tornarem, crescidos, deixaram de participar. Os motivos que os levaram a deixar de participar de uma instituição religiosa, até se autodeclararem “sem religião”, são diversos. Vão deste a falta de incentivo dos pais, não tendo uma prática religiosa, à falta de atrativo das igrejas. Envolve um processo de construção histórica pessoal, fundado

em conceitos sociais, familiares, de certo e errado, observações pessoais, convivências sociológicas de grupo e aceitação são fatores subjetivos que formalizam suas escolhas e a convicção pessoal de não ter religião.

Para Teixeira (2013, p. 80), “os sem religião e os evangélicos não determinados, são marcados pela dinâmica da flexibilização do compromisso religioso e pelo trânsito entre as instituições religiosas”.

2.1.1 Apresentação dos dados tabulados

De modo geral, os dados estão distribuídos por meio de gráficos, apresentando o resultado das dez questões constantes no questionário aplicados a uma amostra de 756 estudantes das 3^{as} séries da modalidade Ensino Médio Regular, aplicado no período de 11 a 29 de agosto de 2014, nas escolas da Rede Estadual de Ensino: Airton Senna da Silva, Ana Libória e Gonçalves Dias. Na Rede Particular de Ensino: as escolas Colmeia e Instituto Batista de Roraima-IBRR. A referida amostra tem o objetivo de fundamentar, sem generalizações, a análise das causas e a apresentar as motivações que levam os jovens de Roraima a se autodeclararem “sem religião”, seguindo as mesmas tendências dos grandes centros urbanos desenvolvidos do país. Ressalta-se que os dados aqui apresentados são provenientes da pesquisa empírica realizada somente com alunos das 3^{as} séries da modalidade Ensino Médio Regular e que, as três primeiras questões versam sobre as variáveis, faixa etária, gênero e sexo. As perguntas específicas sobre religião seguem a partir da 4^a questão.

1^a Questão: Qual sua Faixa etária?

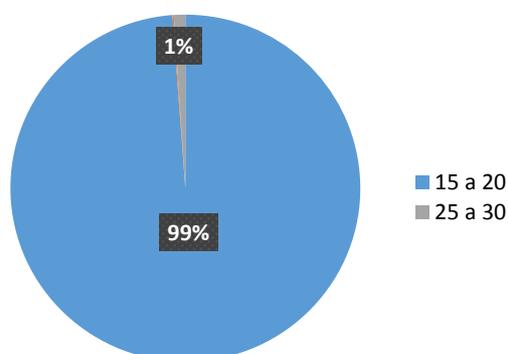


Gráfico 1 – Faixa etária

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os dados relativos à faixa etária revelam uma população homogênea, a maioria – 99% dos entrevistados – tem entre 15 a 20, apenas 1% entre os 25 a 30 anos. A faixa etária que figura em maioria está presente em diversas pesquisas já realizadas com os “sem religião”. Teixeira (2013, p.69), comenta que “também entre os sem religião a frequência maior se encontra nos jovens e adultos de 15 a 29 anos, sendo bem reduzida entre as faixas etárias envelhecidas”.

2ª Questão: Estado Civil:

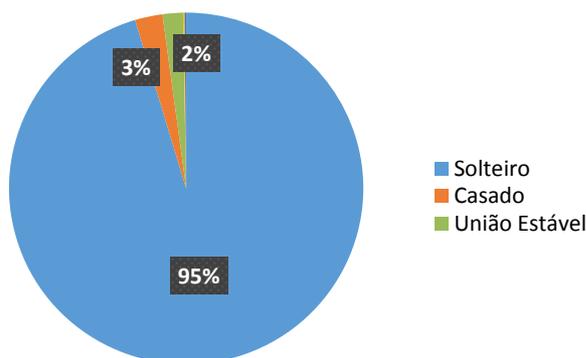


Gráfico 2 – Estado civil

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Em relação ao estado civil, os dados apontam que 95% dos entrevistados são solteiros, 3% são casados e 2% vivem em união estável (Ribeiro, 2013, p. 6), ao analisar as características dos jovens “sem religião”, comenta que eles “não casaram no religioso ou são solteiros”.

3ª Questão Sexo:

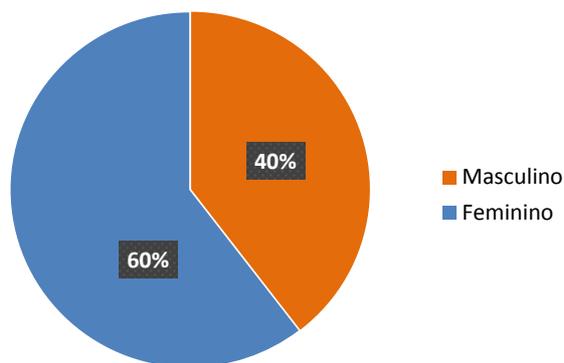


Gráfico 3 - Sexo

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Com relação à variável gênero, os dados apontam um expressivo contingente feminino 60% (457 mulheres) superando o masculino, que apresentou o percentual de

40% (299 homens). De acordo com o IBGE, “Tabela 3.4.1.1 - População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de idade - Roraima – 2010”, o número de jovens entre (15 a 20 anos) registrados no Censo 2010 em Roraima, foi 55.568, sendo 28.023 homens e 27.545 mulheres, uma diferença de 484 homens a mais. Segundo IBGE Tabela 4.4.1.1 – População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo as mesorregiões, as microrregiões, os municípios, os distritos e os bairros – Roraima 2010, há mais mulheres na população do município Boa Vista, 160.644 mulheres, contra 159.877 homens. Segundo Teixeira (2013, p. 69), “podemos observar que a grande frequência entre os jovens dos sem religião é majoritariamente masculina – 152,3% homens para cada 100 mulheres em relação aos evangélicos”.

De acordo com Silva (2013, p. 29), os jovens “sem religião” “são, em sua maioria, do sexo masculino” e estão entre 16 a 20 anos.

A partir do gráfico – 4, iniciam-se as questões específicas sobre religião.

4ª Questão: Você acredita em Deus?

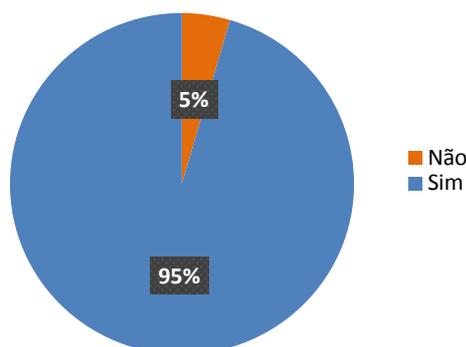


Gráfico 4 – Crença em Deus

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

No que diz respeito à crença no transcendente, 95% dos entrevistados, declararam (Sim), ou seja, a maioria acredita em Deus e apenas 5% responderam (Não), que não creem em Deus. Se afirmativa a resposta, o indivíduo tinha as opções: O Criador, o Cristo, uma Força superior, uma Energia, a Natureza, o Cosmo, Outra. Qual? Para responder à sequência da questão:

Quem é Deus para você?

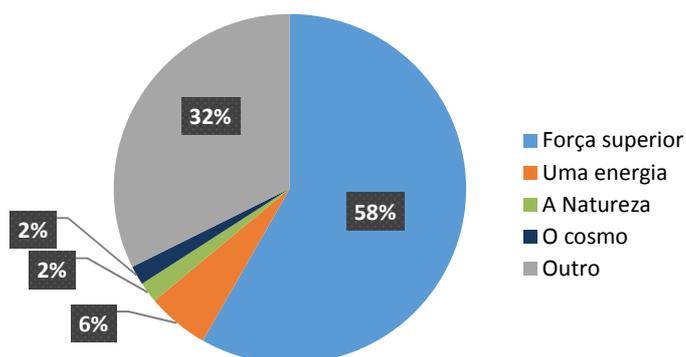


Gráfico 4.1 – Questionamento sobre a definição de Deus

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os dados mostram que 58% dos entrevistados têm Deus como uma Força superior, 6% uma Energia, 2% a Natureza, mais 2% o Cosmo e 32% escolheram a opção outra. Apesar de a questão solicitar uma definição para a opção “outra”, nenhum entrevistado quis esclarecer qual.

5ª Questão: Você tem religião?

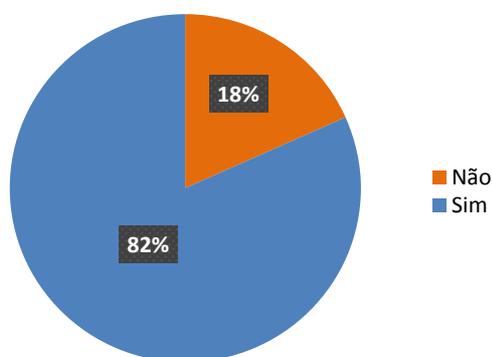


Gráfico 5 – Religião dos entrevistados

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os números apontam que 82% (619 indivíduos) têm religião e 18% (137 indivíduos) se autodeclararam “sem religião”. Observa-se que o número de pessoas declaradas “sem religião”, nessa amostra de 18%, é superior ao índice percentual geral do estado (13%), registrado no Censo de 2010.

Qual a sua religião?

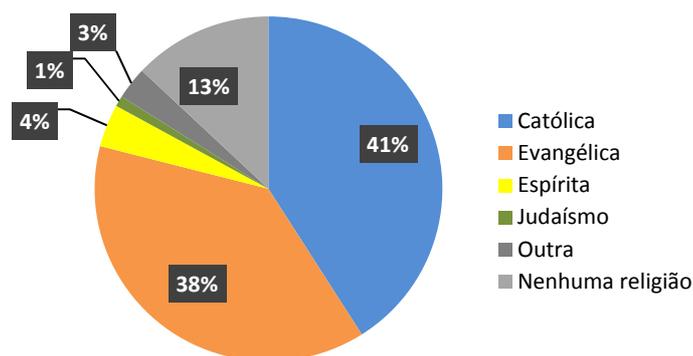


Gráfico 5.1 – Pertença religiosa dos entrevistados

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Quanto ao grau de pertencimento ou não às religiões, os indivíduos, distribuídos por religião, revelam a seguinte realidade: a religião Católica aparece com 41%, seguida da Evangélica com 38 %, depois a Espírita com 4% e, por último, o Judaísmo com 1%. Nenhuma religião 13%, percentual igual ao apontado para o Estado, segundo o Censo IBGE/2010. Por fim a opção “outra” com 3%, as demais religiões não aparecem.

Ressalta-se que a pergunta relativa ao (gráfico 5.1) é uma complementação da 5ª Questão: Você tem religião? Se “Sim, Qual”? Em caso da resposta positiva, o entrevistado deveria apontar uma ou mais, entre as opções sugeridas: Católica, Evangélica, Espírita, Budismo, Judaísmos, Gnosticismo, Islamismo, Hinduísmo, Indígena, Afro-brasileira, Outra, qual?

Outra novidade percebida na amostra é a quase equiparação entre católicos e evangélicos: a diferença é de apenas três pontos percentuais. Em 09 de Julho de 2010, o Jornal Folha de Boa Vista publicou uma matéria afirmando que, segundo o Censo 2010, Roraima tem 50% de católicos e 24% de evangélicos. Os dados dessa pesquisa mostram outra realidade (cf. gráfico 5.1).

6ª Questão: De qual Igreja você participa?

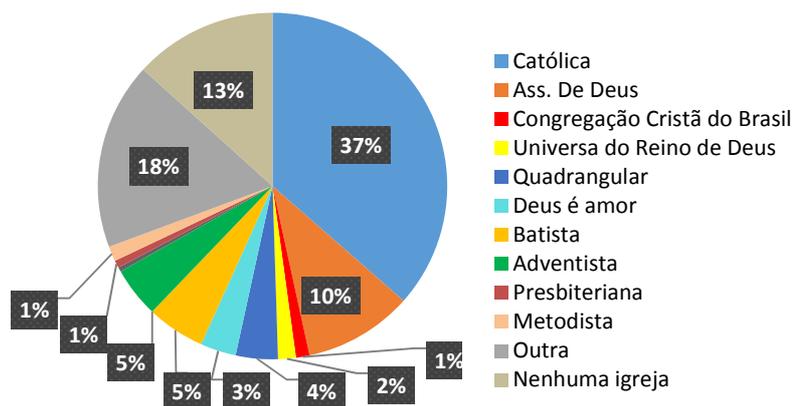


Gráfico 6 – Igreja que participa

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Das religiões apresentadas na lista de sugestões, 37% dos entrevistados declararam frequentar a Igreja Católica, 10% Assembleia de Deus, 5% Igreja Batista, 5% Igreja Adventista, 4% Igreja Quadrangular, 3% Igreja Deus é Amor, 2% Igreja Universal, 1% Igreja Metodista, 1% Congregação Cristã do Brasil e Igreja Presbiteriana 1%. A opção “Outra” 18% e nenhuma Igreja 13%. Mais uma vez, o percentual 13% aparece confirmando o índice geral dos “sem religião” no Estado, apontado no Censo 2010.

7ª Questão: Você já frequentou alguma Igreja/Religião antes?

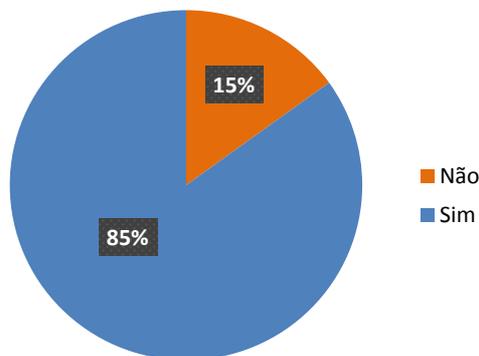


Gráfico 7 – Igreja e religião que frequentou

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Do universo dos estudantes entrevistados, 85% declararam ter frequentado uma igreja antes e 15% afirmaram não ter frequentado nenhuma igreja antes. Se afirmativa a resposta, o entrevistado deveria nomear “qual” a religião de que já participou e escolher uma das opções: “Quis sair, não tinha como ir, outros motivos”, para responder à sequência da questão “Por que deixou de frequentar?” (cf.gráfico 7.1).

7.1 Porque deixou de frequentar?

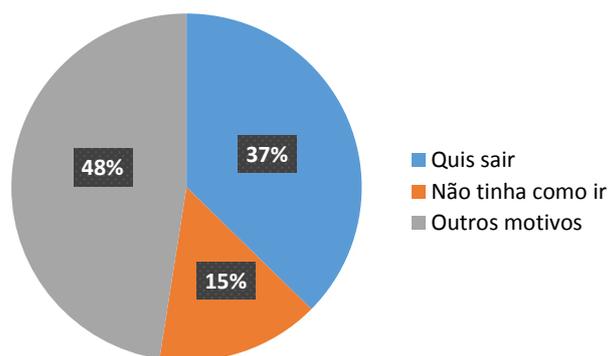


Gráfico 7.1 – Motivo que levou a deixar a igreja

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

A maioria dos entrevistados, 48% opinaram pela opção “outros motivos”, para justificar suas desistências da religião, 37% declararam ter deixado de frequentar porque “Quis sair” e 15% porque “não tinha como ir”. Entretanto, nenhum dos entrevistados esclareceu quais foram os *outros motivos* que os levaram a deixar de frequentar a igreja/templo. Quais seriam esses motivos não determinados, que atinge números tão altos?

8ª Questão: Quando é que você costuma ir ao templo/igreja?

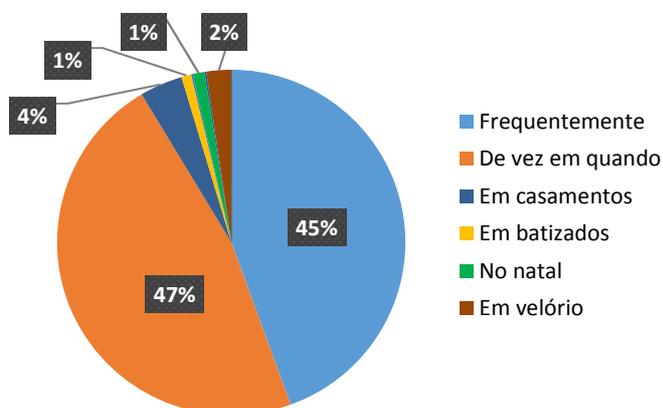


Gráfico 8 – Frequência à igreja/templo

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Quanto à frequência aos templos religiosos, 45% declararam ir à igreja frequentemente, 47% só de vez em quando, 4% em cerimônia de casamentos, 2% em ocasião de velório, 1% no Natal, e 1% em batizados.

9ª Questão: Você frequenta, mesmo que de vez em quando, atos religiosos de outras religiões?

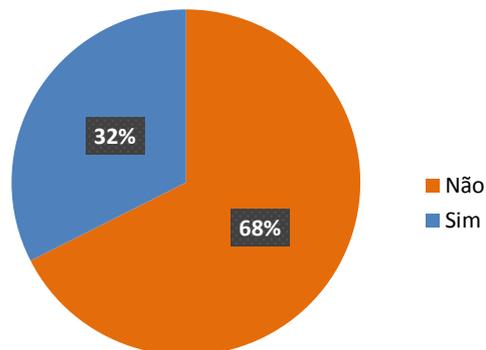


Gráfico 9 – Frequência a atos religiosos de outras religiões

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

A maioria dos entrevistados, 68%, declarou não frequentar atos religiosos de outras igrejas, 32% declararam que frequentam atos religiosos de outras religiões. Rodrigues (2012, p.1146) sugere que a participação do indivíduo em duas ou mais religiões, possa ser uma experiência de “crenças diversas sem, contudo, vincular-se a nenhuma delas, percebendo o terreno religioso como mutável, de livre trânsito, vislumbrando afinidades com suas expectativas momentâneas”.

Sobre os seus pais:

9.1 Qual a religião de seu pai?

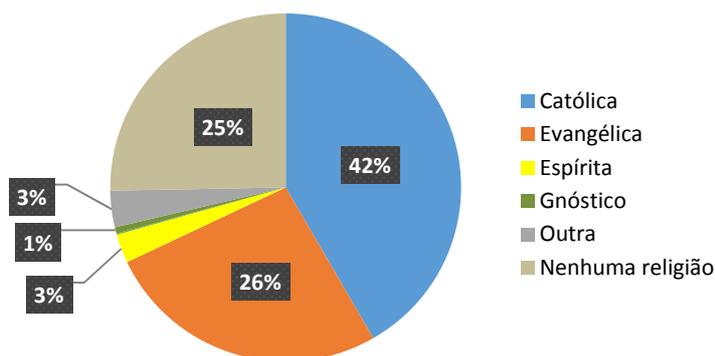


Gráfico 9.1 - Pertença religiosa do pai

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Os dados apontam o catolicismo como a religião da maioria dos pais dos entrevistados 42%, seguida da Evangélica com 26%, em número bem menor com 3% a Espírita e com apenas 1% a Gnóstica, e 25% Nenhuma religião, 3% “Outra”.

Chama a atenção o número de pais 25% apontados por seus filhos como não tendo nenhuma religião. A diferença é de apenas um ponto percentual entre os declarados evangélicos e os declarados não ter “nenhuma religião”. Os jovens de hoje observam e naturalizam “histórias de conversões e de desconversões, de trânsitos e combinações no interior de suas famílias multirreligiosas e ao redor de seus locais de moradia” Regina Novaes (2013, p. 183).

9.2 Que Igreja seu pai frequenta?

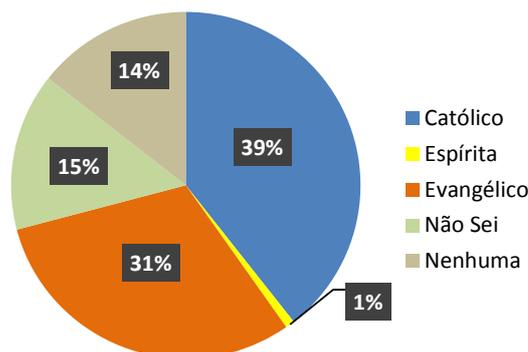


Gráfico 9.2 – Igreja que o pai frequenta

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Com relação à frequência dos pais dos entrevistados a uma igreja, 39% declararam que seus pais frequentam a Igreja Católica, 31% as Igrejas Evangélicas, 1% os Centros Espíritas, 15% não souberam informar e 14% não frequentam nenhuma igreja.

9.3 Qual a religião de sua mãe?

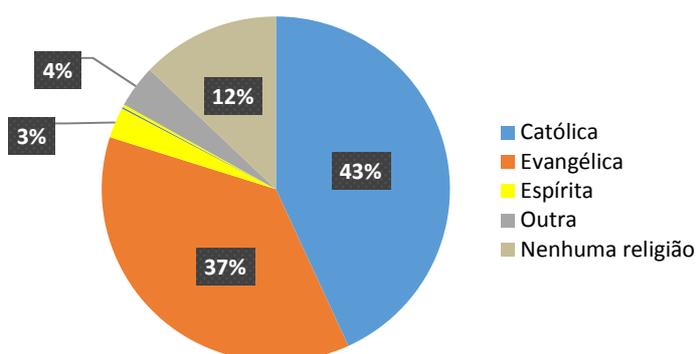


Gráfico 9.3 – Pertença religiosa da mãe

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Quanto ao grau de pertencimento religioso das mães dos entrevistados, os números apontam que a maioria 43% é Católica, 37% são Evangélicas, 3% Espírita, 4% escolheram a opção “Outra” e 12% Nenhuma religião.

Observa-se que o número de (mães evangélicas) é bem superior ao número de pais evangélicos, outro dado que chama a atenção é o número de pais 25% indicados sem nenhuma religião, mais que o dobro do número das mães 12%. (cf. gráficos: 9.1e 9.3).

9.4 Que Igreja sua mãe frequenta?

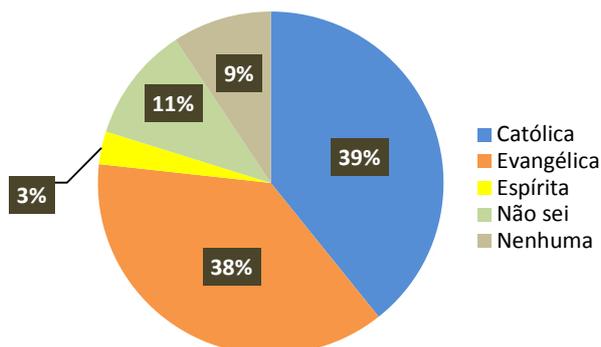


Gráfico 9.4 – Igreja que a mãe frequenta

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Com relação à frequência das mães a uma igreja, 39% dos entrevistados declararam que suas mães frequentam a Igreja Católica, 38% as Igrejas Evangélicas, 3% frequentam os Centros Espíritas, 9% não sabem informar e 3% não frequentam Nenhuma igreja.

10ª Questão: O que é religião para você hoje?

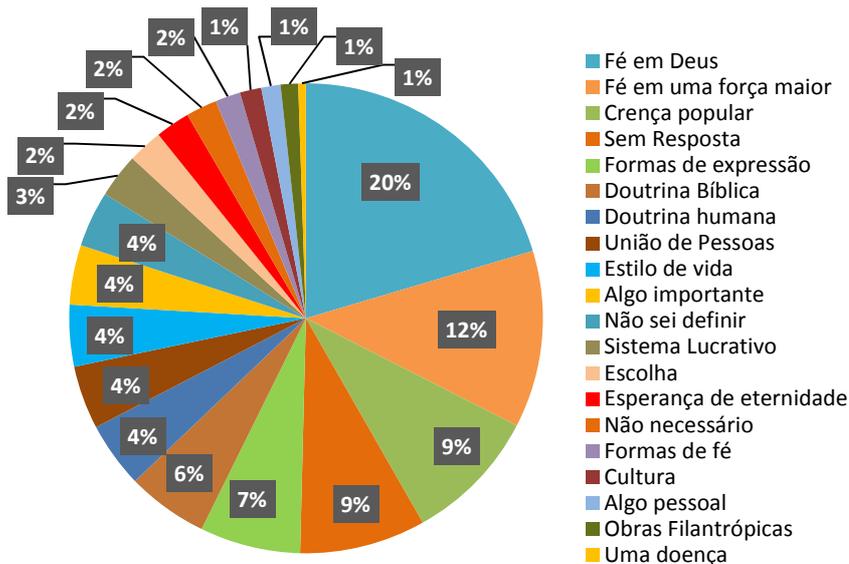


Gráfico 10 – Definição de religião dos entrevistados

Fonte: pesquisa realizada pela autora em 2014.

Por ser totalmente aberta e, devido ao grande número de variáveis que surgiram, não foi possível contabilizar a grande quantidade de respostas da 10ª questão. As respostas com o mesmo sentido e/ou sentidos mais próximos foram agrupadas e configuradas no gráfico 10, que apresenta o seguinte resultado da amostra. Para 20% dos entrevistados, religião é fé em Deus; para 12%, é uma força superior; para 9%, é crença popular; e outros 9% opinaram por não responder, 7% disseram que é forma de expressão, 6% é doutrina bíblica, 4% doutrina humana, 4% união de pessoas, 4% estilo de vida, 4% é algo importante, 4% são sabem definir, 3% é um sistema lucrativo, 2% uma escolha, 2% esperança de eternidade, 2% não necessária, 2% forma de fé, 1% cultura 1% algo pessoal 1%, obras filantrópicas e 1% uma doença.

2.1.2 Discussão Metodológica da Pesquisa de Campo: resultado da coleta dos dados

Os dados desta pesquisa de campo foram coletados através de um questionário de 10 questões, trabalhado com uma população estudantil de 756 alunos das 3ª séries da modalidade Ensino Médio Regular, distribuídos em 36 salas de aula de 03 escolas da Rede Pública Estadual e 02 escolas da Rede Privada de Ensino, nos turnos matutino e vespertino, no período de 11 a 29 de agosto de 2014.

As escolas estaduais envolvidas no processo desta pesquisa foram selecionadas, sobretudo, por se localizarem, geograficamente, no centro e em torno do centro da cidade de Boa Vista, fato que favorece acolherem, em seu quadro estudantil, alunos procedentes dos diversos bairros da cidade, o que caracteriza uma grande diversidade de estudantes das diferentes classes sociais, raça, cor e credo religioso, e porque estas escolas oferecerem à população somente a modalidade de Ensino Médio. As escolas da Rede Particular de Ensino, além de contar com esses fatores, por terem sido essas as que aceitaram participar da pesquisa e, também, oferecerem a modalidade de Ensino mencionada. A Escola Estadual Ayrton Senna da Silva é uma unidade da Rede Pública Estadual de Ensino, localizada no Centro da cidade. Sua clientela estudantil é composta de alunos das várias classes sociais, provenientes dos diversos bairros da cidade. Essa escola oferece à população 50 turmas da Educação Básica na modalidade de Ensino Médio Regular, das quais quinze turmas são da 3ª série final, sete funcionam no turno matutino e oito no vespertino. Um dos principais fatores dessa escola ter um grande número de alunos, o que configura as diversas raças, credo, cor, religião e classes

sociais, é o fato de ela ser localizada próximo do centro comercial da cidade, atendendo principalmente aos estudantes, filhos de empresários, comerciários, funcionários públicos municipais, estaduais, federais, etc. que trabalham nessa região. Outro fator influente é o acesso ao transporte urbano. A segunda unidade é a Escola Estadual Ana Libória, que também faz parte da Rede Pública Estadual de Ensino e está localizada no bairro Mecejana, em torno do centro, na zona Oeste da cidade, zona de fronteira entre o centro e a zona leste, área de maior concentração da população do município de Boa Vista. Essa escola oferece à população boa-vistense 49 turmas do Ensino Médio regular, sendo que quinze são das séries finais, sete funcionam no turno matutino e oito no turno vespertino. Seus estudantes são, em sua maioria, alunos moradores de áreas próximas do centro e bairros mais próximos da escola, porém, há um grande número de estudantes de diversas outras localidades mais distantes.

A terceira unidade da Rede Pública estadual de Ensino é a Escola Estadual Gonçalves Dias, localizada em torno do centro, na zona Oeste de Boa Vista, no bairro Canarinho, considerado de classe média, mas que também tem um grande número de alunos dos bairros mais pobres. A escola oferece à população estudantil 30 turmas da modalidade Ensino Médio, sendo sete turmas de 3^{as} séries, com três turmas funcionando pelo turno da manhã e quatro no turno da tarde.

A Escola Colmeia da Rede Particular de Ensino está localizada no centro da cidade, tem 30 anos de fundação, iniciou-se oferecendo à população apenas a modalidade da Educação Infantil; para atender à demanda de sua clientela estudantil, ampliou suas atividades educacionais para modalidade Ensino Fundamental e, somente em 2011, iniciou com o Ensino Médio Regular, hoje funcionando apenas com uma turma da 3^a série com o total de 22 alunos no turno vespertino.

O Instituto Batista de Roraima, também da Rede Particular de Ensino, está localizado no centro de Boa Vista e oferece à população da cidade doze turmas do Ensino Médio Regular, das quais quatro são da 3^a série final: uma funciona no turno matutino e três no turno vespertino.

Após o processo do preenchimento dos questionários, eles foram levados ao laboratório IGEO/UFRR – Instituto de Geociências da Universidade Federal de Roraima, para o processamento dos dados e elaboração de mapas e gráficos, a uma equipe coordenada pelo professor e coordenador do curso de Geografia e do IGEO/UFRR Dr. Antonio Tolrino de Rezende Veras, uma vez que essa autora não tem conhecimentos estatísticos suficientes para tabular os dados. A escolha da UFRR se deu

por conta da existência do laboratório IGEO do curso de graduação de Geografia da universidade e por ser uma instituição séria que inspira confiança.

Nas três primeiras questões, estão configuradas as variáveis: faixa etária, gênero e estado civil, que serão detalhadas mais adiante nos gráficos, contendo os dados com resultado da pesquisa. Da quarta à décima questão trataremos especificamente sobre religião, a maioria das perguntas oferecem listas de opções de respostas para que o entrevistado escolha a que melhor expressa a sua realidade religiosa, cujo resultado quantitativo apresentado em números absolutos estão expostos abaixo.

4ª questão: “*Você acredita em Deus?*” Se sim, o entrevistado deveria responder, “*Quem é Deus para você?*”, escolhendo uma das opções: (uma força superior, uma energia, a natureza, o cosmo, outro, o quê?). 720 estudantes responderam “Sim”, e 34 declararam que “Não” acreditam em Deus. Das opções sugeridas para a sequência da questão, a maioria 428 respondeu que Deus é uma força superior, 42 uma energia, 14 a natureza, 13 o cosmo e 238 escolheram a opção outro.

5ª Questão: “*Você tem religião?*” Se positiva a resposta, o indivíduo devia responder “*Qual?*”, marcando uma das opções das religiões: (Católica, Evangélica, Espírita, Budismo, Hinduísmo, Judaísmo, Gnóstico, Islamismo, Indígena, afro-brasileira. Outra qual?). 615 dos entrevistados marcaram “Sim”, que têm religião, e 138 “Não”, não têm religião. Quanto ao pertencimento religioso, 298 entrevistados declararam-se Católicos, 270 Evangélicos, 96 marcaram a opção nenhuma religião, 26 a opção outra, 21 Espírita, 04 Judaísmo, 02 Gnóstica, 01 Hinduísmo, 01 Islamismo.

6ª Questão: “*De qual Igreja você participa?*” Dentre as várias opções: 264 responderam Católica, 126 a opção Outra, 96 a opção Nenhuma, 73 Assembleia de Deus, 39 Igreja Batista, 34 Igreja Adventista do Sétimo Dia, 28 Igreja Quadrangular, 24 Igreja Deus é Amor, 12 Igreja Universal do Reino de Deus, 10 Igreja Metodista, 09 Igreja Congregação Cristã do Brasil, 05 Igreja Presbiteriana, e 03 Igreja Luterana.

7ª Questão: “*Você já frequentou alguma Igreja antes?*” Se positiva a resposta, o entrevistado deveria nominar qual e marcar uma das opções para expressar o motivo da sua desistência: (Quis sair, Não tinha como ir, Outros motivos, quais? Para responder Por que deixou de frequentar). Dos envolvidos na pesquisa, 627 declararam (Sim), já frequentaram uma igreja antes, 111 responderam (Não), que não frequentaram nenhuma igreja antes e 173 declararam que deixaram de frequentar porque (Quis sair), 70 (Não tinha como ir), 220 escolheram (Outros motivos), apesar de a questão solicitar quais, os participantes não quiseram esclarecer.

8ª Questão: “Quando é que você costuma ir à Igreja?” A pergunta apresentou oito opções de respostas, 289 dos entrevistados responderam (Frequentemente), 305 (De vez em quando), 26 em Casamentos, 06 em Batizados, 01 na Páscoa, 07 no Natal, 01 no Ano Novo, 15 em Velórios e 101 optaram pela opção Outros.

9ª Questão: “*Você frequenta, mesmo que de vez em quando, atos religiosos de outras religiões?*” Se (Sim), o entrevistado deveria mencionar (Quais), porém, a maioria 505 respondeu (Não), não frequentam atos religiosos de outras religiões, 243 responderam (Sim), que frequentam atos religiosos de outras religiões. Nenhum estudante quis esclarecer qual ato religioso de outra religião frequenta. Os dados sobre o pertencimento religioso dos pais dos entrevistados estão inseridos na nona questão com as indagações: “*Qual a religião de seu pai?*” 295 dos entrevistados declararam Católica, a religião de seus pais, 186 Evangélica, 19 Espíritas, 01 Judeu, 04 pais Gnósticos, 24 entrevistados escolheram a opção “outra” 179 afirmaram que seus pais não têm nenhuma religião. “*Qual a religião de sua mãe?*” 315 entrevistados declararam que suas mães são Católicas, 286 são Evangélicas, 21 são Espíritas, 02 são Gnósticas, 29 optaram pela opção “outra” 94 declararam que suas mães não têm nenhuma religião. Os dados relativos às questões: “Que igreja frequenta o pai e a mãe dos entrevistados” serão apresentados através de gráficos, seguindo a sequência das questões. 10ª questão: *O que é religião para você hoje?* Por ser uma questão totalmente aberta, o que possibilita inúmeras variáveis, as respostas foram agrupadas às respostas idênticas e semelhantes, que serão apresentadas através de gráfico.

3 OS “SEM RELIGIÃO” EM RORAIMA

Desde o Censo de 1980, quando os números referentes às pessoas declaradas “sem religião” atingiram a casa dos 1,9%, aumentando para 5,13% em 1991, 7,4% em 2000 e 8% em 2010, com o declínio do catolicismo, crescimento dos evangélicos, o surgimento de novas denominações religiosas e a expansão do pluralismo religioso no Brasil, o grupo dos “sem religião,” tornou-se assunto de pesquisa, preocupação e motivos de incentivo para os pesquisadores do campo religioso brasileiro investigar as causas, o surgimento e a evolução da categoria dos “sem religião”, considerado fenômeno nacional, que se destaca em terceiro lugar no cenário religioso brasileiro.

Como no cenário religioso nacional, os “sem religião” de Roraima também ocupam o terceiro lugar na classificação das religiões no Estado; em primeiro lugar, a religião Católica, com 50% de fiéis; em segundo lugar, as religiões Evangélicas, com 24% e, em terceiro, os “sem religião”, com 13%. Entre 2000 e 2010, o IBGE constatou uma queda no ritmo do crescimento dos “sem religião” no Brasil, que somou apenas 0,45 ponto percentual. Contudo, em Roraima, verifica-se um crescimento maior. Em 2000, eles eram, em números absolutos, 28.487, aumentando para 58.480, em 2010. Um crescimento de mais de 50%. Que motivos contribuíram para um aumento tão rápido, em números tão altos? Segundo Ribeiro (2013, p. 8), “Roraima é o estado que apresenta maior número de pessoas “sem religião”, mais que o dobro da média nacional.” Os dados qualitativos relativos à nossa pesquisa de campo, a seguir, fundamentarão nossa proposição.

Os Censos das duas últimas décadas tem apresentado o perfil dos “sem religião” trabalhando as diversas variáveis: Idade, sexo, estado civil, raça, nível de instrução, renda e lugar geográfico. Nesta amostra, apresentamos apenas as variáveis: faixa etária, estado civil e sexo, as demais questões são específicas sobre religião.

Em números percentuais, os dados coletados com o total de 756 estudantes e dez entrevistas apontam que os entrevistados são jovens pertencentes a todas as classes sociais, 99% têm entre 15 a 20 anos, portanto, uma faixa etária homogênea, que pode estar incluída nos “níveis mais e mais jovens” mencionados em Corbí (2010, p. 9) e que, assim se caracterizam porque a pesquisa é direcionada somente aos estudantes das 3ª series do Ensino Médio Regular. O sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira afirma ainda que, “outro dado interessante é o crescimento de jovens entre 15 e 19 anos sem religião, as novas gerações brasileiras têm uma forma religiosa muito diferente das antigas

gerações” (OLIVEIRA, 2012, p. 27). Segundo Vieira (2013, p. 3), a faixa etária predominante entre os indivíduos “sem religião” é “dos 15 aos 39 anos. Nesses grupos de idade, os percentuais são sempre superiores aos da população brasileira. Observa-se que os indivíduos dessas faixas etárias são os que estão mais sujeitos às mudanças socioculturais”.

A maioria dos entrevistados é solteira e reside nas periferias da cidade, atestando o que diz Ribeiro (2013, p. 6), “não casaram no religioso ou são solteiros”, são estudantes dos diversos bairros de Boa Vista (95%), estudam nas escolas localizadas no centro e em torno do centro da cidade, por serem filhos de empresários, comerciários, camelôs, funcionários públicos, domésticos e domésticas que trabalham nessa área urbana e, também, pela volatilidade e hábitos de consumo, características típicas da juventude atual. Outro fator importante é o acesso ao transporte coletivo urbano.

Nesta amostra, encontramos uma novidade na variável gênero, na qual o número de mulheres supera o número de homens. Elas aparecem com o percentual de 60%, contra 40% de homens. Esse fato está relacionado aos números da população geral do Estado. Segundo o IBGE (tabela 4.4.1.1 – População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo as mesorregiões, as microrregiões, os municípios, os distritos e os bairros – Roraima – 2010), o número de mulheres no município de Boa Vista, capital do Estado, é de 160.644 contra 159877 de homens. Portanto, a população é composta de mais mulheres que homens.

Percebe-se uma inversão com relação aos números do Censo 2010, na faixa etária de (15 a 20) anos, em que a quantidade de mulheres aparece sempre em números inferiores ao número de homens. Nessa amostra, elas surgem com o percentual de 24 pontos percentuais a mais, comparado aos números apontados pelo IBGE (tabela 3.4.1.1 – População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de idade - Roraima – 2010). Segundo Silva (2013, p. 29), a maioria dos jovens “residem nas cidades e são, em sua maioria, do sexo masculino; basicamente trata-se de adolescentes (16 a 20 anos) e adultos (21 a 30); que abrangem todos os grupos de raça ou cor”.

Esta pesquisa, os “sem religião em Roraima”, causas e motivações, junto aos jovens das 3ª séries do Ensino Médio Regular nas escolas da rede Pública e Privada de Ensino de Boa Vista, revela o que os indivíduos que dizem não ter religião pensam sobre religião, Deus, o sentido da vida, da morte, e sua história de vida até se autodeclararem “sem religião” e a forma como vivem sua espiritualidade. Quando questionados sobre religião, a imagem que mais se evidencia entre os jovens

entrevistados “sem religião” é a imagem “Igreja”. Para oito dos indivíduos entrevistados, religião é algo que designa um coletivo (grupo de pessoas) e um lugar (espaço físico). Entretanto, preconceito, falso moralismo e mercado da fé são os fatos que mais indignam os “sem religião”, quando analisam as pessoas que seguem uma religião, uma igreja. Contudo, eles reconhecem que há pessoas e instituições sérias, religiosas ou não, que realizam trabalhos que favorecem os mais necessitados, a comunidade, a sociedade e esses trabalhos são reconhecidos e valorizados por todos. Segundo os entrevistados, a religião só é importante para quem nela acredita, pois ela se torna uma forma de motivação na vida da pessoa. A religião dá às pessoas esperança de uma vida melhor.

Dos participantes da pesquisa, 18% não têm religião, 5% não creem em Deus, 13% não participam de nenhuma igreja, 15% nunca frequentaram uma igreja/religião antes, 47% frequentam uma igreja só de vez em quando, 32% frequentam atos religiosos de outras Igrejas/Religiões, 25% dos pais desses indivíduos não têm nenhuma religião e 14% não frequentam nenhuma igreja/templo, 12% das mães foram declaradas por seus filhos como não tendo nenhuma religião e 9% não frequentam nenhuma igreja/templo. Contudo, 95% dos entrevistados acreditam em Deus.

Nas entrevistas, sete dos estudantes atestaram não ter religião e três afirmaram não frequentar e não seguir nenhuma religião, mas que não foram sempre assim. Para eles, transitar entre uma religião e outra é um fato comum, natural, pois, em nenhuma delas, encontram a verdade, seja padre, seja pastor, cada igreja interpreta a Bíblia a sua maneira. Pedro Ribeiro argumenta que o grupo dos “sem religião” é composto por pessoas que “se desencantaram com suas filiações tradicionais e encontram-se “desencaixadas”, transitando em busca de vínculos sociais e espirituais, tornando a transitoriedade da adesão religiosa uma arca desses tempos”. Ribeiro (2013, p. 26). Observa-se que os jovens roraimenses “sem religião” experimentam, sim, uma espiritualidade diferenciada do modelo tradicional vigente, mas não o modelo proposto sem crença e sem deuses por Marià Corbí. É fato que os jovens estão cada vez mais se desligando das instituições religiosas, mas, ao mesmo tempo, estão adquirindo fora da igreja, “um jeito próprio de viver a fé, buscando em várias religiões, ou em filosofias de vida, valores sagrados que dão origem a um sincretismo subjetivo próprio, não vinculado a qualquer credo ou igreja” (VILLASENOR, 2011, p. 4). Por que a maneira livre do jovem vivenciar sua religiosidade fora das religiões incomoda tanto as tradições religiosas, se são os jovens, os protagonistas das mudanças socioculturais?

Percebe-se que o fenômeno de experimentação e trânsito religioso é muito presente entre os declarados “sem religião”. Os dados desta amostra apontam que 32% dos entrevistados declararam frequentar atos religiosos de outras religiões, Antoniazzi (2003, p.76) atesta: “um bom número de brasileiros frequenta práticas religiosas de vários cultos”. Essa busca de ampliação, de experimentações religiosas que os jovens procuram hoje (NOVAES, 2013, p. 114), “não significa dizer que para toda esta geração as instituições religiosas deixaram de ser lócus de agregação social, de doação de sentido para a vida e ainda, espaço motivador de ações e engajamentos político-sociais.” Até se autodeclararem como “sem religião”, parte dos indivíduos que compõem a categoria já passou por duas denominações religiosas, principalmente, católica e evangélica ou mais tradições; a espírita aparece como a terceira alternativa. Observa-se que a relação dos indivíduos com as instituições religiosas, hoje, é livre, descompromissada e reduz a religião a um sentimento pessoal, íntimo, porém não deixa de crer em Deus e de rezar ocasionalmente (em situações de perrengue, palavras da entrevistada do apêndice VI).

Para a maioria dos entrevistados, Deus existe e é uma força superior, inquestionável que se manifesta independentemente da pessoa ser ou não religiosa, de frequentar ou não um templo religioso; portanto, para se crer em algo, em Deus ou outra divindade, não precisa ser religiosa. Regina Novaes (2013, p. 115) afirma que “não “ter religião” abre tanto um espaço potencial para (re) iniciar adesões institucionais quanto para “interagir” sem vigilância eclesiástica ou familiar com pessoas de outras religiões”.

Os “sem religião” envolvidos na pesquisa não só acreditam como também buscam a Deus, através do canal da oração, sem, necessariamente, estarem inseridos em uma religião e procuram fazer isso fora dos limites das igrejas, das religiões, porque, segundo eles, tanto as religiões, quanto as igrejas prendem e deturpam Deus. Considerando essas e outras ideias, verifica-se que os “sem religião” não são necessariamente pessoas descrentes e/ou indiferentes às questões religiosas, mas que, de certa forma, buscam viver sua religiosidade nos moldes da dimensão espiritual conceituada em Corbí (2010, p. 168), que atesta: “a dimensão espiritual não é uma explicação dos mistérios da existência, nem uma explicação da vida e da morte, nem uma solução para os problemas metafísicos da existência”. A espiritualidade apresentada em Corbí (2010), tem a característica de revitalizar e libertar, porque possui

a possibilidade de criação, conforme a necessidade e a conveniência da realidade, libertando de toda modelagem.

Quando indagados sobre o que é religião? As respostas são bem variadas, tanto nos questionários, quanto nas entrevistas. Os conceitos sobre religião, colhidos através dos questionários, podem ser observados no gráfico 10. Em síntese, os entrevistados conceituaram religião com as seguintes expressões:

[...] Religião é uma forma das pessoas terem confiança em si; religião é dominação; é sentir Deus; é algo pífio; é uma maneira de dedicar vida; é um conjunto de crenças e cultura; é uma força maior; é algo necessário; é uma prática que torna sagrado algum deus ou alguma coisa; é uma crença que as pessoas discernem o que acreditam.

Entretanto, não se tem a intenção de, com esses dados, representar a totalidade dos “sem religião”, nem tampouco o subgrupo da categoria, mas com essa amostra expressar as ideias de um fragmento do grupo que afirma: a crença em Deus é o elemento divisor do grupo, contudo, existe um valor comum e primordial, que é o amor ao próximo. Eles afirmam que a crença em Deus e o amor podem ser cultivados fora da religião e/ou das igrejas. Contudo, observa-se nas entrelinhas que, nos dizeres dos “sem religião”, está expressa uma espiritualidade não religiosa que nos remete à realidade religiosa do país nas últimas décadas, que tem vivenciado significantes sinais de mudanças e como a sociedade brasileira se tornou mais diversificada, favorecendo aos indivíduos autonomia na construção da sua identidade religiosa, valorizando a importância pela busca pessoal de sentido, não somente na tradição religiosa recebida. (NOVAES, 2013).

3.1 Os “Sem Religião” em Roraima: números e comentários

Os resultados dos vários recenseamentos demográficos do IBGE, nas últimas décadas do século XX e primeira do século XXI (2000-2010), apresentam um expressivo e contínuo declínio do catolicismo, crescimento dos evangélicos, surgimento de novas denominações religiosas e a expansão do pluralismo religioso no Brasil, que tem despertado interesse nos estudiosos das ciências sociais e da religião a pesquisar as causas, o surgimento e a evolução da categoria dos “sem religião”, que se destaca em terceiro lugar no cenário religioso brasileiro. Segundo Ribeiro (2013, p. 8), “Roraima é

o estado que apresenta maior número de pessoas “sem religião”, mais que o dobro da média nacional”.

Altmann (2012) também afirma que houve um aumento moderado no número de pessoas “sem religião”, principalmente nas áreas urbana.

Houve também aumento no número de pessoas que se consideram sem religião, particularmente em áreas urbanas e nos estratos sociais inferiores. Em 2000 eram quase 12,5 milhões (7,3%), ultrapassando os 15 milhões em 2010 (8,0%). A rigor, trata-se de um aumento apenas moderado. Observe-se, também, que não se trata necessariamente de pessoas arreligiosas, contudo elas não mantêm vínculos de adesão a nenhuma religião instituída. Mesmo que em números absolutos ainda baixos, também essa tendência de aumento, já registrada no censo de 2000, provavelmente seguirá, considerado o processo de urbanização e de secularização da vida moderna. Ainda assim, muito poucas pessoas se declararam ateias (apenas 615 mil) (ALTMANN, 2012, p. 124-125).

O Censo/IBGE de 2000 registrou em Roraima 324.397 habitantes, em sua maioria, imigrantes de todas as regiões do Brasil e de outros países. O número de pessoas declaradas “sem religião” em Roraima, em 2000, somou 28.487, passando para 58.480 em 2010, chegando ao percentual de 13%, em uma população de 450.479 habitantes. É o Estado brasileiro com menor índice de católicos 46,78 e o que possui o maior índice de pessoas sem religião, 19,39 conforme o IBGE (2012).

Dos 28.487 indivíduos declarados “sem religião” no Censo de 2000, 10.198 são jovens entre 15 e 29 anos, objeto de nossa pesquisa. Em 2010, o número dos jovens “sem religião”, nessa mesma faixa etária, dobrou para 20.612. Regina Novaes (2013, p. 179) afirma que “pela primeira vez, a categoria sem religião foi desmembrada em grupos de ateus, agnósticos e propriamente sem religião”. No Estado de Roraima, a categoria “sem religião-sem religião” aparece com 57.703, seguida pelos “sem religião-ateu” com 656 e os “sem religião-Agnósticos” com apenas 122 pessoas assim declaradas, totalizando 34.682 jovens entre 15 e 29 anos. (IBGE, 2012).

Esses dados reafirmam a faixa de idade dos jovens “sem religião” aplicada pela UNESCO, que utiliza a legislação brasileira da Secretaria Nacional da Juventude e Conselho Nacional de Juventude, criados em 2005 (NOVAES, 2013, p. 178), “que já permitiu visualizar diferentes níveis de escolaridade. Já a faixa 18 a 29 anos, é utilizada na pesquisa desenvolvida pelo Ibase/Polis em 2008”.

Boa Vista, a capital do Estado, possui uma extensão territorial de 5.687,036 km², para 284.313 habitantes, em sua maioria imigrantes oriundos de todas as regiões do Brasil e de outros países. Nos últimos dois Censos do IBGE, a capital de Roraima tem-se destacado nas pesquisas como a localidade do país com o maior índice 19,39% de pessoas “sem religião”. No Censo de 2000, foi contabilizado, em Boa Vista, um total de 2000.568 habitantes no qual 15.607 se declararam “sem religião”, desses, 6.146 são jovens com idade entre 15 e 29 anos. Em número maior 2.172, aparecem os de idade entre 20 e 24 anos, seguidos dos 1.690, que têm entre 25 a 29 anos; com 1.236 aparecem os jovens de 15 a 17 anos e, por fim, os que têm 18 e 19 anos com 1.048.

No Censo de 2010, a categoria “sem religião”, aparece desmembrada em grupos de ateus e agnósticos e sem religião propriamente dita. Todos os números de 2000 aparecem além do dobro em 2010. Em número maior 5.533, estão os jovens entre 20 e 24 anos, “sem religião”; nessa mesma faixa etária, surgem os “sem religião-sem religião” com 5.446, seguidos do “sem religião-ateu” com 65 e, por fim, os “sem religião-agnóstico” com apenas 21 jovens (IBGE, 2012).

O número de pessoas declaradas “sem religião” em Roraima, de 13%, é bastante elevado se comparado com a média nacional, que chegou a 8%. O acréscimo da população declarada “sem religião” em território nacional foi de 0,6 pontos percentuais nos últimos dez anos e o número de pessoas declaradas “sem religião” no Brasil, hoje, soma 15,3 milhões. Em Roraima, os católicos ainda são maioria 50%, e os evangélicos representam 24% da população religiosa do estado.

Segundo Joaquim (2012), “a defesa intransigente dos direitos humanos que a igreja católica assumiu nos últimos anos pode ser um dos elementos que vem contribuindo para que um número maior de pessoas se afaste ou mude da religião católica romana”.

Para Joaquim (2012), outro fator importante que tem contribuído para esse quadro, são as mudanças sociais, a liberdade de escolha e a opção religiosa. Nos últimos dez anos, em função do acesso aos meios de comunicação e consumo foram observadas mudanças profundas e fundamentais no perfil do comportamento da população. A religião é efetivamente uma necessidade humana e, mesmo aqueles que se dizem ateus, em dado momento, nasceram e se criaram em um ambiente religioso, contudo, o ambiente social por si só tem uma carga de religiosidade muito forte. Outro fator que deve ser levado em conta é o *marketing* elaborado pelas igrejas evangélicas tanto nos meios de comunicação como em vias públicas. Joaquim disse que, nos últimos anos, a

sociedade tem feito suas escolhas com mais liberdade, o que inclui a religião. Esses dados nos levam a perceber que as barreiras começam a ser rompidas e a liberdade individual leva as pessoas a fazerem suas opções. (Folha de Boa Vista).

3.2 Os Jovens “Sem religião” de Roraima e a espiritualidade não religiosa de Corbí

Fazendo uma releitura das sociedades pré-industriais marcadas por uma atividade central que garantia a sobrevivência da coletividade, na época, – a caça, a pecuária, ou a agricultura – até chegar a primeira industrialização, implantada em diversos países à custa de muitos conflitos econômicos, políticos, sociais, religiosos e militares, gerando guerras civis e coloniais entre os países. A paz só veio a reinar após o período de duzentos anos de sociedade mista, com o fim da Segunda Grande guerra mundial, selada através do pacto que estabeleceu a divisão das funções: a ciência e a tecnologia, a economia e a política passaram a ser controladas pela nova sociedade industrial e sua ideologia. A velha sociedade pré-industrial e a religião controlariam o resto das dimensões coletivas, sendo a democracia cristã o propósito desse acordo.

Por religião, Corbí (2010, p. 18) entende como “um conjunto de narrações sagradas, símbolos, mitos e rituais que geram e suportam um sistema de crenças-sistema que tem como resultado um projeto de vida coletiva e individual, sistema de representação e iniciação à dimensão absoluta da existência”.

Para (CORBÍ, 2010), o desaparecimento do estilo de vida pré-industrial favoreceu o nascimento e a implantação das sociedades de conhecimento e, com elas, a transformação das sociedades, provocada pela generalização da industrialização, trazendo mudanças nas maneiras de pensar e de sentir, a ponto de o sistema de crenças, de preceitos e de valores coletivos, compartilhados pelas sociedades durante séculos e com prestígio religioso, perder seu atrativo, sua credibilidade, porque seus ultrapassados axiomas tornaram-se incapazes de motivar e unir os indivíduos e as comunidades das novas sociedades industriais, o que provocou impactos nas grandes tradições religiosas.

De acordo com Corbí (2010), as novas condições socioculturais das sociedades de inovação e a consolidação do conhecimento tecnocientífico possibilitam ao homem desenvolver e aprimorar seu potencial criativo e, utilizando-se das ciências e tecnologias, criar melhores condições de intervir no mundo com autônoma

interpretação sobre a vida e a realidade, suprimindo gradativamente o projeto de submissão que o dominava ao mundo e ao parecer de um deus ou de vários deuses com a forma milenar de interpretar, atuar e valorizar a realidade dando lugar “as sociedades de conhecimento, sociedade de inovação e de mudança contínua que gera uma segunda grande onda de industrialização” (CORBÍ, 2010, p. 157), oriunda dos princípios de desenvolvimento das sociedades de estrutura capitalista ocidental que se expandiram para outros contextos culturais, hoje controlados pelo competitivo sistema capitalista, capaz de adaptar-se a outros projetos de vida. Essas transformações atingem as culturas em seus diversos aspectos, através das novas e dinâmicas sociedades, que passam a viver e prosperar, criando continuamente novas ciências e novas tecnologias, novos produtos e novos serviços. Possibilita ainda a “compreensão de que nosso pensar, nosso sentir, nossas maneiras de nos organizarmos e de viver, são uma construção nossa”, inclusive a religião (CORBÍ, 2010, p. 16).

Segundo Corbí (2010, p. 25), os animais estão encerrados em uma interpretação dual da realidade, ou seja: “*sujeito de necessidades/mundo correlato a esse quadro de necessidades*. Eles estão encerrados nessa leitura necessária que a vida faz da realidade; cada espécie tem um cárcere específico e, para todos os animais, o ferrolho é genético”. Assim sendo, os animais não mudam de mundo e de necessidades sem mudar de espécie, tarefa que requer milhões de anos e, para que isso aconteça, seu programa genético e sua morfologia devem ser mudados. Contudo, o autor atesta que, para a espécie humana, a solução mais ágil seria substituir a estrutura binária da relação com a realidade, onde a “estrutura ternária será: *sujeito de necessidades/língua/mundo correlatos às necessidades*” (Corbí, 2010, p. 25) e, sendo a fala um sofisticado sistema de comunicação, nós, seres humanos, nos relacionamo-nos com o mundo falando entre nós. Nesse sentido, a comunicação se torna para os sujeitos, um canal intermediário com o qual podemos diferenciar os significados das realidades, das coisas em si mesmas. Essa estrutura ternária produz uma dupla experiência da realidade que estimula a nossa ação como significado para nossa vida.

A experiência relativa da realidade nos é mostrada como estímulo à nossa ação, como significado para nossa vida, como valor de sobrevivência. A experiência absoluta da realidade nos é apresentada como ser e valor sem relação com nossas necessidades, como separada, *ab soluta* (liberada de) toda relação com nós mesmos, como estando aí, em si mesma. Essa experiência absoluta da realidade não é uma experiência transcendental, como seria a experiência de uma realidade que ultrapassasse este mundo (CORBÍ, 2010, p. 26).

Segundo Corbí (2010), essas duas dimensões do real, a experiência que é pautada por nossas necessidades e a experiência absoluta que independente de nossas necessidades, essenciais a nossa espécie, é o que cultivou a religião. Para o autor, a mítica epistemologia das tradições religiosas do passado já não se adaptam aos coletivos projetos das sociedades imbuídas pela cultura científico-tecnológica. Portanto, não é a experiência espiritual do homem que está findando “o que esta morrendo não é a possibilidade de viver a experiência absoluta da realidade, a experiência espiritual, mas uma maneira cultural, venerável e milenar de fazê-lo.” (CORBÍ, 2010a, p. 168). O autor afirma que, nas sociedades de inovação, “teremos de aprender a compreender, a experimentar e a cultivar a dimensão absoluta de nosso existir e de nossa experiência do real, sem formas religiosas [...] como uma necessidade de cultivo de uma dimensão centralmente humana” (CORBÍ, 2010, p. 137). Como descartar tantas culturas que orientaram gerações passadas e que ainda norteiam nossas vidas? Será isso possível?

As tradições religiosas sempre foram para nossos antepassados e ainda é para muitas sociedades, fonte de sentido e de sabedoria, que, ao longo dos séculos, nortearam a vida das pessoas. Ao mesmo tempo o autor parece voltar atrás ao afirmar: “nas novas circunstâncias, podemos e devemos aprender com todos os mestres e com todas as grandes escolas de sabedoria das tradições, sem ter de nos tornar, por isso, fieis, pessoas religiosas” (CORBÍ, 2010, p. 181). A herança dos mestres espirituais desvela aos indivíduos contemporâneos uma forma de acesso diferente à realidade cotidiana, “[...] a um processo de transformação e de refinamento dessas faculdades (humanas), a fim de torná-las aptas a uma nova maneira de conhecer, de sentir, de perceber e de atuar” (CORBÍ, 2010, p. 187). Segundo o autor, para isso se faz necessária uma ampla leitura da realidade, sem o aprisionamento dos mitos ou das ciências, pois os ensinamentos das tradições religiosas propõem um processo que se assemelha a um caminho, e esse caminho consiste em “ler, ponderar e tratar a realidade a partir da necessidade característica de um ser vivo a lê-la, ponderá-la e tratá-la a partir do silêncio da necessidade” Corbí (2010, p. 187). O acesso à realidade pela experiência absoluta abre a mente a outro tipo de conhecimento da realidade e rompe com as fronteiras das necessidades. O autor denomina esse outro conhecimento de *conhecimento silencioso* (grifo do autor). O conhecimento que conduz à condição de testemunha lúcida e desinteressada (CORBÍ, 2010).

Segundo Corbí (2010), nas atuais circunstâncias culturais em que nos movemos, os símbolos e os mitos deixaram de ser úteis na organização da vida e ação das comunidades e passaram a ser símbolos de metáforas, que falam de aspectos sutis deste mundo, sobretudo, da dimensão absoluta da realidade, são expressão do absoluto, instrumento de paixão, de amor, de indagação e de conhecimento. O autor afirma que as grandes religiões “são monumentais sistemas simbólicos, imensas criações do espírito humano erigidas para falar da dimensão absoluta de nossa experiência da realidade. As metáforas que falam do absoluto, ao significar, se fundem no silêncio, porque se transcendem a si mesmas” Corbí (2010, p. 199).

Para Corbí, a espiritualidade é a via de condução para outra dimensão da existência, “ela nos guia à dimensão Absoluta, nos conduz a ampliar o nosso ser, a afinar nosso discernir e nosso sentir, a pacificar e serenar nosso interior; a espiritualidade nos conduz à ternura, ao interesse incondicional por todos e por tudo, ao amor e à paz”. (CORBÍ, 2010, p. 204). Para o autor, todas essas vias a que a espiritualidade conduz, não constitui nenhum tipo de solução, a espiritualidade não soluciona nada porque é somente o espírito que nos faz um novo ser. Corbí atesta que a espiritualidade sem religião é cultivada pelo conhecimento silencioso, o qual é uma forma de conhecimento que habilita o homem a entender a existência sob uma nova perspectiva e a elaborar projetos congruentes aos desafios da vida contemporânea (CORBÍ, 2010).

Em sua obra, “Para uma espiritualidade leiga sem crenças, sem religiões, sem deuses”, Marià Corbí desconstrói o sistema axiológico religioso produzido nas sociedades pré-industriais e justifica que, sendo uma construção agrária, esse modelo religioso encontra-se em colapso nas sociedades atuais, portanto, a experiência espiritual do homem tende a ser cultivada por uma espiritualidade “sem religião”. Logo se percebe que o panorama religioso europeu apresentado em Corbí (2010), muito se distancia da realidade religiosa brasileira e de Roraima, pois os dados constantes no (gráfico 4- Crença em Deus), apontam que 95% dos entrevistados creem em Deus e 58% o têm como uma força superior. (cf. gráfico 4.1). Embora 18% se tenham declarado “sem religião” e 13% declarado que não participam de nenhuma igreja, no gráfico 8, 45% dos entrevistados vão à igreja frequentemente, 47% de vez em quando, 4% em cerimônia de casamento, 2% em velório, 1% em batizados e 1% no Natal. Ainda que esporadicamente, os dados configurem a presença desses indivíduos em um templo religioso. Portanto, o postulado de Marià Corbí não se adapta à realidade de Roraima.

O autor declara que, nas novas realidades cultural, onde tudo acontece de forma acelerada, a religião já não passa por uma crise, mas vive um verdadeiro colapso, que, aos olhos dos jovens, não chega a ser nem mesmo um problema. “A grande maioria dos jovens não quer saber de religião. Para eles, a religião não é sequer um problema. Nem a consideram nem a combatem, pois, para os jovens, a religião só é coisa de tempos passados e de gerações passadas” Corbí (2010, p. 15). Sendo assim, como explicar a massiva participação dos jovens na Jornada Mundial da Juventude realizada em Julho de 2013, na cidade do Rio de Janeiro? Inclusive 100 jovens de Roraima que, como muitos outros jovens, inclusive europeus, enfrentaram muitas dificuldades para se fazerem presentes naquele evento religioso cristão.

Não é essa visão que têm os jovens brasileiros roraimenses sobre religião. Em nossa pesquisa empírica, constatamos que 82% dos entrevistados afirmaram ter religião e 95% declararam acreditar em Deus e 32% declararam participar de atos religiosos de outras religiões. O que se percebe é que esses indivíduos declarados “sem religião” romperam com a instituição religiosa, mas não deixaram de acreditar em uma “Força superior”. “São jovens que não estão interessados na religião institucional, contudo propensos a cultivar a fé pessoal” (SILVA, 2013, p. 66). (cf. gráficos 4, 4.1e 5).

Inseridos nesse processo de secularização, em que atuam as dinâmicas sociedades científicas e tecnológicas conceituadas em Corbí (2010), vivem os jovens “sem religião” de Roraima que, acompanham o acentuado declínio da religião católica, atestado nos Censos das décadas de 1991 a 2010, cuja percentagem de católicos caiu de 83,3% em 1991 para 73,9%, em 2000, chegando a 64,6% em 2010. A maior redução ocorreu na Região Norte, de 71,3% para 60,6%, ao passo que os evangélicos, nessa região, aumentaram sua representatividade de 19,8% para 28,5%. (IBGE, 2010).

Apesar de Roraima apresentar alto índice de pessoas “sem religião”, os dados empíricos apontam que o número de entrevistados católicos ainda é maioria, somam 41%. Isso nos quer dizer que os jovens inseridos na realidade religiosa roraimense, em sua maioria, ainda seguem as tradições religiosas contidas em crenças, mitos, símbolos e narrações sagradas combatidas em (CORBÍ, 2010).

Por ocasião da semana da aplicação dos questionários na Escola Estadual Ana Libória, por diversas vezes, presenciei atos de expressão da espiritualidade dos estudantes daquela unidade de ensino que acontecia no período do intervalo. A maioria, aproximadamente 80% dos estudantes, voluntariamente se reúnem no auditório da escola e ali realizam várias atividades lúdicas de cunho espiritual, como: cantos, leituras

bíblicas, gincanas e reflexões situadas na realidade social envolvendo tudo o que coloca em situação de risco a vida dos jovens, ou seja, a violência, as drogas etc. Tudo organizado e coordenado entre eles, sem o direcionamento de qualquer professor ou funcionário da escola. O movimento é mais forte no turno matutino. Verifica-se que esses novos movimentos religiosos estão espalhados por todo o país. “Apesar dessa ruptura com a tradição, experimentam suas próprias práticas e formas ritualísticas para lidar com a sua religiosidade”. (SILVA, 2013, p. 66).

Diante desses tantos movimentos religiosos que envolvem o protagonismo juvenil, como afirmar que “a grande maioria dos jovens não quer saber nada de religião”? (CORBÍ, 2010). A Jornada Mundial da Juventude é o fato religioso que mais revela o envolvimento e o pertencimento religioso do jovem na Igreja institucionalizada na América Latina. Por ocasião dessa jornada, no Rio de Janeiro, em 2013, o líder mundial da Igreja Católica, contestando o comportamento comodista do clero, convocou-o a cultivar a cultura do encontro, sair do domínio clerical e, através do diálogo, ir ao encontro das pessoas que estão fora, aproximar-se delas, que, muitas vezes, estão afastadas e são hostis à Igreja. Apresentar-lhes, de forma alegre, o convite à conversão e à partilha.

Não podemos negar que o comportamento das pessoas com relação à religião está começando a mudar. Há certas superstições, certas atitudes e comportamentos que as pessoas não mais aceitam na religião, sobretudo na igreja instituição e isso afeta, principalmente, a juventude, por sua característica criativa e entusiasta de mudança, seja no espaço público ou no ciberespaço. Durante a Jornada Mundial da Juventude, o líder mundial da Igreja Católica, Papa Francisco recomendou aos jovens, especificamente, uma atitude permanente de movimento e não pasmaceira e acomodação nas dioceses e nas diversas instâncias do tecido eclesial. Enfatizou que a Igreja deve sair de si e viver em êxodo constante, ir ao encontro do outro (BINGEMER, 2013).

As pessoas estão, cada vez mais, assimilando a ideia de que não precisam de igreja para vivenciar sua religiosidade e estão buscando formas alternativas. Surgem cada vez mais, diferentes movimentos liderados por jovens que procuram viver sua espiritualidade fora da instituição religiosa. “Hoje muitos indivíduos que se declaram pertencentes a alguma religião levam uma vida também autônoma diante dos dogmas de suas religiões” (SILVA, 2013, p.69). A essa liberdade de experiências da espiritualidade Corbí (2010), descreve como um atrevimento confiado ao sopro do Espírito. Esse espírito dirigirá nossas experiências. Para Corbí, a espiritualidade não dá solução porque

é um espírito que nos transforma em um novo ser, proporciona-nos um novo caminho, conduz-nos “a outra dimensão da existência, nos guia à dimensão absoluta, nos conduz a ampliar nosso ser, a afinar nosso discernir e nosso sentir, a pacificar e a serenar nosso interior” (CORBÍ, 2010, p.204). Vieira argumenta que, nessa experiência, o Absoluto se desvela como uma presença única, inefável e livre de qualquer forma. Pois é uma “prática que se funde na unidade e onde cessa toda dualidade. Tal conhecimento proporciona [...] o respeito, o amor, a veneração e o reconhecimento por tudo o que existe e o que vive neste planeta e por nós mesmos [...]” (2013, p.10).

As mudanças, as transformações não acontecem de repente, principalmente quando são radicais e envolvem postulados culturais como os teorizados em Corbí (2010). Inseridos no contexto da globalização e apoderando-se dos mesmos meios de comunicação e tecnologias, os jovens da sociedade roraimense, mesmo distantes dos grandes centros urbanos do país e do mundo, experimentam essas mesmas mudanças e transformações pelas quais passam as demais sociedades modernas, principalmente no âmbito religioso. Nessa perspectiva, é que Roraima se destacou no Censo 2010, em números proporcionais, como a unidade da federação com “o maior número de pessoas declaradas “sem religião”” (RIBEIRO, 2013, p.6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de mudança chamado secularização, levou muitas pessoas a abandonarem as instituições religiosas ou, estas não são mais referência religiosa, capaz de dar a muitos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos, que sempre deram sentido à vida, à existência, incentivando as pessoas a buscarem atitudes diferentes em suas relações com o transcendente e com a ideia de Deus. Todo o processo de mudança e introdução das novas tecnologias influenciou e causou transformações no comportamento da sociedade que deu origem a um novo indivíduo autônomo, capaz de interpretar e viver o sentido da religião à sua maneira.

A princípio, quando definido o tema, imaginou-se que a pesquisa fosse apenas de cunho bibliográfico, porém, com o desenrolar do processo, percebeu-se a escassez de fonte bibliográfica em nível local, talvez por ser um assunto novo no cenário religioso brasileiro. Consciente dessa dificuldade, sentiu-se a necessidade de se realizar o questionário, que foi preponderante para a compreensão do fenômeno no Estado.

A Pesquisa de Campo foi prevacente para o alcance dos objetivos, que nos levaram a compreender que, embora os “sem religião” assim se declarem, eles permanecem com a crença em Deus e buscam experimentar sua religiosidade fora dos limites da instituição religiosa. Nesse sentido, a pesquisa de campo teve papel essencial na revelação de informações peculiares do fenômeno no Estado, por exemplo, o número de mulheres ser maior que o número de homens na população do município de Boa Vista, IBGE, “Tabela 4.4.1.1 – População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo as mesorregiões, as microrregiões, os municípios, os distritos e os bairros – Roraima – 2010” (cf. gráfico 3, p. 81), o que implica um número de mulheres na faixa etária de (15 a 20 anos) declaradas “sem religião” ser maior que o número de homens na pesquisa de campo. IBGE, “Tabela 3.4.1.1 – População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de idade-Roraima-2010”,. (cf. gráfico 5, p. 64). Teixeira argumenta que “podemos observar que a grande frequência entre os jovens dos sem religião é majoritariamente masculina” (2013, p.69). Esse fato também destaca Roraima das outras unidades da federação que apresentam um número maior de homens entre os declarados “sem religião”. Daí a importância desta pesquisa e sua contribuição para a história do fenômeno dos “sem religião” em Roraima.

Analisando a realidade das duas esferas de Ensino, verifica-se a mesma tendência, há mais mulheres nas escolas públicas: 62%, contra 52% nas escolas

particulares. Com relação aos homens, os dados se invertem, há mais homens nas escolas particulares: 47%, contra 38% nas escolas públicas. A diferença entre homens e mulheres nas duas esferas de Ensino é de 9 pontos percentuais.

Quanto aos fatores que caracterizam os “sem religião”, verificou-se que as características do fenômeno em Roraima são semelhantes às identificadas no cenário religioso nacional, ou seja, os dados indicam que esses indivíduos são jovens entre (15 a 29), em sua maioria, solteiros, desempregados, vivem, sobretudo nas cidades, apenas uma minoria no campo.

Com relação às motivações que levaram esses estudantes a se autodeclararem “sem religião”, verificou-se que envolve um processo de construção histórica e pessoal, fundada em conceitos sociais, familiares, de certo e errado, convivências sociológicas de grupo e aceitação, observações pessoais, são fatores subjetivos que formalizam suas escolhas e a convicção pessoal de não ter religião. Segundo os entrevistados, o fanatismo, a intolerância, a hipocrisia, a falsidade e, sobretudo, a incoerência entre o discurso e a prática dos líderes religiosos, além da falta de incentivo dos pais e a falta de atrativo das igrejas. São esses, os vários motivos que os fizeram perder o incentivo de frequentar a igreja/religião.

A ausência da pertença religiosa e da frequência dos pais, a uma igreja/ religião, segundo os entrevistados, também influenciou em suas declarações como “sem religião”. Os dados apontam que 28% dos pais dos alunos das escolas públicas e 11% das escolas particulares, assim como 14% das mães das escolas públicas e 5% das escolas particulares foram declarados sem nenhuma religião. A diferença entre as duas esferas de Ensino com relação aos pais é de 17 pontos percentuais e, com relação às mães, são 9 pontos percentuais. Quanto à frequência dos pais a uma igreja/templo, os dados indicam 20% dos pais das escolas públicas e 7% das escolas particulares, bem como 11% das mães das escolas públicas, contra 4% das escolas particulares, não frequentam nenhuma igreja/templo. A diferença entre as duas realidades de Ensino relativa aos pais é de 13 pontos percentuais e 7 pontos percentuais entre as mães que não frequentam nenhuma igreja/templo.

Também se deve considerar as motivações provocadas pelas desconversões, o trânsito permanente ou temporário entre diferentes modalidades religiosas, em busca daquela que melhor corresponde às expectativas e consegue responder às questões existenciais. (RODRIGUES, 2012). Outro fator apontado pelos entrevistados é a questão da prosperidade financeira das igrejas. Aqui merece, futuramente, em nova

pesquisa, um estudo mais apurado para verificar as motivações sobre a imigração entre as igrejas, a identidade religiosa e o aspecto socioeconômico que influencia esses jovens estudantes a se incluírem no grupo dos “sem religião”.

Analisando as duas esferas de ensino, observa-se que, apesar do contingente menor, o número de declarados “sem religião”, (nas escolas particulares 25%), é superior ao número das escolas públicas: 17%. Na análise geral dos dados, juntando as duas realidades, pública e particular, a diferença é de 7 pontos percentuais e 18% é o total dos declarados “sem religião”. Observa-se que o número de pessoas declaradas “sem religião” – nessa amostra 18% – é superior ao índice percentual geral do Estado (13%), registrado no Censo de 2010.

Com relação à crença em Deus, 11% dos entrevistados nas escolas particulares declararam não acreditar em Deus; nas escolas públicas, apenas 3% declararam que não acreditam em Deus. Percebe-se uma diferença de 8 pontos percentuais entre as duas esferas de Ensino. Na análise geral dos dados, o percentual apontado dos que não creem em Deus é de apenas 5%.

Quanto à frequência a uma igreja/templo antes do afastamento da instituição religiosa, 85% dos entrevistados das escolas públicas afirmaram que já frequentaram uma igreja/templo antes e 15% declararam não ter participado de nenhuma igreja antes. 82% declarados das escolas particulares afirmaram ter frequentado uma igreja/templo antes, 18% atestaram não ter participado de nenhuma igreja/templo antes. A diferença entre as duas esferas, pública e particular de Ensino, é 3 pontos percentuais.

Considerado um dos grandes pensadores da atualidade, Marià Corbí representa o contexto do fenômeno dos “sem religião” na Europa, onde suas ideias são contributivas para o processo de mudança sociorreligiosas que vive aquele continente, porém o que ele compreende não se aplica aos dados da realidade Roraima.

Conclui-se com o pensamento de Teixeira que afirma: a história religiosa da humanidade vem, de fato, marcada pela presença de uma *ambiguidade* específica. “Há um enigma envolvendo esta questão”. Em situações particulares, se percebe a presença da vitalidade religiosa fomentando a afirmação do humano, a dinâmica da solidariedade e da compaixão. (TEIXEIRA, 2013).

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. Dossiê: Religião e Censo IBGE 2010. In: **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1123-1125, out./dez. 2012.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. As religiões no Brasil e o Censo de 2010: notas em torno do artigo números e narrativas, de Clara Mafra. In: **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 93-98, jul./dez. 2013.

ANTONIAZZI, Pe. Alberto. As Religiões no Brasil Segundo o Censo de 2000. In: **Revista de Estudos da Religião**, n. 2, 2003.p. 75-80.

AVELING, Francis. **Ateísmo moderno**. Disponível em: <<http://www.estudantedefilosofia.com.br/conceitos/ateismomodernophp>>. Acesso em: 17 out. 2013.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BINGEMER, Maria Clara. **Jornada mundial da juventude**. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/traduzindo/platb>> Acesso em: 25 de fevereiro de 2015.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Org.). **Religiões em movimento**: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013.p.63 a 82.

_____. Secularização e Reencantamento: a Emergência dos Novos Movimentos Religiosos, In: Revista brasileira de informação bibliográfica em ciências sociais-**BIB**, n. 56, São Paulo: ANPOCS, 1996. p. 55-68.

CAPROM, Rafael. **Nilismo em Nietzsche**. Disponível em: <<http://bloghistoriacritica.blogspot.com.br/2009/11/nilismo-emnietzsche.html>>. Acesso em: 13 set. 2014.

CENSO escolar matrícula Básica. Disponível em <[www.http://portal.inep.gov.br](http://portal.inep.gov.br)> Aceso em: 22 set. 2014.

CORBÍ, Marià. **Para uma espiritualidade leiga**: sem crenças, sem religião, sem deuses. (Trad. de Maria Stela Gonçalves). São Paulo, Paulus, 2010.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. Tradução Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. A Ciência é uma Religião? In: ANDRÉ, Canian. **Ateus. Net – ceticismo – O vazio da máquina**, 5. ed. s.d. Disponível em: <<http://ateus.net/artigos/ceticismo/a-ciencia-e-uma-religiao/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

DURKHEIM, Èmile **As formas elementares da vida religiosa**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EMMERICK, Rulian. Secularização e Dessecularização na Sociedade Contemporânea: uma relação dialética. In: Revista Eletrônica de Ciências Sociais- **SINAIS** Vitória: CCHN, UFES, n. 7, 2010. p 04-19.

FERNANDES, Silvia. “A (re) construção da identidade religiosa inclui dupla ou tripla pertença” In: **Cadernos IHU em formação**. São Leopoldo, n°. 43, 2012. p 22-25.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidades e Procedimentos**, São Paulo, Humanistas/USP/Imprensa Oficial, 2002.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (197-1931)**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIUMBELLI, Emerson Alessandro. Sem filiação religiosa: “Um contingente significativo e heterogêneo” In: **Caderno IHU em formação**. São Leopoldo, n. 43, 2012. p. 102-103.

GRACINO JUNIOR, Paulo. Dossiê: Religião e Censo IBGE 2010. “A visão aérea e a do nadador”: reflexões sobre católicos e pentecostais no censo de 2010. In: **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, out./dez. 2012. p. 1154-1183.

HAWKING, W. Stephen. **Breve história do tempo: do “big bang” aos buracos negros**. Tradução de Ribeiro da Fonseca. 3. ed.. Portugal: Gradiva, 1994.

_____. **Uma breve conversa entre Richard Dawkins e Stephen W. Hawking**. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=6jG7EbYMIBo> >. Acesso em: 22 mar. 2014.

INTERPRETANDO as experiências do sagrado: Deus na Sociedade Plural, 26º Congresso Internacional da Soter PUC Minas, 08 a 11 de julho de 2013 Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabela 2103 -**

População residente, por situação do domicílio, sexo, grupos de idade e religião.

Disponível em:

<www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=13&i=P&c=2103>. Acesso em: 01 de maio. 2013.

_____. **Sistema de recuperação automática – SIDRA**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c+2013&z>. Acesso em: 22 jul. 2013.

_____. **Tabela 137 - População residente por religião**. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=2&i=P&c=137>. Acesso em: 22 de jun. 2013.

_____. **Tabela 2013** - População residente, por situação do domicílio, sexo, grupos de idade e religião. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=2&i=P&c=137>. Acesso em: 22 de jun. 2013.

_____. **Tabela 4.4.1.1** - População residente, por situação do domicílio, segundo as mesorregiões, as microrregiões, os municípios, os distritos e os bairros – Roraima – 2010. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=2&i=P&c=137>. Acesso em: 01 de abril. 2015.

JOAQUIM, Vicente Paulo. Pesquisa revela que 13% se declaram sem religião. In: **Folha de Boa Vista**. Boa Vista 09 de Jul. 2012. P. 11.

LIMA, Fernando. **Separação entre Igreja e Estado**. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/2320/separação-entre-igreja-e-estado#xzz2fTwXcWWp>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

LUDWIG, Feuerbach. **A essência do cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARIANO, Ricardo. Sociologia da religião e seu foco na secularização, In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.) **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.

_____. Religião e política. A instrumentalização recíproca, In: **Cadernos IHU em formação**. São Leopoldo, n. 43, 2012. p. 98-101.

MENEZES, Renata. Censo 2010, fotografia panorâmica da vida nacional. In: **Cadernos IHU em formação**. São Leopoldo, n. 43, 2012. p. 40-44

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. “A desafeição religiosa de jovens e adolescentes”. In: **IHU On-line**, 5 Jul. 2012.p 26-29.

NOVAES, Regina. Jovens “sem religião”: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **"Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000**. São Paulo, v.18, n.52, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142004000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 dez. 2013.

PORTUGAL, Agnaldo Cuoco. **As variedades do ateísmo moderno**. Disponível em: <<http://unb.br/noticias/unb Agencia/artigo.php?id=74>>. Acesso em: 4 jan. 2014.

REALE, Giovanni; ANTISER, Dario. **História da Filosofia: Do Romantismo ao Empiriocriticismo**. Tradução de Ivo Storniolo, São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção história da Filosofia, v. 5).

RIBEIRO, Jorge Cláudio. Uma nova classe média sem religião? In: **Cadernos IHU em formação**. São Leopoldo, n. 43, 2012. P. 87 -90.

_____. Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva. In: **Caderno IHU ideias**, n. 198, 2013.p. 04-19.

RICK, John. **Teologia cristã e pluralismo religioso**: o arco-íris das religiões. Tradução de Luís Henrique Dreher. São Paulo: Attar Editorial, 2005.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos sentidos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. In: **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, out./dez. 2012. p. 1130-1153.

SILVA, Antonio Leandro. **Indivíduos sem religião**: Desencantamento metafísico do mundo. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

SOUSA, Maruilson Menezes de. Elementos para um a espiritualidade transreligiosa. In: LAIN, Vanderlei (Org). **Mosaico religioso**: faces do sagrado. Recife: Fasa, 2012. (v. 2).

TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da Religião**: Enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes 2003.

_____. **Religião e busca de significado**. Disponível em: <<http://teixeira-dialogo.blogspot.br/2011/09religiao-e-busca-de-significado.html>>. Acesso em: 1 dez. 2014.

_____. Catolicismo no Brasil em declínio. Os dados do Censo de 2010, In: **Cadernos IHU em formação**. São Leopoldo, n. 43, 2012. p. 12-13.

_____. O campo religioso brasileiro na ciranda dos dados. In: **Cadernos IHU em formação**. São Leopoldo, n. 43, 2012. p. 45-49.

_____. Os dados sobre religiões no Brasil em debate. In: **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, jul./dez. 2013.p. 77-84.

_____. **O Diálogo em tempos de fundamentalismo religioso**. p. 1 a 14. Disponível <http://teixeira-dialogo.blogspot.br/2011/09dialogo-em-tempos-de-fundamentalismo-religioso.html>. Acesso em 18 de nov.2013.

VILLASENOR, Rafael Lopez. Crise institucional: os sem religião de religiosidade própria. In: **Revista Nures**, SP, p. 4, n. 17, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/revistanures> Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP >. Acesso em: 22 set. 2014.

ZIZEK, Slavoj; Milbank, John. **A monstruosidade de Cristo**: paradoxo ou dialética? (Org.) Creston Davis, (Trad.) Rogério Bettoni. São Pão Paulo: Três Estrelas, 2014.

APÊNDICES

Apêndice I

**PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

OS SEM RELIGIÃO:

Motivações e causas junto aos jovens do Ensino Médio
das escolas públicas de Boa Vista

Pesquisadora: Maria dos Santos de Jesus Silva

Orientador: Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

Questionário

Nome:

Bairro:

Escola:

Contato:

1. Qual sua Faixa Etária:

15 a 20 20 a 25 25 a 30

2. Estado Civil:

Solteiro Casado União estável Viúvo Divorciado

3. Sexualidade:

Masculino Feminino

4. Você acredita em Deus?

Sim Não

Caso sim, quem é Deus para você?

Força superior Uma Energia a Natureza o Cosmo Outro o
quê? _____

5. Você tem religião?

Não

Sim, qual? Católica Evangélica Espiritismo Budismo

Hinduísmo Judaísmo Gnóstico Islamismo Outra

6. Qual a Igreja de que você participa:

Católica A.de Deus Congregação Cristã do Brasil Universal do Reino
de Deus Evangélica Quadrangular Deus é Amor Batista
Adventista Luterana Presbiteriana Metodista Outras

7. Você já frequentou alguma Igreja antes?

Não

Sim qual? _____

Por que você deixou de frequentar? Quis sair Não tinha como ir Outros
motivos(), quais? _____

8. Quando é que você costuma ir à Igreja?

() Frequentemente

() De vez em quando

() Em casamentos

() Em batizados

() Páscoa

() No Natal

() No Ano Novo

() Em velórios

() Outro, qual? _____

Nunca frequento () Não tenho religião () Sou ateu() Tenho fé, mas não tenho religião () Agnóstico ()

9. Você frequenta, mesmo que de vez em quando, atos religiosos de outras religiões? Não () Sim () Quais? _____**Sobre seus pais:**

Qual a religião do pai? _____

Que Igreja ele frequenta? _____

Qual a religião de sua mãe? _____

Que Igreja ela frequenta? _____

10. O que religião é para você hoje? _____

Apêndice II

Entrevista 1

Qual seu nome completo e sua idade?

R: Guibson Sousa dos Santos (18 anos)

Você acredita em Deus?

R: Eu! Eu acredito, porém, eu realmente acredito, porém, pelo fato das pessoas falarem tanto de algo, falar tanto de Deus, para ser exato, as pessoas falam demais em Deus, mais as atitudes delas não prova, então isso rola aquela controvérsia e então isso acaba atrapalhando o meu entendimento e no entendimento de outras pessoas, então do que adianta? Acho que a atitude está acima de tudo, então não acredito que as pessoas possam, falar de Deus e, por exemplo: eu acredito, mas nem por isso eu saio por aí querendo obrigar as pessoas, ninguém obriga as pessoas ao deísmo, como os ateus utilizam disso, os religiosos também podiam fazer isso, não obrigar. E o fato de existir o missionário, acho que isso é uma forma de ir na casa das pessoas tal, porque as pessoas são preguiçosas de não irem atrás do que elas querem, se conformam com aquilo que são ensinadas desde criança, então simplesmente para ela a verdade dela é somente aquela verdade. Então eu creio que se as pessoas acreditam em algo, ela tem que se aprofundar naquilo mais, sem querer achar que sua verdade, o ateu ele tem sua verdade, o cristão ele tem outra verdade, então cada um pode defender sua ideia sem querer obrigar o outro a acreditar que sua verdade é superior a outra.

Então você acredita em Deus, o que você não aceita é a incoerência entre o falar e o agir das pessoas com relação a sua fé, é isso?

R: Isso. É porque de fato, isso simplesmente faz, por exemplo, e eu posso acreditar, acreditar em uma coisa, mais a forma que eu falo dela, a forma que eu ajo vai contra o que ela ensina, então isso acaba, Deus acaba se tornando, com pessoas assim, acaba se tornando um ser qualquer, qualquer coisa, então uma coisa que ninguém vai acabar com ele, então...

Quem é Deus para você?

R: Deus? Deus, para mim eu não acredito que seja, pode ser um ser, mais um ser que ninguém veja, mais na minha opinião acho que, o fato de dizerem que Deus está em tudo, isso é uma coisa errada. Então pra mim Deus... As pessoas podem fazer sua história sem precisar de Deus. É mais ou menos isso, a pessoa sem acreditar em Deus ela pode virar a pessoa mais rica do mundo, a pessoa mais poderosa do mundo, então

dizer que se apoiar em Deus é tudo, eu acho isso papo furado, simplesmente pelo fato de que, se fosse assim, somente pessoas poderosas seriam religiosas, é mais ou menos isso. Então eu acho isso um erro, então a nossa atitude é o que mostra se agente acredita ou que não acredita.

Você tem religião?

R: Sou mórmon.

Você disse que acredita em Deus, geralmente quem acredita em Deus é cristão, você se considera um cristão?

R: Pode ser. Sim.

Qual a relação da sua religião com a doutrina cristã? Os mórmons acreditam em quem?

R: Em Deus.

Antes de ser mórmon, você já frequentou outra religião antes?

R: Sim. Qual? Católica.

Por que você deixou de participar?

R: Simplesmente, acho que na época eu era muito novo, então eu me batizei na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a igreja conhecida como os mormos, conhecida pelas pessoas de fora, com doze anos. Então eu simplesmente me batizei porque disseram pra mim que era o certo, mas depois de um tempo estudando eu pude perceber que as pessoas não podem chegar pra mim e dizer o que é certo, ou seja, eu assumi um compromisso porque alguém me disse o que era certo, o que era errado, eu não fui atrás. Esse foi um erro praticamente meu.

Você frequenta outra igreja/templo de outras religiões?

R: Não. De jeito nenhum? Não. Nem mesmo numa oportunidade do casamento de um amigo ou coisa parecida?

É, às vezes sim. Então nesses casos você frequenta? Frequento.

Qual a religião de seus pais?

R: Eles também são da mesma igreja. Também são mórmons praticantes? Não minha mãe é falecida e meu pai, eu não sei, eu não tenho contato com meu pai.

O que é religião para você hoje?

R: Religião é uma forma, pra mim é uma forma das pessoas terem confiança em si, mas também daquelas que acreditam realmente e praticam o que elas acreditam, que é defender a verdade, a verdade delas. Então pra mim, religião é uma forma que as pessoas, alguns, alguns não, uns milhares, aliás, de pessoas, utilizam pra dominar, é que

nem política. Política é uma forma que as pessoas utilizam pra dominar uma população ou pessoas que eles acham ignorantes.

Apêndice III

Entrevista 2

Qual o seu nome completo e sua idade?

James Devison Pedrosa de Almeida (17 anos)

Você acredita em Deus?

R: Sim.

Quem é Deus para você?

R: Para mim Deus é um ser que tudo que agente pede, pelo menos desde pequeno, sempre minha mãe falava que, algum problema que eu sentisse eu contasse pra ele. É uma pessoas que agente pode confiar certo? Da qual é amigo realmente, é a única que agente pode confiar, a qual agente sabe que se tiver precisando de alguma coisa, ele atende, assim como agente tem de agradecer pelo que ele atende, assim como agente tem que frequentar os locais, no caso de Deus, que são as igrejas, para mim Deus é um ser único.

Você tem religião?

R: Eu costumo dizer que não, mais eu tenho sim, eu tenho a religião, eu sou evangélico e católico, riso. Mais ainda assim, nessas duas religiões, dessas duas religiões, eu, ainda assim, eu tenho dúvidas delas, tanto que eu queria assim um, um encaminhamento, porque eu não sei qual, entende? É meio difícil, justamente pelas coisas que acontecem tanto dentro da igreja católica quanto da evangélica, porque eu já frequentei muito a igreja evangélica e o problema das igrejas evangélicas, são os falsos pastores, que dizem que estão pregando a palavra verdadeira, mas a gente ver nos olhos deles que não tão pregando a palavra verdadeira, você permanece naquela igreja e você ver pastor saindo por desvio deles mesmo. Estas são as tuas dúvidas? Da evangélica e da católica é, é, as causas de que anda acontecendo na igreja católica, que não precisa citar porque são muitas né?

E quanto a sua frequência nas suas duas religiões, como funciona? Você costuma ir só quando dá vontade, ou você tem certa assiduidade?

R: Quando me dá vontade eu vou a uma das duas, na verdade faz muito tempo que eu não vou à igreja, tem uns dois meses que eu não vou à igreja, justamente pela questão de duvida, porque eu já ouvi muito falar sobre várias religiões entendeu? Já ouvi falar sobre a religião é, o espiritismo, já ouvi falar sobre a maçonaria, mas a maçonaria não é uma religião, é uma Ceita né? Mais já ouvi falar tantas coisas ruins da maçonaria, já ouvi

falar tanas coisas boas da maçonaria, ai tu sabe que, que é as pessoas entendeu? Não sei se, você se confunde. Mas eu me confundo, eu nunca cheguei a frequenta uma igreja, aliás, um templo maçõn né. Acho que é um templo né? Ou um templo espírita, eu só tive a oportunidade de conhecer um templo evangélico, a igreja evangélica e a igreja católica. Então sua frequência nas igrejas é de vez em quando? Exatamente, de vez em quando.

Você já frequentou outras igrejas/religiões antes?

R: Sim, testemunha de Jeová eu já fui, no salão do reino e, já frequentei a dos mórmons mais foi só uma vez e eu não entendi nada. Porque na verdade não teve nem culto, vamos dizer assim.

E sobre seus pais, qual a religião de seu pai?

R: A minha mãe ela gosta muito da igreja evangélica, qual? R. Ela vai à Igreja Batista, Evangélica Batista. E você já procurou conhecer a igreja de sua mãe? Sim é a mesma da minha. Então a igreja evangélica que você diz frequentar é a batista. Sim.

E seu pai, qual a religião dele?

R: E o meu pai ele mexe cum... Risos é macumba, meu Deus! Continuam os risos

E você procurou conhecer esse lado religioso de seu pai?

R: Pois é, eu não. Porque tipo assim, pelo menos o que eu entendo é que a macumba, ela traz uma coisa muito fácil in um período de tempo muito curto, mas leva muito fácil, em um período de tempo mais curto ainda, pelo menos é o que está acontecendo com ele. Ele é uma pessoa muito importante, do meio ne? Só que, ele cresceu muito mais você ver nos olhos que ele tá descendo, entendeu? Talvez ele teja querendo se afastar, mais já é tarde e o meu vinculo com ele não é bom. Não nunca foi bom, até porque no dia em que eu nasci, ele se separou de minha mãe.

E o que é religião para você hoje?

R: É como eu tô te falando é, eu frequento essas duas igrejas, a igreja evangélica e a igreja católica, mais dentro dessas duas religião eu pelo menos eu senti mais na igreja evangélica, eu sinto mais Deus na igreja evangélica, mais de um período pra cá eu não tô vendo, eu não tô conseguindo mais sentir Deus em nenhuma das duas igrejas, entendeu? Eu não tô conseguindo mais sentir Deus.

Quais são as atividades de que você participa nas duas igrejas?

R: Da igreja católica eu frequentava, nos sábados, nos domingos, sempre quando acontecia, um evento da igreja, que igreja às vezes tem evento, eu participava, por exemplo, tem encontro com Deus, eu já fui um encontro com Deus. E lá pelo menos

eles falam que, lá é o lugar onde agente sentir Deus, eu não conseguir sentir Deus, lá agente conta nossos pecados. Na igreja evangélica, eu vou ser bem sincero com você, é a questão da homossexualidade na igreja evangélica você sabe que é a maior, a maior coisa né? Então a igreja católica ela tenta incobrir, mais também é, não adiante gente, pelo amor de Deus! Talvez a dois anos atrás eu tivesse essa resposta, porque eu sentia Deus.

Apêndice IV

Entrevista 3

Qual o seu nome completo e sua idade?

Alexsander Antuni de Oliveira (17 anos)

Você acredita em Deus?

R: Sim.

Quem é Deus para você?

R: Deus é um ser supremo, uma coisa onipotente.

Você tem religião?

R: Não. Considerando a sua afirmativa de que você acreditar em Deus, você se considera uma pessoa cristã? Não. Não necessariamente. Explique por favor. É, né porque eu acredito em Deus que sou necessariamente cristão, somente acredito em Deus, só. Não acredito em Jesus assim...Então você não acredita em Jesus ? Não. Acredito em Deus, Mais também não posso falar que não acredito em Jesus porque não tenho como não dizer isso, até porque é uma coisa que, que eu, colocaram na minha cabeça e é difícil tirar isso de uma hora para a outra, então não posso afirmar que Jesus Cristo não existe, mais eu não me considero cristão, porque eu não pratico os dogmas do cristianismo.

E você já participou de alguma Igreja/Religião antes?

R: Já, da Igreja Católica, quer saber qual a igreja? Sim, pode falar, fique a vontade. Igreja São Francisco. E você gostava quando participava? R. Não, não porque não me interessava.

E por que você deixou de participar?

R: Simplesmente porque eu não, é por causa mesmo que eu não tinha interesse de participar mesmo da Igreja Católica, eu não gosto desse negócio da religião interferir na minha vida.

E hoje, você não participa de nenhuma igreja? Não. E você costuma ir à igreja em alguma ocasião, como em casamento, batizado?

R: Costumo ir a casamentos, batizados, e pretendo até no meu casamento, me casar na Igreja, apesar de não ter religião, vou respeitar a religião.

Vamos falar sobre seus pais? Qual é a religião de seu pai?

R: O meu pai ele é católico e minha mãe também é católica. Os dois frequentam a igreja? Não, risos, nenhum dos dois? Nunca vão? Quase nunca, esporadicamente, é uma

vez ao ano, quando eles querem, eles vão. E vocês conversão sobre religião? Sim, eu converso, meus pais não gostam da ideia de eu não ter religião, mais ele têm que respeitar, eles respeitam.

O que é religião para você, hoje?

R: Religião pra mim hoje, é mais, é muito, sem falar de uma maneira rude, é uma coisa muito pífia, é uma coisa que não vai agregar na sua vida, não vai de uma maneira geral, lhe ajudar a crescer, porque os pastores e os padres de hoje não dão lições de vida, não interpretam a Bíblia como ela é, eles usam para ganhar dinheiro, eles usam para se aproveitar emocionalmente, espiritualmente, não sei, pra mim religião é isso hoje. Você falou de interpretação correta da Bíblia, como seria essa interpretação correta da Bíblia? Pra mim, a Bíblia é um livro de autoajuda, um livro que serve de lição de vida, mostra como você deve viver bem, mais sem ser mandamentos ditatoriais, sem ser uma coisa que você deve ser cego a isso. Você deve ter sua vida, mais a Bíblia serve para lhe ajudar quando você passar por um aperto, você ser desviado de algum caminho, é isso. Então você acha que a Bíblia deve ser usada em momentos oportunos da vida, principalmente nos momentos difíceis, onde você busca nela um auxílio de um encaminhamento, de uma direção? Isso mesmo.

Apêndice V

Entrevista 4

Qual o seu nome completo e sua idade?

Suelem Alves Almeida (19 anos)

Você acredita em Deus?

R: Acredito.

Quem é Deus para você?

R: Pra mim Deus é o ser supremo, é quem criou o universo, todos nós, todas as pessoas e tudo o que existe para nos beneficiar, isso pra mim é Deus. Só que tem, tem as coisas ruins no caso, o demônio, todo lado bom tem seu lado negativo, então não adianta ter só Deus e não ter a maldade também que é no caso, satanás.

Você tem religião?

R: Tenho. Qual? Umbanda. E você frequenta? Sim, quando eu posso, porque como eu faço curso a noite, nem sempre eu tô indo. Aonde você frequenta? Você pode dizer? Eu não sei dá o endereço, mas é no terreiro do seu Cláudio, sabe no bairro? É no Asa Branca.

Hoje você frequenta a umbanda, e antes, você frequentou alguma Igreja/Religião?

R: Sim, a Assembleia, a Testemunha de Jeová e a Adventista.

E você deixou de frequentar, por quê?

R: Eu não entendi muito bem, na Assembleia, sempre quando eu ia, as pessoas ficavam me olhando porque eu não ia de saia, até hoje eu não gosto de saia e eles criticam muito as vestes das pessoas, então eu me senti incomodada com aquilo, as pessoas me olhava desde a hora que eu entrava.

E você ainda frequenta algum templo/igreja?

R: Assim, nunca mais eu fui não. Nem mesmo se uma colega, alguém te convidar?

Se me convidar eu vou, mais pra mim ir eu só, só eu não vou não.

Sobre seus pais.

Qual a religião de seu pai?

R: Do meu pai, ele é da Assembleia e minha mãe também é umbandista. E como é a relação de vocês sobre religião? Assim, o meu pai ele briga comigo todo dia, ele diz que é do demônio, que não é coisa certa, num fala sobre Deus, só mexe com coisa do diabo, mais eu acho que ele tem que respeitar minha religião, cada um tem que viver sua vida.

E existe relação do que seu pai fala com sua religião?

R: Não. E como é a relação religiosa entre seu pai e sua mãe, já que são de religiões completamente diferentes? Eles assim, eles discutem muito, se for falar sobre a religião de cada um deles dois, eles discutem muito.

Quando seu pai vai para a igreja dele, sua mãe se incomoda, fala alguma coisa?

R: Não.

E quando sua mãe sai para a umbanda, seu pai também não reclama?

R: Hunrum.

O que é religião para você hoje?

R: Bom, eu não sei explicar muito bem não, risos, o que é religião, mais pra mim, assim, a religião seria a pessoa ter com que dedicar sua vida, tipo eu dedico, assim, a pesar de ser umbandista, eu acredito que Deus existe, por que toda religião, apesar da pessoa acreditar ou não, Deus existe, até uma pessoa que diz que não acredita em Deus, quando tá no a perrengue diz: Meu Deus! Ou seja, então ela acredita que Deus existe, querendo ou não. Aí pra mim é, é isso. Não sei explicar muito bem.

Apêndice VI

Entrevista 5

Qual o seu nome completo e sua idade?

Iasmim Couto Jesuino (18 anos)

Você acredita em Deus?

R: Não. Bom, começou a uns dois, três anos atrás, por motivo da minha mãe ter uma fé enorme e ela não, não conseguir tudo o que ela pedia, que ela almejava e isso me deixava triste também, entendeu? Nossa! Que Deus é esse que não tá presente? Não tá ajudando ela? Que não tá ouvindo o apelo dela? E por motivo também de não ter me identificado de forma espiritual. Eu nunca alcancei um estágio assim, como os meus como os meus amigos de, de idolatrar aqueles deuses e sentir, se arrepiar. Nunca! Nunca me ocorreu uma dessas coisas, então eu meio que desacreditei, eu nossa! Então não deve ser verdade. A Bíblia também me parece muito fictícia, por diversos motivos.

Você tem uma religião?

R: Não, já passei por várias religiões. Você pode dizer quais? Já fui na evangélica Assembleia de Deus, já fui na Católica, já fui na Umbanda, no Terreiro, no Centro Espírita e, e outras variações. E você se considera membro de alguma das religiões que você citou? R. Não.

Hoje, você frequenta alguma Igreja/Religião?

R: Hoje em dia não. Nenhuma me atrai, parece pra mim, que todas essas igrejas, todas entre aspas, a maioria delas são movidas pelo capitalismo, pelo, pela arrecadação do dinheiro.

Hoje você não vai mais a uma igreja, nem mesmo através de convite de uma amiga (o), para participar de um casamento, de um batizado, ou algo semelhante?

R: Sim, depende do contexto do evento, num casamento, num batizado, em respeito os parentes, amigos meus.

E seus pais, qual a religião de seu pai?

R: Ele é católico apostólico romano. Praticante? Não.

Qual a religião de sua mãe?

R: Também, católica apostólica romana. Eles frequentam a igreja? Meu pai é raramente, ele se considera crente, ele crer em algo, porém, ele não frequenta porque ele acha que não precisa está em uma igreja para praticar a fé dele. Como diz a Bíblia né, “onde estiver uma ou mais pessoas em meu nome, estarei lá.” Então, ele não vai à igreja mais ele fala muito sobre isso, ele debate sobre isso. Com quem? Comigo principalmente,

risos, porque agente, nós temos opiniões diferentes, mais a minha mãe vai com mais frequência. Então existe diálogo religioso entre vocês? Sim, com a minha mãe ele já é mais fechado, ela tem a opinião mais dela, porém, ela respeita, nós temos uma ligação, eu e meus pais, bem liberal e de respeito principalmente né?

O que é religião para você hoje?

R: Religião pra mim é, é um conjunto de crenças e cultura.

Apêndice VII

Entrevista 6

Qual o seu nome completo e sua idade?

Ianne de Melo Leite (19 anos).

Você acredita em Deus?

Meu conceito para acreditar em Deus é bem diferente, eu não acredito assim, basicamente em Deus, eu acredito mais em Jesus, que eu sei que Jesus existiu agora Deus! Não é assim, não tem, riso, digamos fé como os outros ne?

E qual é o conceito que você tem de Deus?

R: Deus foi criado, pra mim Deus foi criado pra pessoas terem fé, acreditar numa força maior, pra dar esperança pra elas poderem continuar a vida.

Você tem religião?

R: Basicamente não, era pra eu ser evangélica, mais ninguém da minha família riso, vai pra igreja.

Por isso você não tem religião?

R: Tenho não.

Também não tem simpatia por nenhuma?

Nunca cheguei a ser atraída por nenhuma não, até porque não experimentei nenhuma religião, às vezes eu tive vontade assim, mais eu não cheguei a experimentar ainda não.

Você não tem religião e não acredita em Deus. E você se considera cristã?

R: Entre risos, não.

Você nunca frequentou nenhuma religião, nunca foi a nenhuma igreja?

R: Eu já participei quando eu era bem pequenina, eu tinha mais ou menos cinco ou seis anos, eu ficava mais na parte das crianças. Quem te levava? Meus pais. Hoje você não vai mais de forma nenhuma? Nem mesmo em um casamento, um batizado, um evento desse tipo?

R: Acho que pra casamento eu nunca fui ainda, risos, é difícil, é, batizado, eu acho que se me chamasse pra ir pra batizado eu ia, essas coisas assim eu até que iria.

R: Independente da religião? Independente da religião. Até congresso de jovens já me chamaram muitas vezes mais, eu tinha vontade de ir mais só que às vezes não dava certo, acontecia alguma coisa comigo, é, é difícil.

Então você não costuma ir à igreja/templo, nem de vez em quando? Não.

Você disse que se te convidassem para batizados, você iria. Esses convites são feitos por feitos por seus amigos, familiares, por saberem que você não frequenta nenhuma religião?

R: Bem é, me convidam mesmo assim, mesmo sabendo que eu não vou pra igreja, esses lugares, mais me convidam, num, num importa não, eu sempre aceito, só difícil eu ir. Sobre seus pais.

Seu pai tem religião?

R: Meu pai não, nem minha mãe. Eles iam pra igreja antigamente.

Qual a igreja, a religião?

R: Evangélica Regular

O que é religião para você, hoje?

R: Pra mim a religião... eu não sei explicar. Porque pra alguns, tem gente que diz que religião é, é besteira, eu num acho besteira! Eu posso num ter muita fé nessas coisas, mais eu acho que a religião é algo importante pras pessoas, porque é sempre algo...Num sei explicar, é algo que dá esperança pra elas, as pessoas dizem, tem gente que tem mania de reclamar que religião é besteira, que religião num ajuda ninguém, mais ajuda! Muitas pessoas, eu num, eu num fico, criticando as pessoas que tem essas religiões, eu acho bom! A minha vó ela é católica e ela me fala sobre a Bíblia, sobre a Igreja e eu escuto tudo que ela fala, eu num reclamo, eu num falo nada, eu gosto quando ela me fala essas coisas.

Você ouve as histórias de sua vó... Gosta delas?

R: E eu não me envolvo, riso, adoro escutar as histórias da minha, principalmente desse tipo, mais eu não costumo me envolver não.

Você não tem curiosidade de acompanhar sua avó para a igreja dela?

R: É meio difícil que, minha vó ela vai muito à igreja, quando ela vai é bem cedim e ela não mora mais aqui, ela costuma viajar muito, então é muito complicado mesmo.

Apêndice VIII

Entrevista 7

Qual o seu nome completo e sua idade?

Bruna Martins Mota (17 anos)

Bruna você acredita em Deus?

Sim eu acredito, ainda mais pela experiência que eu tive é, de sentir assim, alguma coisa diferente, acredito sim.

E qual foi a experiência que você teve? Você pode contar?

R: Posso, não é nada muito escandaloso, foi que teve um final de semana que agente foi pra uma célula, aí agente tava falando sobre é, como Deus tá sempre presente na vida, tá todo tempo com agente, aí eu participo de um grupo de coral e nesse dia também tava falando sobre isso, aí eu fiquei com essas ideias na cabeça, pensando o quanto seria legal, aí quando eu fui atravessar a rua e fui me sentar para esperar minha mãe sair do serviço dela, eu senti uma sensação no coração, como, como se, se fosse, como é que eu poderia explicar? Como se eu não me sentisse parte daqui, mas parte de outra coisa. Acho que as pessoas definiriam como se fosse amada, não que eu não fosse amada por meus pais, não, um outro tipo de amor.

Quem é Deus para você?

R: Uma força superior que está sempre presente em nossa vida

Você tem uma religião?

R: Não, riso, não tenho religião. Porque eu tomo muito cuidado, porque eu acho que a minha alma, o meu destino pós-morte é uma coisa muito séria, então eu não posso entregar na mão de qualquer um, aí eu tô meio que vendo mais pro lado cristão da coisa, se é católica ou se é evangélica.

E você se considera cristã?

R: Me considero sim cristã, procuro ler a Bíblia, procuro ter ato que me aproxime de Deus, mais não necessariamente tô na igreja todo tempo.

Você participa de alguma Igreja/Religião?

R: Bom, participar, de frequentar a igreja de ir direto não, mais o que eu mais frequento, assim, por mais que eu não vá todo tempo, seria o grupo de célula, que é uma tensão mais individual, assim.

O grupo de célula que você diz participar é ligado a alguma igreja?

R: Sim, é ligado a Igreja Evangélica Batista do bairro Jardim Floresta, mais eu já, já fui a vários eventos da Igreja Católica também, batizados... E você gostou? Assim, como o batizado ocorreu em três partes, eu gostei da segunda, não gostei todo.

Você já frequentou uma Igreja/Religião antes? Não, riso, não, não.

E hoje, você frequenta alguma Igreja, alguma religião? Ainda que de vez em quando, esporadicamente?

R: Bem, de vez em quando mesmo, quando me chamam, quando dá realmente vontade de ir, eu não, tipo, acho que uma vez a cada dois, três meses. É difícil eu ir, porque eu gosto de ir, porque eu quero tá lá, pra saber o propósito que é da vaga e eu tá perto de Deus, não porque alguém me chama, e eu tem que tá lá forçada? E sobre seus pais.

Qual a religião de seu pai?

R: Bom, riso, digamos assim, o meu pai ele é evangélico, ele se diz evangélico, mais ele não é praticante, não frequenta. Ele sabe muito da Bíblia, mais não frequenta. Ele já frequentou? Já quando ele era mais novo, só que ele foi forçado, ele frequentou a católica, então ele na católica pisa. E sua mãe, ela tem uma religião? Minha mãe é mais ou menos o caso do meu pai, só que minha mãe se diz católica, só que ela não vai todo tempo pra igreja. Só de vez em quando? Haaa é mais que de vez em quando que eu, é mais difícil ela ir do que eu. Principalmente por causa do horário, o horário da igreja, assim, domingo a noite todo mundo já tá meio que se preparando para o trabalho no outro dia. Mas existem muitas igrejas com missas pela manhã, no final da tarde, em outros horários fora o da noite. Né isso, risos, informação, o negócio é iniciativa lá em casa, riso, de alguém chamar e ir.

O que é religião para você hoje?

R: Hoje riso, bom acho que religião é o modo assim, é um modo que as pessoas podem se aproximar mais duma força maior, força que elas tem segurança pra enfrentar tudo, porque querendo ou não, às vezes você não confia tanto no ser humano, que o ser humano erra do mesmo jeito que você, e você tendo pelo menos a ideia, o sentimento de uma coisa que já sabe vai acontecer, uma coisa que pode ser sua rocha, assim as pessoa se sente mais segura e continuar a vida.

Apêndice IX

Entrevista 8

Qual o seu nome completo e sua idade?

Lucas Tavares da Silva (18 anos)

Você acredita em Deus?

R: Acredito. Eu acredito em Deus mais não tenho uma religião formada, eu tenho uma opinião própria sobre as questões existenciais e a característica dele. Você pode falar dessa sua opinião própria? É, o que acontece é que, a minha família é considerada, aí a minha mãe sempre tentou fazer que minha família aderisse ao catolicismo, nós nos consideramos católicos, mas agora a minha opinião é um pouco diferenciada, porque no catolicismo tem essa questão de santos, tudo mais e eu já num vou muito pra esse lado. Ai também por essa questão de, eu não fui tanto em igrejas e tudo mais, eu criei essa concepção mais pessoal, seria assim.

Quem é Deus para você?

R: É uma força maior, superior que harmoniza o universo.

Você tem religião?

R: Não.

E você se considera cristão?

R: Sim.

Você já frequentou alguma Igreja/Religiões antes?

R: Só em momentos específicos. Quais? No falecimento de um conhecido, batizado, casamento.

Você costuma ir a alguma igreja/templo?

R: Na verdade é, eu estou começando a frequentar aquela igreja São Francisco. Então você está começando a frequentar a religião Católica, na comunidade de São Francisco? Correto. Tô começando a frequentar as sessões de domingo, não tenho nada formado. Ah! Então você está começando a frequentar as missas aos domingos. Isso.

Você frequenta, mesmo que de vez em quando, atos religiosos de outras religiões?

R: Não nenhuma, tanto que eu não tenho contato com outras religiões.

Sobre seus pais.

Qual é a religião de seu pai?

R: O meu pai ele é, eu não sei muito quanto à questão pessoal dele, ele se diz católico, agente até diz católico não praticante, mais toda infância dele foi bem presente, até estudou em escola católica.

Qual a religião de sua mãe?

R: Minha mãe, ela já se considera católica, ela tem mais iniciativa, muitas vezes o que acontece é que ela deixa de ir pela falta da nossa iniciativa, porque o objetivo dela é levar a família toda, aí ela está tentando levar aos poucos. Então você está indo por incentivo de sua mãe? É, eu fui porque principalmente assim, por questões pessoais dela, eu acho que contribuí com o bem está dela e tudo mais, aí eu pensando nela e pensando também numa questão de experimentação minha, aí eu vou.

O que é religião para você hoje?

R: Acredito que a religião é uma coisa necessária, num ponto de vista tanto científico, quanto qualquer outro, porque, por exemplo, inclusive sai em pesquisa que falam que, quem acredita, quem tem religião, tem maior autoestima, demonstra mais firmeza nas questões morais, éticas, aí quanto à religião eu busquei fazer minha própria concepção a partir do catolicismo, mais aí eu retirei a questão dos santos e tudo mais e, pra mim não interessa se Deus é uma coisa criada pelo homem ou não. Porque independente da origem, o efeito é o mesmo na pessoa.

Apêndice X

Entrevista 9

Qual o seu nome completo e sua idade?

Paulo Francinete Dias de Sousa Cruz Neto (17 anos)

Você acredita em Deus?

R: Não. Você quer fazer algum comentário? Porque eu não acredito em Deus? Sim. Depois que eu entrei no Ensino Médio e agente começou a ter aulas mais aprofundadas de biologia e também na internet, eu gosto muito de anaçar sobre o que fala a respeito, ai eu comecei a pegar informação e juntei com os estudos de biologia na internet ai eu vi que pra mim eu não conseguia acreditar em Deus porque era irracional, no meu ponto de vista. A partir daí eu parei de acreditar. E antes você acreditava? Eu acreditava.

Você tem religião?

R: Eu tinha. Qual? Eu era católico. Qual a comunidade, igreja que você participava? Eu nunca fui a par disso, eu ia por causa da família, tipo, eu nunca procurei saber por que eu ia e qual igreja eu ia, falavam que eu era católico, então quando me perguntam, eu respondia que era católico.

Hoje, você não frequenta uma Igreja/Religião?

R: Não. Não que se alguém me convidar eu não vá, que eu tenha algum problema pra ir, mais eu não vou. Se algum amigo me chamar, eu vou. Você vai a qualquer uma que te convidarem? Vou, se me convidarem eu vou.

Você já participou de eventos em outra Igreja/Religião, fora da Católica?

R: Já, a família do meu pai é católica não praticante e minha mãe é evangélica praticante. Você disse que sua mãe é evangélica, qual a Igreja que ela frequenta? Não sei, só sei que é evangélica.

O que é religião para você hoje? Qual seu conceito de religião?

R: É uma prática que convém em tornar sagrado alguma coisa ou algo e tem ou não tem um livro a seguir, não precisa ter. É isso, é uma cultura pode se dizer, que convém tornar sagrado algum deus ou alguma coisa que pode ter um livro de doutrinas ou não. A religião em si, é boa para a humanidade, para quem acredita nela, o que não convém é o fundamentalismo, eu não tenho aversão a religião em si, eu tenho aversão é ao fundamentalismo, com relação à questão do dízimo, essas coisas eu não vejo com bons olhos, eu tenho aversão. A questão da política, a bancada evangélica, eu não entendo

por que precisa ter. Eles colocam pautas que eu acho desnecessária, o movimento LGBT, essas cosas eu não gosto.

Apêndice XI

Entrevista 10

Qual o seu nome completo e sua idade?

Mariana Oliveira Sousa (17 anos)

Você acredita em Deus?

R: Sim, acredito. Eu acredito que ele seja não uma pessoa, mais uma maneira de unir as pessoas. Acho que é ele que decide as coisas que acontecem aqui com agente, com os seres humanos e, assim, que ele dá a escolha. Mais eu não acredito que, por não acreditar nele, que agente vá pro céu ou pro inferno, eu acredito que isso seja gozações.

Você tem uma religião, Mariana?

R: Não.

Você já participou de alguma Igreja/Religião?

R: Sim eu era católica. Você sabe qual era a comunidade? Sim na igreja São Bento.

Porque você deixou de participar?

R: Assim, eu participava quando eu era criança, meus pais são católicos e eu acabava indo, mas depois de um tempo eu comecei a ver o que realmente era, comecei entender, aí eu escolhi melhor.

Hoje, você frequenta alguma Igreja/Religião?

R: Não. Nenhuma. Nem de vez em quando? Nem de vez em quando. Em situação nenhuma? Assim, quando tem algum evento, por exemplo, casamento se tivesse, eu não me oponho ir, mais eu não me interessei pelas reuniões que eles fazem.

Você frequenta, hoje, atos de outras igrejas, outras religiões?

R: Não. De forma nenhuma? Não. Eu não vejo nada contra, só que eu acho que algumas religiões, há algumas que eu não concordo, então eu não me sinto bem no lugar que tem ideias diferentes que eu. E sobre seus pais?

Qual a religião de seu pai?

R: Católico. Praticante? Não. Mais antigamente ele era hoje em dia não é mais.

E sua mãe, qual a religião dela?

R: Também. Também católica? Isso. Os dois não frequentam.

O que é religião para você hoje?

R: E, eu acredito que é uma maneira das pessoas se unirem para uma crença, se unirem para compartilharem as ideias, para debater, para as pessoas poderem disseminar aquilo que elas acreditam.